Teologia Pitagórica



John Opsopaus

(Traduzido e comentado por Ruan Carlos)

Sumário

NTRODUÇÃO	1
História	2
Teogonia	7
Estrutura Triádica	g
DEUSAS	12
Díade Indefinida	13
A Mãe dos Deuses	15
ísis e Osíris	18
Psyché –Mediadora	20
Casamento	22
A Deusa da Árvore Cósmica	23
O Dragão nas Águas	27
Hekate	29
A Cruz Platônica	31
Outras Deusas	33
DEUSES	35
Enigmas do Uno	36
A Mônada e a Díade Indefinida	37
Criação do Demiurgo	38
Criação de Hera	39
Criação dos Outros Deuses	40
Nôus Auto-contemplado	42
O Bem	45
Fogo Primordial	46

Nous Demiúrgico	47
Logos	48
Providência, Destino e Livre-Arbítrio	50
O Artesão	52
A Díade Mediadora	55
Hélio e Eros, os Mediadores	56
lunges, Teletarcas e Conectores	59
Demiurgo e a	61
Alma-do-mundo	61
Zeus Inferior	62
Outros Deuses	65
SOBRE O UNO	66
Aiôn, o Deus Primordial	67
O Uno é Inefável	68
A Matéria é Má?	69
O "Eu" Superior	70
O Caminho Tríplice	71
Monoteísmo Pagão?	72
TEURGIA	73
Sucessão Pitagórica	74
Philosophia Antiga	75
Espíritos Mediadores	77
Daimôn Pessoal Interação com Daimôns	79 80
Guias Divinos	80
Ascensão ao Uno	82
Ascensão Erótica	83
Ascensão Contemplativa	84

Ascensão Teúrgica	87
Princípios Básicos da Teurgia	89
Sumbola e Sunthêmata	90
Exemplos de Sumbola e Sunthêmata	92
Invocação Teúrgica	93
Invocação Teúrgica	94
Telestikê – Animação	95
Desmos kai Eklusis – Ligação e Liberação	97
Desmos (Ligação)	99
Eklusis (Liberação)	101
Autodemos (Autoligação)	102
Sustases – Conjunção	103
Sustase com um Deus	104
Sustase com Daimôn pessoal	105
Operação da Sustase	106
Theourgikê Anagôgê – Ascensão Teúrgica	107
Passo 01 – Purificação e Proteção	108
Passo 02 – Morte Simbólica e Dissolução	109
Passo 03 – Ascensão Através das Esferas	111
Passo 04 – Unificação (Henosis)	112
Passo 05 – Redescida	113

« Capitulo II »
Introdução

História

Este documento apresenta um resumo e uma síntese da teologia do pitagorismo, uma tradição espiritual que tem sido praticada continuamente, de uma forma ou de outra, por pelo menos vinte e seis séculos. Mas primeiro, um pouco de história. (Observação: vou me referir a todos os filósofos e teólogos a seguir como pitagóricos ou platônicos, que é como eles costumam se chamar, pois os termos "neopitagórico" e "neoplatônico" são invenções modernas. Esta história é necessária, mas incompleta e superficial.)

De acordo com a antiga tradição grega, Pitágoras (572-497 AEC) estudou com os egípcios, fenícios, caldeus, brâmanes e zoroastristas e foi iniciado em todos os seus mistérios. Ele supostamente se encontrou com Zoroastro (Zaratustra), mas, uma vez que os estudiosos agora acreditam que Zoroastro provavelmente viveu no segundo milênio a.C, é provável que a tradição grega reflita um encontro entre Pitágoras e os magos zoroastrianos. Em qualquer caso, existem muitos vestígios do zoroastrismo na doutrina pitagórica. Em particular, existem semelhanças entre a Dualidade central do Pitagorismo e os Deuses duais de Zoroastro (Ahura-Mazda e Ahriman). No entanto, também existem conexões com Zurvanismo, uma "heresia" zoroastriana, que colocou um Deus primordial Zurvân Akarana (tempo Infinito) antes dos deuses duais¹. Pitágoras pode ter aprendido essas Ideias com seu mestre Ferécides, cuja cosmologia começa com Aiôn (Eternidade), que engendra a Dualidade Primordial (ver Teogonia abaixo). O livro de Ferécides, que é considerado o primeiro livro de filosofia escrito em prosa, sobrevive em fragmentos e é uma fonte útil para reconstruir o sistema pitagórico.

Quando suas andanças terminaram (c.530), Pitágoras estabeleceu uma sociedade de seguidores em Croton, Itália, onde aprenderam o Modo de Vida Pitagórico (*Bios Pythagoreios*) e foram iniciados gradativamente em seus Mistérios. Ele nada escreveu, mas o poema de Parmênides (fl. 495), do qual sobreviveram grandes fragmentos, parece refletir as Ideias pitagóricas. Aparentemente, descreve uma "jornada xamânica" do mundo ilusório da dualidade ao Um, que transcende a aparente dualidade. Outro pitagórico antigo foi Empédocles (c.495-435), que primeiro explicou os quatro elementos, governados pelos poderes do amor e da Guerra; ele também era um Mago praticante e iniciado nos Mistérios. Fragmentos de sua obra sobrevivem.

Pitágoras transmitiu todos os seus ensinamentos oralmente, e Filolau (c.470-390) foi considerado o primeiro pitagórico a apresentar os ensinamentos secretos em um livro; Diz-se que Platão (427-347) pagou o equivalente a 100 libras de prata por ele assim que estava disponível. Platão foi o pitagórico mais famoso e direcionou a doutrina para um rumo mais intelectual (que é como é entendida por muitas pessoas hoje em dia), mas logo após sua morte, os pitagóricos reviveram as velhas práticas e criaram as tradições que os estudiosos modernos chamam de Neopitagorismo e Neoplatonismo (que não vou distinguir neste resumo). O

¹ Zurvan como um estado pré-diferenciado de Ahura-Mazda e Ahriman. O Uno antecedendo o ser e o não-ser.

Timeu de Platão foi especialmente tomado como uma fonte da doutrina pitagórica, mas todos os diálogos de Platão foram venerados. Xenócrates de Calcedônia (396-314), mais tarde chefe da Academia de Platão (339-314), explorou as hierarquias dos Deuses e de outros Espíritos Divinos, trabalho que usei neste resumo da teologia pitagórica.

Este é talvez o lugar para mencionar as "escrituras" do pitagorismo, isto é, textos antigos que deveriam ter sido compostos por poetas-teólogos divinamente inspirados. O principal deles são as Escrituras Órficas, que foram atribuídas ao lendário e semidivino poeta-músico Orfeu, conhecido por seu resgate da alma de Eurídice (sem sucesso apenas na narrativa romântica tardia). O pitagorismo estava intimamente ligado aos Mistérios órficos, e algumas das escrituras órficas são até atribuídas a Pitágoras. Vários *Orphica* sobreviveram como fragmentos do quinto século a.C e posteriores. Outras "escrituras" são discutidas abaixo.

Apolônio de Tiana (primeiro século d.C) foi um homem milagroso e pitagórico errante; seus milagres e outras façanhas eram suficientemente semelhantes aos de Jesus para preocupar os primeiros polemistas cristãos e provocá-los a tentar desacreditá-lo.

Plutarco de Queronéia (c.46-c.125), conhecido por suas vidas paralelas de ilustres gregos e romanos, foi sumo sacerdote em Delfos por seus últimos 30 anos. Ele era um pitagórico muito erudito, e eu aproveitei generosamente de seus volumosos escritos neste resumo.

Nicômaco de Gerasa (fl. 130) é especialmente conhecido por seu desenvolvimento da numerologia pitagórica. Numenius de Apamea (fl. 160) comparou seu conceito dualístico de pitagorismo com as Ideias dos brâmanes, magos caldeus, sacerdotes egípcios e escrituras judaicas. Seu sistema também tinha semelhanças com os Oráculos Caldeus e o Corpus Herméticum (veja abaixo).

Apuleio de Madaurus (nascido em c.125) é mais conhecido como o autor das Metamorfoses ou Asno de Ouro, mas também era um pitagórico, um iniciado nos Mistérios de Ísis e Osíris e um Mago praticante, como sabemos por sua Defesa (Apologia) contra a acusação de usar magia para seduzir uma viúva rica. Além de Metamorfoses e Defesa, várias de suas obras filosóficas sobreviveram. Suas Ideias combinam elementos Helenêísticos, egípcios e africanos.

Os escritos de Plotino (205-270) são coletados em suas Enéadas; ele é especialmente conhecido por sua prática contemplativa, a Ascensão à União com o Um, que discutirei na Parte V deste Resumo. Os escritos de Plotino foram organizados e editados por seu aluno Porfírio (234-c.305), que também escreveu uma Vida de Pitágoras, Filosofia dos Oráculos, interpretações alegóricas pitagóricas de Homero (A Caverna das Ninfas) e uma polêmica Contra os Cristãos, entre muitas outras obras.

Também importantes como "escrituras" pitagóricas são os Oráculos Caldeus, um poema datado do segundo ou terceiro século d.C. Foi dado por inspiração divina a Juliano, o Caldeu, e seu filho Juliano, o Teurgo. Os oráculos, que sobrevivem apenas em fragmentos, são importantes pelo que nos ensinam sobre práticas espirituais como a teurgia (veja abaixo), que os Julianos aperfeiçoaram; Citarei os Oráculos de vez em quando. Juliano, o teurgo, acompanhou o imperador Marco Aurélio (121-180) em suas campanhas militares, as quais auxiliou magicamente, supostamente lançando raios e fazendo chover. Segundo a lenda, ele

ganhou uma competição com Apuleio e Apolônio para acabar com uma praga em Atenas, mas as datas não parecem possíveis.

Como textos relevantes, devo também mencionar o Corpus Hermeticum, que não é estritamente pitagórico, mas está intimamente relacionado em pontos de vista e, portanto, útil para a nossa compreensão. De acordo com a tradição (Jâmblico), Pitágoras e Platão viram os pilares a partir dos quais os textos herméticos foram transcritos. As escrituras gnósticas às vezes também são úteis para comparação.

Jâmblico de Chalcis (c.245-c.325) nos deixou muitas obras, incluindo Vida de Pitágoras e Sobre os Mistérios, que é uma boa fonte de teologia e teurgia pitagórica. A Teologia da Aritmética atribuída a ele incorpora algumas das Ideias de Nicômaco (de outra forma perdidas) sobre a numerologia pitagórica. Jâmblico atribuiu grande importância aos oráculos caldeus e definiu a direção futura do pitagorismo.

O imperador Juliano (331-363) é mais conhecido por sua tentativa de restaurar a prática do paganismo no Império Romano, que havia sido cristianizado por Constantino (c.272-337). Juliano seguiu os ensinamentos de Jâmblico, e sua iniciação como teurgo pitagórico foi em 352 sob tutela de Máximo de Éfeso, aluno de Aedesius (falecido c.355), que era aluno de Jâmblico. Máximo foi um grande professor de teurgia e magia, que Juliano aprendeu avidamente com ele. A religião de Juliano era uma síntese do pitagorismo e do mitraísmo, que também remonta ao zoroastrismo.

Hipátia de Alexandria (365-415) foi a filósofa feminina mais famosa do mundo antigo; ela ensinou pitagorismo em Alexandria até seu martírio nas mãos de uma multidão cristã, levada ao frenesi pelo "Santo" Cirilo (então bispo). "sua carne foi raspada de seus ossos com conchas de ostra afiadas e seus membros trêmulos foram entregues às chamas", nas palavras memoráveis de Gibbon. Proclo (c.411-485), que era o chefe da Academia Platônica, pegou as Ideias de Jâmblico e de outros pitagóricos e as desenvolveu em um sistema elaborado. Em particular, ele estendeu o uso do Princípio Triádico e das Três Fases de Emanação (veja abaixo). Muitas das obras de Proclo sobreviveram, incluindo seus elementos de Teologia e Teologia Platônica, nas quais baseei grande parte desta apresentação. Ele também escreveu comentários sobre os oráculos caldeus.

Outro famoso representante da tradição pitagórica, que preservou as teogonias órficas para nós, foi Damáscio, que era chefe da Academia Platônica de Atenas quando Justiniano fechou todas as escolas pagãs em 529. Buscando um ambiente mais tolerante, ele partiu com seis outros filósofos para a corte sassânida na Pérsia, mas de lá eles se dispersaram. Um dos Sete Errantes, Simplício, foi para Harã (Turquia), a "Cidade do Deus da Lua", que permaneceu um bastião do Paganismo até o século décimo. A escola pitagórica que ele fundou lá continuou até o século XI, quando os turcos seljúcidas chegaram. Ao longo dos séculos anteriores, foi a fonte do pitagorismo no Oriente.

Um pitagórico importante foi Suhrawardî (1152/3-1190 / 1), fundador dos sufis Ishrâqî (iluminacionistas). Ele era conhecido como mágico e alquimista e foi executado por Saladin, que temia que seu filho se convertesse às crenças heréticas de Suhrawardî. Ele foi um seguidor

das Ideias de Pitágoras e Empédocles, que aprendeu com as tradições herméticas e alquímicas transmitidas pelo mundo greco-egípcio.

Durante 900 anos após a proibição do ensino da filosofia pagã, o pitagorismo permaneceu influente no Ocidente, embora escondido em roupas cristãs. Por exemplo, outro veículo importante para a divulgação das Ideias pitagóricas de Proclo foram os escritos do século V ou VI, atribuídos a Pseudo-Dioniso, o Areopagita, que foram muito influentes nas tradições místicas cristãs. Não está claro se o autor era um cristão devoto tentando esconder a fonte pagã de suas Ideias, ou um pagão forçado a esconder a doutrina pitagórica sob o disfarce cristão. Michael Psellus (1018-c.1081) foi outro seguidor cristão de Pitágoras e Proclo, mas as autoridades da Igreja olharam com alguma suspeita seus escritos sobre pitagorismo, filosofia helênica, alquimia e daimonologia, e o acusaram de paganismo. Seus comentários sobre os oráculos caldeus foram especialmente influentes na tradição pitagórica posterior.

Um ponto de inflexão importante veio com George Gemistos (c.1360-1452), que adotou o nome pagão Plethon. Ele se estabeleceu em Mistra, perto da antiga Esparta, era praticante de um pitagorismo secreto, que se inspirou fortemente nos Oráculos Caldeus, Proclo e (sua compreensão do) Zoroastrismo. Após sua morte, seu Livro de Leis infelizmente caiu nas mãos da Imperatriz Cristã Teodora e de George Scholarios (Gennadios), Patriarca da Igreja Ortodoxa Oriental, que destruiu a maior parte dele (apenas fragmentos sobreviveram): "Então nós levamos o livro para ser entregue às chamas". Felizmente, Plethon viajou em 1439 para o Concílio de Florença, que foi direcionado para a reconciliação do cisma milenar das Igrejas Cristãs Ocidentais e Orientais. Lá ele deu palestras sobre "filosofia platônica", que foram ouvidas por Cosimo de' Medici (1389-1464), que ficou tão fascinado por elas que se comprometeu a estabelecer uma Academia Platônica em Florença.

Isso não aconteceu até 1462, quando Cosimo escolheu o jovem Marsilio Ficino (1433-1499) para organizar e dirigir a Academia, onde conduzia rituais pagãos. Embora Ficino tenha reafirmado seu cristianismo, ele foi muito ativo na busca do pitagorismo e na promoção dele, fazendo as primeiras traduções para o latim dos Oráculos Caldeus, do Corpus Herméticum e de muitos textos platônicos e pitagóricos importantes. No entanto, ele teve problemas com a Igreja por causa das práticas mágicas que defendeu em seus Três Livros sobre a Vida. Outro pitagórico influente foi o aluno de Ficino, Pico della Mirandola (1463-1494), que se tornou muito mais discreto sobre seus interesses mágicos e cabalísticos depois que foram condenados pelo Papa. Não obstante, com a promulgação da tradição pitagórica, Plethon, Ficino e Pico foram fundamentais para precipitar o renascimento da arte, literatura e filosofia conhecido como Renascimento italiano.

Outro passo importante na tradição pitagórica foi dado por Thomas Taylor (1785-1835), conhecido como "o pagão inglês", cujas traduções para o inglês de textos pitagóricos e de outros textos gregos antigos chamaram a atenção de muitas pessoas. Suas obras influenciaram William Blake (1757-1827) e muitas outras figuras importantes do movimento romântico. Suas traduções e comentários ainda são amplamente lidos e são importantes como expressões de uma tradição pitagórica contínua que remonta a pelo menos 2.600 anos.

Finalmente, devo mencionar o influente psicólogo arquetípico Carl Jung (1875-1961), cujo conceito de arquétipos coletivos é emprestado diretamente do platonismo, mas confirmado pela psicologia empírica. Na verdade, o conhecido psicólogo junguiano James Hillman chamou Ficino de "avô da psicologia arquetípica".

Teogonia

Antes de discutir as Deusas e Deuses do Pitagorismo (Capítulos II e III), será útil começar colocando-as no contexto com uma breve visão geral da cosmologia pitagórica. No entanto, devo começar com um aviso. Pitagóricos, neopitagóricos e neoplatônicos diferem entre si em muitos pontos técnicos da teologia, mas estarei ignorando essas diferenças e apresentando algo como uma "síntese" das doutrinas. Isso pode parecer um tanto desleixado intelectualmente, mas, na verdade, acho que é um erro enfatizar demais os detalhes dogmáticos em uma religião que é fundamentalmente mística.

Enfrentaremos uma dessas questões imediatamente, pois a melhor maneira de entender a cosmologia é por meio da teogonia, ou o nascimento dos Deuses. Mas os pitagóricos discordam se isso deve ser entendido como um processo histórico, ocorrido em algum momento, ou se é um processo de emanação, que está sempre ocorrendo. Embora me incline para a visão emanacionista, vou apresentá-la como um mito das origens, pois acho que é mais fácil de entender assim; na verdade, as duas visões são difíceis de separar, porque devemos lidar com o nascimento do próprio tempo. Por isso contarei mitos no tempo presente, que você pode interpretar como o eterno presente ou o presente histórico, como quiser.

O mito começa com uma Unidade Primordial, uma Deidade bissexual², às vezes chamada de Aiôn (Eternidade). Na verdade, essa Deidade inefável está fora do tempo e transcende todas as dualidades (mesmo a de ser e não-ser).³

Por autofecundação, Aiôn dá à luz ou se divide em dois Deuses, a Primeira Polaridade. Esses deuses, a quem podemos chamar de Cronos e Reia, governam as dualidades primárias, incluindo Masculino/Feminino, Pai/Mãe e Unidade/Multiplicidade. Entre essas dualidades, Cronos e Reia regem a Luz e a Escuridão e, por sua alternância cíclica, criam o tempo como o conhecemos. Kronos é o Permanentemente Imóvel, mas Reia é a Exploradora que, por seu Poder de Mudar, faz com que Cronos se torne *Khronos* (tempo). Portanto, Platão (Tim. 37D) diz que o Pai cria o tempo como a "Imagem animada da Eternidade (Aiôn)". A palavra aqui traduzida como "Imagem" (Agalma) se refere especialmente a imagens divinas colocadas em santuários e templos para veneração⁴. Podemos ver nisso uma alusão à prática teúrgica de "imagens animadas", isto é, invocar um Deus em uma estátua.

² "Bissexual" aqui inclina-se mais ao termo "hermafrodita" e indica uma união dos princípios femininos e princípios masculinos.

³ Por essa razão, é tida como "bissexual" (nesse sentido, hermafrodita), pois une o masculino e o feminino, a Dualidade Primordial.

⁴ Pois imagens animadas são imagens que armazenam e recebem um espírito divino. Da mesma forma, o tempo animado é uma imagem animada que recebe o espírito da Eternidade (Aiôn). Ou seja, a essência (ousia) do tempo animado é eterna e imutável, mas sua atividade (energeia) é progressiva e fluida.

Cronos é a suprema simplicidade da Mente Única, assim como Reia é a suprema simplicidade da Matéria Primordial (a Matéria Universal de toda a Existência)⁵. Portanto, ambos são chamados de *Bythos* (Abismo), pois são impenetravelmente profundos e obscuros; mas também são inacessivelmente altos e, portanto, chamados no grego antigo de *Bathos*, que (como o latim *Altus*) significa "alto" e "profundo". Ou seja, a Maior Altura se une à Maior Profundidade, pois eles são Um⁶. Proclo os chama de "semelhanças diferentes".

Cronos e Reia se casam em uma re-união dos Opostos e se tornam o Pai e a Mãe dos Deuses. Visto que Cronos representa a Mônada (o princípio da Unidade) e Reia representa a Díade Indefinida (o princípio da Pluralidade), a união dos dois engendra uma Pluralidade de Unidades Divinas (Hênadas): os Deuses. Assim, eles criaram o Reino Empíreo, o mundo dos Deuses do Olimpo. Os primeiros a serem criados são os Regentes da Segunda Classe de Deuses, Zeus e Hera; Cronos e Reia dão eles à luz ou, por sua união, transformam-se neles; os dois processos dificilmente são diferentes, pois os Deuses dão à luz criando imagens de Si mesmos. Em seguida, Zeus e Hera criam o Reino Etéreo no qual habitam os Seres Celestiais imortais, as Estrelas e os Planetas. Zeus e Hera são o Artesão (Demiurgo) e a Cuidadora, que juntos criam o Reino Material. Zeus pensa as Ideias que definem o mundo, que ele lança como relâmpagos no Ventre de Hera, que as nutre com sua substância, dando assim à luz o nosso mundo. Assim, ela⁷ é a alma-do-mundo que confere a vida (*hê tou Pantos Psychê*, "a alma de Todos"), que une as Ideias à matéria⁸. Por agora, isso é o suficiente sobre a genealogia dos deuses.

⁵ Cronos é o Ser puro, o Nous autocontemplado, sem objeto; Reia é o não-ser, a matéria primordial eternamente potencial.

⁶ A Maior Altura se une à Maior Profundida especialmente no primeiro Uno que antecede qualquer dualidade, i.e. o Deus bissexual/hermafrodita (Zurvan, Aiôn).

⁷ Hera

⁸ A vida, como será exposto, é um termo médio.

Estrutura Triádica

Um dos princípios metafísicos [mais importantes] dos pitagóricos é chamado de Princípio Triádico ou Lei dos Termos Médios. Parte-se da ideia de que não pode haver encontro entre opostos e, portanto, para haver uma Harmonia, ou União, dos opostos, deve haver um Termo Médio, que tem algo em comum com cada um dos Extremos. O termo médio conecta os extremos, mas também os mantém separados, ocupando a lacuna entre eles. Portanto, como veremos, os poderes de mediação também são poderes de separação. Por meio desse princípio, os pitagóricos descobriram muitas tríades na estrutura da Realidade. Por exemplo, no Macrocosmo, o Princípio Triádico revela a alma-do-mundo, que incorpora as Ideias, mediando assim entre a Matéria Não Formada e as Formas Imateriais na mente do Demiurgo. Da mesma forma, no microcosmo humano deve haver alma, que une Mente e Matéria. 9

No entanto, há um paradoxo embutido no Princípio Triádico, pois deve haver uma distinção entre a média e cada um dos extremos ¹⁰. Portanto, outra média é necessária para unir a média original com cada um dos extremos. Como consequência, o avanço da análise pitagórica da Realidade descobriu uma família de tríades em constante proliferação. Isso é evitado por uma versão mais profunda do Princípio Triádico, chamada de Princípio de Continuidade. Ele reconhece que existe um *continuum* ou espectro de um extremo ao outro. As tríades em proliferação são simplesmente divisões mais sutis e precisas do *continuum*. Por exemplo, entre Norte e Oeste descobrimos Noroeste como um termo médio. Mas a aplicação do Princípio Triádico ao Norte e ao Noroeste revela outro termo médio, Nor-noroeste. A divisão triádica continuaria para sempre se não reconhecêssemos que existe um continuum de direções entre o Norte e o Oeste. O Princípio de Continuidade deve ser mantido em mente enquanto exploramos a estrutura da Realidade de acordo com os Pitagóricos. Veremos muitas tríades, mas deve ser entendido que elas são simplesmente divisões convenientes de um *continuum*. Isso se aplica até mesmo às Ordens dos Deuses.

Uma das importantes tríades, que define a estrutura da Emanação em todos os níveis do Ser entre o Um e a Matéria, é: permanência (*Monê*) – progressão (*Proödos*) – reversão (*Epistrophê*). Ela explica como uma Essência pode emanar em formas mais substanciais e ainda reter sua identidade. A Essência, ou natureza imutável, de uma coisa é a permanência; o polo masculino. Ainda assim, tem o Poder ou Potencial (*Dynamis*) para se relacionar com outras coisas, para se mover por um fluxo contínuo em direção a uma maior "participação", isto é,

⁹ Disso se segue que dentro e fora são duas "facetas" de uma mesma substância. ("Assim em cima como embaixo", disse Hermes Trismegisto). A alma individual, portanto, reflete a alma-do-mundo e a alma-do-mundo reflete a alma individual. Essa ideia é o famoso idealismo atribuído a Plotino, onde a alma individual é análoga à alma-do-mundo e, portanto, o mundo é, de certa maneira, ideal/mental.

¹⁰ Pois, supondo que o termo médio entre 1 e 3 seja 2, ainda assim deve haver uma média entre 1 e 2, ou 2 e 3. Esse "problema" prossegue *ad infinitum*.

em direção a uma incorporação mais substancial, a direção de maior Multiplicidade; este é o polo feminino. No entanto, esse fluir faria com que ele perdesse sua definição, então ele reverte ou "Volta" (volta para trás) em direção à sua origem para que possa espelhar sua Essência. O resultado é uma atividade ou atualização (*Energeia*¹¹) do Potencial que emana da Essência; a prole constitui o terceiro polo. Assim, a emanação é revelada como uma relação cíclica.

Observe que em termos de Processo, Mudança (II) é a Média entre o Início (I) e o Fim (III), mas em termos de Característica (ou Essência), o Resultado ou Mistura (III) é a Média entre os Extremos ou Opostos(I e II)¹².

O Princípio Triádico nos permite distinguir três Ordens da criação. No Reino Empíreo, todos os seres são imortais, imateriais e imutáveis; é o Olimpo, ocupado pelos deuses. O Reino Material, que ocupamos, a Terra, é caracterizado por mudanças perpétuas; aqui, todos os seres são mortais. O meio entre os dois é o Reino Etéreo, os Céus, que é ocupado por corpos Celestiais, que são imortais¹³, mas materiais e em constante mutação (em movimento). Visto que a Lua é o corpo celestial mais próximo de nós, o reino material também é chamado de reino sublunar (abaixo da Lua).

O Princípio Triádico também define o *Diakosmoi* ou Ordens do Ser. Entre o Ser Primordial e a Matéria Primordial, existem três ordens: (1) o Reino das Formas, correspondendo às Ideias na Mente do Demiurgo, e (2) alma do Mundo, que medeia trazendo as Formas para (3) o mundo material em ordem.¹⁴

¹¹ Energeia nada mais é do que a energia que atualiza uma determinada potência.

¹² Pois em termos de essência, a reversão é a mistura do polo masculino com o polo feminino; isto é, a coisa, permanecendo múltipla, volta-se à unidade. A tríade Pai – Mãe – Filho é perfeita para explicar essa ideia, pois ao mesmo tempo que a mãe é o meio a partir do qual a semente do Pai pode gerar o Filho, o Filho é também uma mistura do Pai e da Mãe. Ou seja, em termos de processo, a Mãe é o meio; em termos de essência, o Filho é o meio.

¹³ Com certeza, os corpos celestiais não são imortais no sentido de durarem eternamente (pois eles terão um fim), mas sim que, comparados com o devir intenso do reino sublunar, onde as coisas crescem e decrescem muito rapidamente, os corpos celestes são quase-imortais. Além do mais, isso não é um problema para o pitagorismo, pois os corpos celestes ainda são materiais e, portanto, imitam imperfeitamente a imortalidade; ou seja, imitam de acordo com suas próprias naturezas materiais.

¹⁴ Isso assemelha-se à cosmologia do imperador Juliano, exposta em seu "Hino ao Rei Sol". Em Juliano, há três Sóis. O Primeiro Sol é o Rei Inteligível, o reino das Formas e Ideias perfeitas. O Segundo Sol é o Rei Intelectual, aquele que reverte às Ideias perfeitas em um processo de Intelecção. O Terceiro Sol é a manifestação física e visível, dentro do mundo material, do aspecto solar. É por meio do Terceiro Sol que o Segundo Sol (chamado por Juliano de Zeus-Hélios) implanta as Ideias do primeiro Sol no mundo material. Aqui fica demonstrado o caráter mediador tanto em termos de processo (onde o Segundo Sol transmite as Ideias do Primeiro Sol ao Sol físico e visível) quanto em termos de característica, essência e mistura (onde as Ideias são implantadas na matéria por meio do Terceiro Sol).

Pelo Princípio de Continuidade, podemos ver que deve haver uma conexão entre os reinos "superior" e "inferior", entre o Ser e a Matéria, e conectando todas as coisas entre eles. São os divinos *Seirai* (acordes, cadeias, "procissões"), que unem as ordens do ser¹⁵. Por isso, temos conexões com os corpos Celestiais e somos influenciados por eles, que por sua vez transmitem influências dos Deuses; esta é, por exemplo, uma das bases da astrologia. Todos nós estamos conectados na "Grande Cadeia do Ser".¹⁶

Este é talvez um bom lugar para mencionar uma importante classe de seres, os Daimones (DYE-maw-ness). No grego homérico a palavra Daimôn poderia se referir a qualquer Poder Divino, desde as Ninfas aos Grandes Deuses, mas em tempos posteriores passou a se restringir aos Espíritos Mediadores entre Deuses e mortais. Daimones são, portanto, mensageiros valiosos entre os Deuses e nós, e são assistentes úteis em nosso trato com os Deuses, especialmente em adivinhação, magia e teurgia. "Daimôn" é, claro, a origem de nossa palavra "demônio", mas deve ficar claro também que os Daimones não são demoníacos; na verdade, eles são muito mais como anjos. No entanto, isso é o suficiente sobre eles, por enquanto; eles serão considerados em mais detalhes na Parte V sobre Teurgia.

A maior parte do que discuti até agora parece mais filosofia do que religião, mas a tradição pitagórica é baseada em uma série de práticas espirituais. Uma das mais conhecidas é a Ascensão ao Um, em que o praticante, por meio da meditação contemplativa, entra em união extática com o Um. Este é um tipo de Teurgia ("obra de Deus"), pela qual o teurgo ascende à presença de Deus usando símbolos, sinais, palavras, sons, materiais, etc. que são suportados pelo Acorde de Deus e fornecidos por Deus para esse propósito. Existem também outras disciplinas espirituais menores preparatórias para a Teurgia e a Ascensão.

Início	Meio	Fim
Limite	Ilimitado	Limite + Ilimitado
Permanência	Progressão	Reversão
Mente do Demiurgo	Alma do Mundo	Mundo Material
Deuses	Daimones	Seres Humanos
Reino Empíreo	Reino Etéreo	Reino Sublunar

¹⁵ Esse é o fundamento de toda prática mágica e espiritual: todas as coisas, incluindo materiais, estão vinculadas ao Princípio de todas as coisas. - Estão, de certa forma, dentro dele.

¹⁶ Como bem disse Plotino em suas enéadas, "As estrelas são como letras que se inscrevem a cada momento no céu. Tudo no mundo está cheio de sinais. Todos os eventos são coordenados. Todas as coisas dependem umas das outras. Tudo respira junto".

« Capítulo II2 »
Peusas

Diade Indefinida

Os pitagóricos identificam a Mônada com o Princípio Masculino e a Díade Indefinida com o Princípio Feminino, em todos os níveis do Ser. A Mônada é relativamente fácil de entender: ela é o princípio da Unidade e Constância. A Díade Indefinida, entretanto, é mais complexa. Primeiro, ela é o Outro¹⁷; se houvesse apenas a Mônada, não haveria um Outro; assim, ela governa a separação. Por essa razão, Siriano (fl.431 DC), professor de Proclo, identificou a Mônada e a Díade Indefinida com Amor (*Filia*) e Guerra (*Neikos*), as duas principais forças no universo de acordo com Empédocles¹⁸. A Díade Indefinida é chamada de *meta*, pois ela é aquela para a qual a Mônada procede¹⁹, e ela também é chamada de Ousadia e Mudança, pois ela corresponde à progressão na tríade permanência – progressão – reversão. No entanto, porque ela também carrega o princípio ao fim, ela é a mediadora e também a separadora²⁰.

A Díade é o número Dois definido. No entanto, o Princípio Feminino é uma forma transcendente de Dois, chamada Díade Indefinida, onde "Indefinido" deve ser entendido como indeterminado, ilimitado, sem borda e infinito, todos os quais são relevantes para a Díade Indefinida²¹. Primeiro, focarei em sua propriedade de ser Ilimitada ou Indeterminada, o que a torna o oposto da Mônada, que é o princípio de Limite, Determinação e Definição. Assim, a Mônada e a Díade Indefinida são os Princípios do Limite (*Peras*) e do Ilimitado (*Apeiria*), que operam em todos os níveis do Ser, mas de maneira diferente em cada nível²².

No nível mais fundamental²³, a Mônada é o Ser Primordial e a Díade Indefinida é a Matéria Primordial, porque a *Prima Materia* é o fundamento indeterminado, sem forma e sem qualidade de todo ser; ela é a substância – aquela que está por baixo. Como o Ser (a Mônada),

¹⁷ Ou seja, o oposto à Mônada, o princípio de dualidade que permite diferenciar um "mesmo" de um "outro".

¹⁸ O Amor une, é o princípio de unidade; A Guerra separa, é o princípio de separação.

¹⁹ Ou seja, é a "meta" da Mônada; o destino da Mônada.

²⁰ ela media o princípio ao fim, assim como separa o princípio e o fim.

²¹ A Díade aqui é "indefinida" para se diferenciar da mera "Díade" (do número Dois definido). Afinal, a Díade transcendente é o oposto ao Limite e à Definição, portanto é Ilimitada e Indefinida; é o princípio de todo o múltiplo (não é nem um, nem dois, nem três, mas o princípio que multiplica o Um por qualquer número). A díade enquanto número dois é uma definição e atualização da Díade Indefinida, onde a multiplicidade é definida pela unidade (reversão).

²² Entender que operam diferentemente em cada nível é muito importante. A razão para isso é que, quanto mais próxima do Ser (Cronos), menor é a força da Díade Indefinida; igualmente, quanto mais próximo da matéria (Reia), menor é a força da Mônada.

²³ Ou seja, se analisarmos a estrutura da realidade de uma forma geral, sem optar por uma análise minuciosa e muito específica, a Mônada é identificada com o Ser e a Díade Indefinida é identificada com a matéria.

a Matéria Primordial é inefável, obscura, escura; portanto, ambos são chamados de Abismo²⁴. Assim, a Deusa da Matéria também é chamada de Silêncio (Sigê), pois o Silêncio deve preceder a Palavra, o *Logos* informador, corporificando as Ideias do Artífice (veja abaixo, sobre a almado-mundo). Seu papel como mediadora entre o Pai dos Deuses e o Demiurgo é confirmado pelos Oráculos Caldeus (frag. 50):

"Entre os Pais está o centro de Hekate."

(Aqui o Princípio Feminino é chamado de "Hekate", que é pronunciado "heh KAH-tay" no grego antigo). A matéria primordial é muito mais profunda, mais profunda do que a matéria estudada pela física contemporânea. A matéria primordial é potência corporal, não uma "coisa", mas o ilimitado Poder de Ser (poder-ser; potência pura).

Um dos nomes mais comuns do Princípio Feminino é *Dynamis*, que significa Poder e Potencial. Este é o aspecto da Díade Indefinida em que ela é ilimitada, sem bordas e infinita, pois dela é o potencial infinito de ser. Ela é Potencialidade em todos os níveis do Ser, pois leva a Mônada a proceder e tornar-se diferente. Ela é mais poderosa do que a Mônada, o que é alguma coisa, pois ela é o poder ilimitado de ser qualquer coisa; ela é todas as possibilidades.

Portanto, ela é também a fonte prolífica e produtiva de toda a criação. Ela está se multiplicando, pois sem ela a Mônada seria apenas uma, e não haveria nada mais. Ela é quem conduz a Mônada a prosseguir na pluralidade fecunda e na manifestação substancial. Assim, nos níveis inferiores do Ser, ela é chamada Doadora de Vida (Zôogonos), o que nos leva ao nosso próximo tópico.

[14]

²⁴ No Uno Inefável, além do ser e do não-ser, a Mônada e a Díade Indefinida são um. No Uno, o infinito mais alto (Actus Essendi, Ser Puro) se une ao infinito mais profundo (Díade Indefinida, Prima Materia).

A Mäe dos Peuses

Conforme observado acima, a Díade Indefinida, ao trazer multiplicidade à Mônada, cria a pluralidade das Unidades (Hênadas; Deuses). Assim, Reia se torna a Mãe dos Deuses, criando múltiplas imagens do Pai, Cronos.

Os antigos pitagóricos chamavam *Reia* de "o eterno fluir" (*Para Aenaon*) e conectavam seu nome com *Rheô* (fluir) e *Rhoê* (fluxo, dinamismo), uma derivação confirmada pela linguística moderna, que remonta todos à raiz Indo-européia "sreu-" (fluir). Isso ocorre porque a matéria primária é fluida, pois não tem limites determinados, dentro ou fora; A matéria está sempre mudando, sempre em fluxo.

Outra palavra derivada corretamente pelos antigos dessa raiz é *rhythmos*, que significa ritmo, mas também movimento recorrente, movimento medido e tempo. Isso ocorre porque a Díade Indefinida cria Alteridade e, portanto, todas as oposições governadas por Cronos e Reia: Unidade/Multiplicidade, Luz/Escuridão, Masculino/Feminino e muitos outros. Sempre que houver uma tensão entre os opostos, surgirá uma oscilação entre eles, uma abordagem cíclica de um e depois outro²⁵. Portanto, Reia transforma a imutabilidade de Cronos em tempo determinado (*Khronos*), simbolizado pela alternância cíclica de Luz e Escuridão. (Ao criar o tempo, ela também cria o espaço). Além disso, Reia governa todos os processos cíclicos, na Terra e no Céu; ela cria o Universo como uma Harmonia de opostos.

No entanto, a própria Reia existe fora do tempo e, portanto, ela governa o movimento imóvel. Isso porque ela está preocupada apenas com a mudança cíclica e, portanto, com as *proporções numéricas*²⁶ entre os ritmos dessas mudanças; ela governa suas relações harmônicas.

Os antigos também conectavam ritmos a *aritmos* (número), mas os linguistas modernos traçam *aritmos* a uma raiz indo-européia diferente, *rê* (raciocinar, contar), da qual também obtemos palavras como razão, racional, proporção, taxa e rima. No entanto, a conexão antiga nos informa sobre como os pitagóricos entendem a responsabilidade de Reia pelo número²⁷. Isso é natural, pois a Díade Indefinida é o próprio princípio da Pluralidade, que separa uma coisa da outra, mas também da matéria, que, ao substanciar múltiplas instâncias de uma Forma, permite que uma coisa seja diferente da outra.

Reia governa os níveis do Ser acima do Intelecto (veja os Sete Níveis de Realidade de Proclo, abaixo), o que explica por que uma compreensão total do número está além de nossas

²⁵ Isso é Harmonia, a atividade que une os opostos em um Todo.

²⁶ Também chamadas de *logoi*.

²⁷ Platão cita no Timeu que "o tempo é uma imagem móvel da Eternidade criada através do número". O número é Reia, que pluraliza a Mônada e serve como uma ponte para que a multiplicidade retorne à unidade e seja definida por ela, dando vida aos números definidos (um, dois, três, quatro...)

habilidades intelectuais. (A matemática moderna trata apenas de uma sombra empobrecida do Número.) As propriedades do número dividem-se em duas classes, correspondendo às duas fases da Emanação: progressão e reversão. Pois o número compreende tanto o poder de gerar tudo, mas também o poder de unificar tudo²⁸. Em particular, o número discrimina o pensamento holístico de Cronos em Ideias distintas, o Logos articulado de Zeus. Mas também, por reversão, o número redireciona e reunifica as Ideias em direção ao Um.

Isso nos remete ao importante conceito *Noêsis*, que normalmente é traduzido como Intelecção, mas é melhor entendido como um processo de intuição holística, especialmente neste nível, que é anterior ao tempo e, portanto, anterior ao pensamento sequencial. Reia, como Mediadora, é o processo intelectivo (ou noético) que conecta o Intelecto Divino (Zeus) no nível imediatamente inferior, com o objeto de sua intelecção, o Ser Puro (a Mônada), no nível imediatamente superior.²⁹

Mas o domínio de Reia é também o nível de Vida, e por isso Proclo diz: "Vida é Intelecção" (*Zôê Noêsis*). Por um lado, isso significa que a Vida é fundamentalmente idêntica à Intuição holística. Por outro lado, significa que as próprias Ideias são Arquétipos vivos³⁰ (não conceitos estáticos). Os oráculos caldeus (frag. 56) nos dizem:

"Dos Abençoados Noéricos, Reia é a Fonte e a Corrente; pois, primeiro em Poder, em Ventres Inefáveis todas as coisas recebe, em Tudo ela derrama esta ninhada rodopiante."

(Os "Noéricos" são arquétipos que vivem na intuição da Mente Divina e podem ser identificados com os Deuses.)

A conexão etimológica entre Mãe e Matéria é bem conhecida, mas vale a pena examiná-la mais de perto. A raiz indo-européia mâter é a origem de nossa palavra mãe, assim como das palavras cognatas gregas e latinas (Mêtêr, Mater). Este último é a fonte de matriz, que originalmente significava uma mãe de qualquer espécie e, por extensão, o ventre ou qualquer outra coisa em que algo se origina, se desenvolve, é nutrido ou está contido. Matriz, por sua vez, é a raiz da matéria e do material, que se referia originalmente a uma substância originária, nutridora ou sustentadora. Terei mais a dizer sobre mãe, matriz e matéria abaixo.

Vimos que a Mãe é a Deusa que dá vida, a fonte da matéria que flui sempre. Portanto, ela fornece as quantidades (cf. Número) de Matéria necessária para o sustento de tudo na criação.

_

²⁸ O Princípio do Número é a Díade Indefinida, Reia, o que demonstra seu caráter duplo de Amor e Guerra, i.e. de união e separação. Afinal, se ele é o mediador entre a Unidade e seu Oposto (seu Outro), então é ele que possibilita tanto a união quanto a separação. Na matemática, por exemplo, toda operação tem sua operação oposta: a adição tem a subtração; a multiplicação, a divisão; a potenciação, a raiz; e, no Cálculo avançado, a derivada tem a integral (anti-derivada).

²⁹ ela é o que conecta o Demiurgo às suas Ideias no Ser. Portanto, é o processo de Intelecção (Noêsis) do Intelecto (Demiurgo).

³⁰ Le. Deuses.

Ela é a Deusa da Terra Primordial, que dá vida e que tudo sustenta. O nome de Deméter significa Mãe-Terra (*Dê-Mêtêr*, sendo *Dê* uma forma alternativa de *Gê* ou *Gaia*). Ferécides a chama de *Khthoniê*, que significa "ela da Terra"; é um epíteto do submundo, bem como das deusas da terra (visto corretamente, eles dificilmente são diferentes, pois a criação é sustentada de dentro do corpo da deusa da terra). Na verdade, Deméter e Perséfone são chamadas de "as *Khthoniai*", e *Khthôn* é um nome da Deusa da Terra. Seu reino especial é o escuro Tártaro, que fica oposto ao brilhante Olimpo, governado por Cronos. O Tártaro é a região oculta da Matéria Primordial escura, a fundação da existência. A Terra Negra, Escura e Obscura (Khthôn ou Gaia Melaina) era proverbial no grego antigo.

O Pai e a Mãe, tendo se tornado Dois, agora devem dançar ao ritmo de Reia. E esta dança os reunirá novamente, pois o Pai tem luxúria (*Orexis*) pelo corpo da Mãe, e ela deseja reproduzir sua Forma. Por meio de sua conjunção, a Mônada é dividida pela Díade Indefinida e a matéria é unificada pelo Um. Deles vem o Criador e Criadora do Mundo Material. Assim, a Primeira Geração, Cronos e Reia, cede à Segunda, Zeus e Hera. De fato, após o casamento, de acordo com Ferécides, Khthoniê é substituído por Gaia, a Deusa da Terra como a conhecemos, mas esse é o nosso próximo tópico.

Ísis e Osíris

Plutarco, que foi Sumo Sacerdote em Delfos, apresenta essas Ideias em seu livro *Ísis e Osíris*, que foi escrito para a Sacerdotisa Clea. Osiris e Ísis são o Artesão e a Cuidadora, os Criadores do mundo. Seu filho, Hórus, é o Deus do mundo material, o cosmos organizado. Osíris pensa as Ideias que dão Forma ao mundo, mas Ísis é a Mediadora sem a qual elas não poderiam se tornar corporificadas ou substanciadas.

Sabemos pelo mito que Osíris está dilacerado (pois o mundo físico se renova continuamente)³¹. As Ideias ainda existem em sua alma, mas são transcendentes e não podem ordenar diretamente nosso mundo. Porém, as Ideias existem também em seu corpo, onde são formas imanentes. Portanto Ísis se une ao corpo de Osíris, pois ela deseja sua semente formativa e quer materializá-la em seu corpo. Quando ela fica grávida, ela se torna o Princípio da Natureza (*Physis*), e a Natureza depende dela. Como afirmam os Oráculos Caldeus (frag. 54):

"E nas costas da Deusa está pendurada a Natureza Ilimitada."

O nome da Natureza, *Physis*, vem de *phyô*, que significa gerar, produzir ou ser uma coisa ou outra "por natureza".

Mesmo assim, o mundo ainda não é material, mas apenas potencialmente material, pois a Natureza é o princípio de ordem no mundo, mas não o próprio mundo material. Essa ordem se manifesta na Matéria apenas quando Ísis dá à luz Hórus. Assim, a Matéria Primordial é organizada pelas Ideias Articuladas do Demiurgo por meio da mediação da alma-do-mundo. Desta forma, obtemos os Sete Níveis de Realidade de Proclo: Unidade (Aiôn), Ser (Cronos), Vida (Reia), Mente (Osíris), Alma (Ísis), Natureza (Ísis grávida) e Corpo (Hórus).

³¹ Pois as formas imanentes estão sempre "morrendo" no mundo material para terem seus lugares ocupados por outras formas. Dessa forma, se Osíris é a fonte das formas imanentes na matéria e suas formas são constantemente mortas, então o corpo de Osíris, que simboliza as formas imanentes, é constantemente dilacerado e "morto". Em suma, o corpo de Osíris simboliza as formas imanentes e a alma de Osíris simboliza as formas transcendentes.

[Comentário do Tradutor.]

Para se entender a cosmologia pitagórica faz se necessário compreender que a realidade é uma harmonia de opostos e, como tal, todos os opostos fazem parte de uma única realidade, que é o Uno-Todo. Na teologia pitagórica, o Uno-Todo é identificado com Aiôn, uma divindade primordial que realiza em si mesma uma identidade absoluta entre os polos masculino e feminino. Logo, em outras palavras, tudo está no Todo e o Todo está em tudo (o Todo é Um).

Ademais, se no Todo existem todos os opostos, então todos os opostos estão vinculados entre si em um *continuum*. Ou seja, entre mente e matéria, por exemplo, há uma continuidade sucessiva que transforma progressivamente a mente em matéria e vice-versa.

Com efeito, é possível então obter infinitos níveis do Todo e, consequentemente, derivar infinitos sistemas metafísicos dentro do pitagorismo, pois há um *continuum* que vincula um oposto ao outro, o que permite captar diferentes nuances de acordo com o nível de precisão requisitada.

Por exemplo, existem divisões do Todo em três níveis metafísicos (Plotino), mas também existem divisões do Todo em seis níveis (Proclo). Isso não quer dizer que um sistema está mais correto que o outro. Pelo contrário, a única diferença é que um é mais preciso que o outro e dessa maneira consegue captar determinadas nuances que o outro não consegue.

Portanto, somos capazes de obter diferentes sistemas com diferentes níveis, como por exemplo sistemas com dois níveis, quatro níveis, etc. Apesar disso, sistemas divisíveis por três serão mais comuns em razão da estrutura triádica que permeia todo o pitagorismo.

Um dos sistemas metafísicos mais simples que podemos derivar é o que divide o Todo em, simplesmente, dois polos: **Ser Primordial** e **Matéria Primordial**. Esse sistema simples e dual simboliza todos os opostos que são partes do Todo: Ser e não-ser, mente e matéria, unidade e pluralidade, ato e potência, etc.

É possível também derivar um sistema que divide o Todo em três níveis, sendo dois polos opostos e um termo médio: **Ser Primordial**, **Demiurgo**, **Matéria Primordial**. Esse sistema, também simples, expõe que todos os opostos são vinculados por um termo médio no Todo. Aqui, o Demiurgo simboliza o meio a partir do qual o Ser (ato) pode atualizar a matéria (potência).

O sistema de Proclo é um dos mais precisos elaborados e realiza seis divisões do Todo: Ser, Vida, Intelecto, Alma, Natureza e Matéria. Como podem perceber, ele é composto por duas tríades: Ser – Vida – Intelecto; e Alma – Natureza – Matéria. Tal como os dois supracitados, esse sistema também demonstra, embora de maneira mais precisa, como os opostos (Ser e Matéria) são vinculados no Todo.

O sistema procleano é o mais usado neste livro, Pois Cronos (Ser) se casa com Reia (Vida) e dá vida a Osíris (Intelecto). Igualmente, Osíris (Intelecto) se casa com Ísis (Alma) que fica grávida (Natureza) e gera Hórus (Matéria). Por essa razão é que Proclo optou por utilizar duas tríades em seus sistema.

Psyché - Mediadora

A alma (Psychê), princípio da Vida Animada, é a Mediadora entre a Mente (Espírito) e o corpo, tanto no plano microcósmico quanto no macrocósmico; portanto, a alma-do-mundo é a fonte das almas individuais. Ela é a ponte entre as Ideias e a matéria, pois as Ideias são transcendentes, fora do tempo e do espaço, e não podem ser eficazes a menos que sejam postas em manifestação. A própria Deusa fala nos oráculos (frag. 53):

"... depois dos Pensamentos do Pai, Eu, Psiquê, habito, animando com Meu calor o Todo."

ela é perfeitamente adequada para essa tarefa, pois os pitagóricos dizem que a alma é um "número que se move". Esse movimento ocorre por meio dos poderes da Igualdade e da Alteridade (uma imagem de nível inferior da Mônada e da Díade), pois a mudança pressupõe que uma Mesma coisa se torne Outra (ou diferente). (Apolo e Ártemis são os olímpicos responsáveis pela Igualdade e Alteridade, de acordo com Plethon; nos céus, o Sol é sempre o mesmo, mas a Lua aumenta e diminui). Portanto, a alma-do-mundo faz a mediação entre a Eternidade e o tempo, trazendo as Ideias em manifestação no tempo e no espaço.

ela enumera as harmonias que determinam os movimentos dos corpos Celestiais (a "Música das Esferas"), mas também de todos os processos cíclicos da Natureza. Do Limite vêm as medidas desses movimentos, do Ilimitado vem a mudança perpétua da Natureza. É dela o movimento perpétuo da Vida, pois embora as vidas individuais (*bioi*) acabem, a Vida (*Zôê*) é eterna. Assim, os Oráculos (frag. 96):

"para Psiquê, pelo Poder do Pai, um Fogo Radiante, permanece imortal, e ela é a Senhora da Vida, e detém medidas completas dos muitos ventres do Kosmos."

Em particular, as Ideias "movem-se" no raciocínio discursivo, que é uma função da alma (em oposição à Mente intuitiva, ou *Nous*). De maneira mais geral, a alma-do-mundo também é chamada de Sabedoria (*Sophia*) e Pensamento (*Ennoia*).

Uma vez que a alma-do-mundo traz as Ideias para o espaço, o mundo inteiro está infundido com a alma. Portanto, ela estabelece Simpatia Cósmica (*Sympatheia*), que une o Todo em Um; daí a máxima alquímica, "o Todo é Um" (*Hen to Pan*). Essa Simpatia é a base da magia e, portanto, não é surpreendente que Ísis e Hekate (veja abaixo) sejam Deusas da Magia. Como Plotino (IV.4.40) diz,

Mas como explicaremos os encantos (goêteias) da Magia? Pela Simpatia e pelo fato de haver uma Harmonia natural entre as coisas que são semelhantes, e uma Oposição entre as que são diferentes ... E a Magia real no Todo é o Amor junto com a Guerra. Este [amor] é o primeiro Mago e

Encantador; foi quando os homens observaram a Magia do Amor que eles começaram a usar amuletos e feitiços uns nos outros."

(adaptado de traduções de Kingsley e outros)

Podemos dizer que Eros (Amor) motiva o desejo de Psychê (alma) de manifestar o Mundo. Isso é bem conhecido pela história "Cupido e Psique", que faz parte das Metamorfoses (ou Asno de Ouro) de Apuleio, o filósofo pitagórico, mago e iniciado nos Mistérios de Ísis e Osíris. Psiquê é aquela que, em busca de seu amor, desce ao mundo inferior (mediando a progressão) a mando da Grande Mãe, e que por sua vez é elevada ao Olimpo pelo amor (mediando a reversão).³²

³² Aqui mostra o caráter duplo da alma-do-mundo (Psyché), que desce ao mundo material (manifestando o mundo material) e sobe ao Olimpo (buscando as Ideias seminais na Mente do Demiurgo). Também demonstra a Harmonia por meio do Amor e da Guerra, união e separação, retorno e progressão.

Casamento

O Pai e a Mãe dos Deuses, Cronos e Reia, os Regentes dos Titãs, engendram os Regentes do Olimpo, Zeus e Hera, que são casados. Zeus e Hera são emanações de Cronos e Reia e, portanto, podemos considerá-los filhos dos Titãs ou versões transformadas deles, como quisermos. Portanto, podemos encontrar o mesmo nome sendo aplicado a Deuses em diferentes estágios de emanação, ou seja, em diferentes pontos de uma Cadeia de Procissão (Seira). (Dessa forma, às vezes encontramos os nomes Reia e Hekate invertidos nos Oráculos Caldeus.)

Por exemplo, de acordo com a escritura órfica, Reia assume a forma de uma serpente em uma caverna e ordena que Zeus vá até ela. Ele (assumindo o papel de Cronos) se acasala com ela, e ela dá à luz Deméter, a Mãe Terra. Deméter recapitula as ações de Reia com Zeus, e de sua união nasce Perséfone. Finalmente, de acordo com o mito órfico, Perséfone se acasala com Zeus (no qual vemos também seu papel como Deus do Submundo) e gera Dioniso.

Ferécides dá os nomes Zas e Khthoniê aos primeiros deuses após o Deus do tempo Sem Fim. Ela é a Rainha Negra do Tártaro, a Deusa da caótica Matéria Primordial; ele o Rei do Olimpo, que lança relâmpagos transformadores. Mas o casamento os uniu. Atuando como Divino Artesão, Zas tece um presente de casamento, o "Presente para o Desvelamento" (Anakaluptêrion), um Manto Variegado (Pharos), que é adornado com o mundo ordenado (o Cosmos, para Kosmos, significa boa ordem, arranjo, adorno). Após cobrir a cama na noite de núpcias, ele o envolve em torno de Khthoniê, e assim ela se torna Gaia, a Deusa da Terra viva. 33 (Uma escritura órfica perdida é chamada de O Manto.)

Por meio dessa união, o Ventre da alma-do-mundo é impregnado pelas Ideias do Demiurgo, e ela dá à luz as Esferas Planetárias giratórias (*Kosmoi*), que escondem a simplicidade ígnea do Um, mas ainda nos conectam a ele; nas palavras dos Oráculos Caldeus (frag. 34):

"Daí surge o nascimento da Matéria Variegada; daí, uma tempestade de relâmpagos que varre obscurece a flor do fogo, em Espirais de Kosmoi saltando; pois daí todas as coisas começam a se estender, lá embaixo, as vigas maravilhosas."

As "espirais" (Koilômata) podem ser traduzidas como as cavidades ou ventre da matéria.

³³ Resumindo, a explicação filosófica e metafísica deste mito é simples: Zas (Demiurgo; Artesão) tece as Ideias que formarão o mundo (Manto Variegado adornado com o mundo ordenado) e transmite-as a Khthoniê (almado-mundo). A alma-do-mundo nutre essas Ideias e gera o mundo material (Gaia; Terra Viva).

Assim, da mesma maneira que Cronos transmite sua essência para Reia para que esta possa gerar a pluralidade de deuses na mente do Demiurgo, também Zas (Demiurgo) transmite suas Ideias para Khthoniê para que esta possa gerar os múltiplos corpos no mundo corpóreo.

A Peusa da Árvore Cósmica

Por ser envolvida no Manto Variegado, Khthoniê também se torna o Carvalho Alado (Huptopteros Drus), que é a Árvore Cósmica; suas raízes estão no submundo e sua coroa está nos céus³⁴; portanto, ela medeia o céu e a terra. Sua Sandália é o Tártaro, o abismo sem fundo, as profundezas escuras da Matéria.

Já consideramos a conexão etimológica entre Mãe e Matéria, mas há mais a dizer sobre isso. Matriz, como observado, refere-se a uma mãe de qualquer espécie, mas também a uma árvore-mãe; é também a substância da qual tudo cresce, e o ventre (literal ou figurativamente), que o nutre.

Além disso, o significado original de *Materia* (que é derivado de Matriz) é *Madeira* (a Substância da qual cresce a Árvore) e, por extensão, a Substância de qualquer objeto físico, isto é, Matéria.

Da mesma forma, o significado da raiz do grego *Hylê* (Matéria) é Madeira. Os etimologistas antigos conectavam *hylê* com o latim *sylva* (isto é, silva = madeira, floresta), visto que o grego geralmente tem um "h", enquanto o latim tem um "s" (compare *sreu* indo-europeu com o grego *Reia*, *rheô*, etc., discutido acima) Embora os linguistas modernos rejeitem essa conexão, ela ilustra a antiga associação entre a matéria e a madeira. A madeira é um símbolo da matéria viva³⁵.

Matéria também significa alimento e nutrição, o que nos lembra que a Árvore Cósmica também é a Árvore da Vida. Ela puxa a Seiva da Vida, as Águas do Abismo, para suas Raízes, e a conduz para cima, para sua Coroa, da qual o Orvalho Ambrosial goteja como mel para alimentar almas imortais. Entre suas raízes está o Escoamento (*Ekroê*), a Fonte Ambrosial, procurada pelos iniciados Órficos. A Deusa da Árvore é a Cuidadora que nutre as almas com seu Seio Ambrosial.³⁶

Existem muitos mitos em que Zeus (ou outro Deus) se casa com Hera, Perséfone ou outra Deusa ctônica ou da vegetação na forma de uma Árvore, e a Deusa da Árvore era adorada sob muitos nomes diferentes na Grécia antiga e em todo o Mediterrâneo. Por exemplo, Ártemis

³⁴ Pois o mundo corpóreo (Gaia) é composto por matéria e forma. A matéria é o submundo, a forma são os céus.

³⁵ Ou seja, um símbolo do mundo corpóreo, que nada mais é que matéria formada (matéria viva; Gaia).

³⁶ Em resumo, a Árvore Cósmica utiliza das potências das Águas do Abismo (Tártaro, matéria) e a partir delas gera vida na sua coroa (Olimpo, formas). Em outras palavras, a Árvore da Vida leva a seiva do solo (Tártaro) até sua coroa (Olimpo) e com ela dá vida ao mundo corpóreo e à Natureza.

No entanto, as formas na matéria são análogas às formas na mente do Demiurgo (Olimpo), então pode-se dizer que é por meio da Árvore Cósmica que o Poder das Águas do Abismo (matéria) flui por todos os níveis da realidade e é capaz de alcançar Cronos, dando vida, através de Reia, aos múltiplos deuses (almas imortais).

Disso decorre o fato de que as águas do abismo (matéria) são o poder que dá vida aos deuses imortais. Por isso é que os iniciados órficos, visando tornarem-se deuses, procuravam a Fonte Ambrosial da Árvore Cósmica.

era chamada de Orthia, a Deusa Ereta, quando ela era adorada como uma Árvore ou Pilar representando o Eixo Cósmico.

Embora não seja muito conhecida, *Helenê* (ou seja, a Helenê da Guerra de Tróia, Rainha de Esparta) também é uma Deusa das Árvores; ela tinha templos em Esparta e em muitos outros lugares. Em particular, em Esparta havia uma árvore de plátano sagrada para ela, que faziam guirlandas e ungiam com óleo. Ela também foi representada como uma Deusa do Pilar (um pouco como as Donzelas Cariátides na Acrópole) e era adorada como "Helenê da Árvore" (*Dendritis*) em Rodes. Helenê nasceu de Zeus e Leda (isto é, a Deusa Lada, "a Senhora"), ela mesma filha de Oceanus (sobre quem, veja abaixo), conforme contado no mito "Leda e o Cisne". (O Cisne é o pássaro de Apolo, que dificilmente se distingue de Zeus neste contexto; veja "Deuses".) ela emergiu de um Ovo azul, que pode representar a Esfera Celestial, ou Céu e Terra antes de serem separados.³⁷

Os seus irmãos são os Gémeos Dioskouroi (os "Rapazes de Zeus": *Dios Kouroi*), Castor e Pólux. De acordo com diferentes relatos, eles nasceram do mesmo Ovo de Helenê ou de um Ovo diferente de Leda. Eles usavam gorros em forma de meia casca de ovo representando os hemisférios celestiais (ou Céu e Terra), uma vez que suas estrelas nunca estão acima do horizonte ao mesmo tempo. Os gêmeos são os servos fiéis da Grande Deusa, a Mãe dos Deuses, seja ela chamada Reia, Kybele ou outro nome. Por exemplo, o Dioskouroi resgatou a adolescente Helenê após Teseu raptá-la quando ela era dançarina no templo espartano de Ártemis Orthia (que dificilmente se distingue de Helenê). Eles são frequentemente mostrados em pé em cada lado de uma Deusa, como Helenê, Ísis, Artemis, Astarte, Afrodite, Hekate, Kybele ou Demeter; frequentemente, ela é uma deusa lunar. Frequentemente, ela também é uma deusa da fertilidade e da geração material (correspondendo à terceira das três funções de Dumézil; Cronos e Zeus correspondem às duas primeiras).

Castor era mortal, mas Pólux é imortal. Portanto, a conexão de Helenê com Castor e Pólux pode ser comparada com a relação de Ísis com o corpo e a alma de Osíris. Se Helenê compartilhasse o Ovo com o Dioskouroi, isso se compararia a Ísis e Osíris compartilhando o Ventre da Deusa Mãe Noz. Osíris foi morto quando ficou preso em um caixão em torno do qual crescia uma tamargueira; Castor foi morto enquanto se escondia em uma árvore de carvalho (ou talvez cada irmão estivesse em uma árvore). O imortal Pólux ficou tão triste com a morte de seu irmão que pediu a Zeus que os gêmeos pudessem compartilhar a mortalidade e a imortalidade por meio de uma morte cíclica e renascimento, já que Osíris é ciclicamente dilacerado e rejuvenescido por Ísis.

Simão, o Mago, o homem santo gnóstico caluniado na Bíblia (Atos 8.9-24), adotou como sua Soror Mystica (Irmã Mística) uma cortesã chamada Helenê, que ele acreditava ser uma reencarnação de Helenê de Tróia. Portanto, ele a chamou de Mãe, Ser e Sabedoria; e ele se autodenominou Grande Poder de Zeus. Por fim, seus discípulos ergueram estátuas para eles, nas quais eram representados com os atributos de Zeus e Atenas (como Deusa da Sabedoria).

[24]

³⁷ O Ovo Azul é, aqui, um símbolo para o nascimento da alma-do-mundo (Helenê), a mediação entre o céu e a terra.

Embora as afirmações de Simão possam parecer o cúmulo da arrogância, elas ilustram seu conhecimento do Artesão e de sua Irmã Mística – o Artesão e a Cuidadora.

Na Alquimia, a Grande Obra recria o ato da criação cósmica. A Sabedoria é fornecida pelo Sábio Ancião, identificado com Saturno (*Kronos*) ou Pai do tempo (*Khronos*), também chamado de *Altus* (Alto, Nobre, Profundo, Secreto, Antigo); ele tem as Ideias, mas não pode trazê-las à manifestação. Isso é realizado pelo Alquimista (Artesão) em cooperação com sua Irmã Mística; uma conjunção dos poderes masculino e feminino é necessária para completar a Obra³⁸.

A Deusa da Árvore é frequentemente vista com uma Cratera, uma Tigela da qual ela derrama o Néctar Divino. Além disso, Ísis é representada como uma Árvore com um peito do qual Hórus suga, e nos festivais de Ísis em Corinto, o leite foi derramado de uma tigela de ouro em forma de peito. Além disso, está escrito que em um templo de Atenas, Helenê dedicou uma tigela de electrum moldada na medida exata de seu seio. Finalmente, quando Telêmaco, durante seu rito de passagem, visitou Menelau e Helenê (que correspondem ao Demiurgo e sua esposa), eles lhe deram uma cratera e um manto (*Pharos*). (Menelau foi deificado por Helenê e transportado fisicamente para o *Elysium*; em dias posteriores, o par era adorado como Divindades. Seu nome significa permanecer ou permanência [*Menô*] e Povo ou Anfitrião [*Laos*].)

A cratera é frequentemente mostrada como os chifres reclinados da Lua, o que certamente é apropriado para esta Deusa. (Helenê, Ísis, Hekate, Artemis e até Hera podem usar os chifres lunares.) No entanto, a Lua crescente também simboliza que ela é uma fonte de iluminação e, portanto, pode ser representada também por uma estrela ou tocha (especialmente apropriado para Hekate). (Alguns mitólogos atribuíram Helenê e Selênê (Lua) – e mesmo Luna – à mesma raiz, *helê*, referindo-se à iluminação; a evidência é inconclusiva. O nome Helenê foi dado ao Cesto Sagrado transportado em certas festas de Ártemis; a palavra também pode significar tocha.)

É claro que a saga de Tróia tem a estrutura de uma iniciação: separação, período liminar (provas) e reintegração. Pitagóricos associam *Ilion* (Tróia) com *Hylê* (Matéria) e interpretam a Guerra de Tróia como uma alegoria para a sedução e aprisionamento da alma (Helenê) pela Matéria (Troiano Paris), e seu resgate e retorno para casa, para seu local de nascimento e para a Casa da Mente (*Menelaos*). Além disso, devo lembrar de Penélope, que aguarda o astuto Odisseu, e se senta ao lado de sua Cama de Casamento, que é uma parte da Árvore no centro do palácio, onde ela tece e desfia perpetuamente um Manto, um lençol Sinuoso. Ela espera enquanto Odisseu procura. Os pitagóricos leem a Odisséia como uma alegoria para a jornada espiritual, como será discutido na Parte V.

Finalmente, devo mencionar a história de Reia Silvia e seus filhos gêmeos Romulus e Remus. "Silvia" é da Silva (floresta), o que, como já vimos, se refere a Madeira e Matéria. Ela também

[25]

³⁸ A Alquimia, portanto, parte do pressuposto de que o mundo como tal ainda é incompleto e que o homem precisa participar da criação começada pelo Demiurgo (Zeus, Zas, Osíris) e sua Irmã Mística (Hera, Khthoniê, Isis).

foi chamada de Reia Ilia porque ela deveria vir de *Ilium* (Tróia). Ela foi estuprada por Marte em seu bosque sagrado e, portanto, deu à luz os gêmeos por uma espécie de nascimento virginal. Eles foram colocados à deriva em um berço (um arco simbólico) e, mais tarde, levados para a praia sob uma figueira sagrada. Por terem sido amamentados (pela Loba) sob esta Árvore, era chamada de Figo Ruminal (*Ficus Ruminalis*) ou Rumina, de Ruma, que significa Tetina ou Mamilo; Rumina também é uma Deusa da Amamentação. Como seria de se esperar de tais gêmeos da árvore sagrada, Remus morreu (desceu para o submundo), mas Romulus tornou-se imortal e ascendeu ao céu.

O Dragão nas Águas

Sendo a Árvore o Eixo Cósmico, o Fuso da Necessidade (Anankês Atraktos), ela é também a Matriz do Destino e, portanto, a profetisa (mantis), "curandeira-vidente" (iatromantis, "xamã") e poetisa inspirada (entheos poiêtês), todos vão para a Árvore do Conhecimento desejando Sabedoria (Sophia). Eles leem o Destino na queda de suas folhas. No entanto, nem esta Sabedoria nem o Fruto da Árvore Cósmica são fáceis de ganhar, pois a Árvore é cercada por Águas Primordiais e guardada por uma Serpente ou Dragão.

As Águas e a Árvore representam o Poder não individualizado da Vida Universal (Zôê), associado à Grande Mãe (Reia, Afrodite, Deméter). Essas forças titânicas são conquistadas e superadas pelo Demiurgo e sua Irmã Mística, que, por meio da alma, manifestam a Vida Universal no espaço e no tempo, dando origem à Vida Individual (*Bios*), que habita ao lado da Morte (Perséfone, Ísis, Psique). As Águas são o caminho das almas para a encarnação, mas também o Caminho para a imortalidade (progressão e retorno).³⁹

Os gregos diziam que as Águas Primordiais, que definem os limites de nossa existência, eram governadas por Tethys e Okeanos (Oceanus); ela é invocada como Mãe e ele como Origem dos Deuses e de todo o Mundo. A Guerra os separou e eles pararam de acasalar; assim terminou o processo de manifestação primária, mantendo assim o Mundo em limites finitos.

Normalmente, o dragão é um híbrido: humano (geralmente feminino) acima e uma cobra ou peixe abaixo, como uma sereia. Tal ser combina a consciência humana limitada pelo tempo com o eterno e inconsciente Poder da Vida.

Existem muitos relatos mitológicos da Serpente e da Árvore. Por exemplo, a Mãe Terra dá a Zeus e Hera um presente de revelação, uma árvore com maçãs douradas, que é plantada no oeste, nas regiões escuras além de Okeanos, onde Atlas se estende entre a terra e o céu. Este é o Jardim das Hespérides, uma tríade de deusas parecidas com sereias, que atraem os mortais para ritos e iniciações secretas por meio de sua música encantadora. Eles são nomeados em homenagem a Hesperos, a Estrela Vespertina, que é sagrada para Afrodite, que às vezes é creditada com a criação das Maçãs Douradas. As Hespérides cuidam da Árvore e de suas Maçãs Douradas, mas Hera também a mantém sob a guarda do Dragão Ladôn, nascido de Gaia, que jaz escondido nas cavidades escuras da Terra.

Nos contos bem conhecidos de Hércules, um de seus Trabalhos era buscar algumas das Maçãs das Hespérides, mas as histórias divergem quanto a se ele as conseguiu à força, matando o

³⁹ As águas são, então, símbolos da Vida Universal, do Poder, da Díade Indefinida e da Grande Mãe. Dessa forma, as águas são símbolos tanto para o caminho rumo à encarnação quanto para o caminho rumo à imortalidade e libertação, pois a Díade Indefinida é a mediação tanto para a progressão quanto para a reversão. Portanto, através das águas e, consequentemente, da Grande Mãe, é possível atingir a imortalidade.

A concepção da Árvore Cósmica leva, como já mostrado, à mesma conclusão, pois as Águas do Abismo são a Fonte Ambrosial através da qual os Deuses ganham vida.

Dragão, ou com a cooperação das Hespérides. Assim, pode-se obter o Fruto conquistando o Dragão ou recrutando a ajuda do Espírito da Árvore. (Embora possa parecer surpreendente, pitagóricos, estoicos e outros filósofos gregos consideram Hércules o herói espiritual ideal; isso ocorre porque eles entendem seus trabalhos alegoricamente como os exercícios espirituais e as provações que levaram à sua eventual deificação). Apolo matou (ou conquistou de outra forma) a Dragão de Delfos, nascida de Gaia, que estava enrolada ao redor do Loureiro no Centro do Mundo. Este dragão costuma ser chamado de Pythôn, mas isso não é correto, de acordo com as fontes mais antigas. Em Delphi morava o Dragão Typhôn (nascido de Gaia e Tártaro), bem como a Dragão Delphynê, cujo nome vem da mesma raiz arcaica delph- (Ventre) do próprio Delphi. Apollo matou a Dragão, mas a Dragão ainda guarda o Onfalo, a Pedra do Umbigo marcando o Eixo Cósmico. O Poder Sagrado do Sol fez com que o corpo da Dragão apodrecesse (Pythô) - isto é, o Sol o reduziu alquimicamente à Matéria Primária - e a partir desse evento Delfos recebeu seu antigo nome, Pythô. Como consequência, o Dragão agora é chamado de Pythôn e a Profetisa Délfica é chamada de Pítia. Apolo foi obrigado a compensar e indenizar seu feito por um Grande Ano (oito anos mortais), durante o qual ele foi exilado de Delfos.

O nome de Pitágoras também é rastreado até Apolo Pitio. Quando seus pais estavam visitando Delfos, a Pítia profetizou que sua mãe teria um homem santo; Apolônio de Tiana disse que o próprio Pitio gerou a criança. Em qualquer caso, Pitágoras certamente pertencia à Corrente ou Linhagem (Seira) de Apolo. A partir de então, sua mãe se autodenominou Pythais e deu ao filho por nascer o nome de Pitágoras.

Quando Kadmos (cujo nome lembra Kosmos) chegou ao local onde iria fundar Tebas, ele precisou de Água para um sacrifício, mas quando se aproximou da Fonte de Ares, ele encontrou um dragão gigante guardando-a. (Muitas pinturas de vasos mostram o Dragão empinado sobre uma mulher, presumivelmente o Espírito da Primavera, talvez Harmonia, que se senta ao lado dele.). Ele matou o Dragão e, sob a orientação divina, semeou seus dentes, que brotaram em homens chamados de Semeados (Spartoi) ou a Semente de Elmo Dourado. (Podemos ver nisso a semeadura das Ideias Seminais na Mãe Terra.) Em expiação por matar o Dragão, Kadmos foi obrigado a servir a Ares por um Grande Ano (como Apolo havia feito por matar a Dragão Délfica). Depois de quitar sua dívida, ele se casou com Harmonia, filha de Afrodite e Ares (Amor e Guerra, as Forças Primárias que misturam e separam os Quatro elementos, segundo Empédocles). Harmonia, em grego antigo, significa a união de duas coisas diferentes em um todo contínuo e, portanto, ela é a grande Mediadora; ela é uma Deusa, que também aparece como uma Serpente. Como presentes reveladores, Kadmos deu a ela um manto e um colar. Kadmos e Harmonia eram os pais de Semele, a mãe divinizada de Dioniso.

Essas histórias são comuns, é claro. Por exemplo, Teseu ganhou sua noiva Ariadne (uma Deusa intimamente ligada a Perséfone "Mais Pura", Ariagnê) ao matar o Minotauro (nascido do Touro do Mar, e Pasiphaê, filha do Sol), que habitava nas Espirais de o Labirinto (ver Opsopaus, "Rit. Lab." esp. nn.140-3). Assim também Perseu matou o Dragão do Mar e libertou Andrômeda, sua futura noiva, do Pilar ao qual ela estava ligada.



Hekate

Hekate tem um papel especial nos Oráculos Caldeus como a principal Deusa envolvida nas práticas mágicas e espirituais, pois ela é a alma-do-mundo⁴⁰. Como tal, ela é quem faz a mediação entre o Reino Empíreo, onde residem os Deuses, e o nosso mundo; inversamente, é ela quem nos conduz de volta aos deuses por meio da teurgia e de outras práticas espirituais.

O Demiurgo (Artesão) e Hekate (Cuidadora; Irmã Mística) juntos criam o Reino Etéreo onde residem os corpos Celestiais (as Estrelas Fixas e os Planetas). Uma vez que os corpos Celestiais são materiais, e Hekate deve mediar entre eles e os deuses do Olimpo (que são imateriais), ela é a Deusa no ponto mais baixo do Reino Empíreo, simultaneamente separando e conectando⁴¹ as ordens Etérea e Empírea.

Em outros termos, ela é a Mediadora entre Zeus, o Sol Trans-mundano (além do mundo), que governa os Deuses Olímpicos, e o Sol Mundano (Hélios, Sol), que governa os corpos Celestiais. Ela também os mantém separados, como dizem os Oráculos Caldeus (frag. 6):

"Pois como uma membrana mental envolvente ela divide o Primeiro e o Outro Fogo, apressando-se em misturar"

(A palavra aqui traduzida como "mental" é noérica, referindo-se à intuição holística.) Essa membrana envolvente⁴² (*Hymên*) envolve o mundo material ao qual ela dá à luz⁴³. Em outro fragmento caldeu (38), a própria Deusa coloca seu cinto de fogo na extremidade inferior do Reino Noético:

"Os Pensamentos do Pai são estes, e então são o Meu Fogo sinuoso."

Este "embrulho" ou "torção" de seu Cinturão também sugere suas serpentes, sobre as quais será discutido mais abaixo.

O Ventre de Hekate captura as Ideias do Pai e as dá à luz, por meio da Membrana de Fogo, no mundo material. Assim, nos Oráculos Caldeus (frag. 32, 11. 2-3), podemos ver uma alusão ao Demiurgo, que

"...é um trabalhador, doador de fogo que traz vida, e preenche o Ventre, que dá vida, de Hekate..."

⁴⁰ O mesmo papel que, em outras interpretações, é dado a Hera, Isis e Psyché.

⁴¹ "Amor e Guerra", de Empédocles.

⁴² Aqui encontra-se uma semelhança com o Manto Variegado, discutido mais acima, que é feito pelo deus Zas (Demiurgo) e que ao ser envolto na deusa Khthoniê (Matéria) transforma-a em Gaia (Terra Viva; multiformada).

⁴³ Ou seja, implanta os *logoi* (limites, medidas e proporções numéricas definidas pela Mente, i.e. Inteligência, do Demiurgo) no mundo material.

(O gênero, em grego, de "Trabalhador" e "Doador" é feminino, sugerindo uma Deusa, mas o sentido parece exigir o Demiurgo.)

Os Oráculos (frag. 35) também revelam que ela é uma emanação do Um, bem como o meio para sua emanação posterior:

"Pois dele saltam os Raios Implacáveis e Ventres de Luz Radiante que recebem Tempestade de Raios do Pai-nascido Hekate, e Cintilante Flor de Fogo, e poderoso Espírito além dos Polos de Fogo."

A Cruz Platônica

No Timeu (36B-E), Platão nos diz que a alma-do-mundo tem a forma da letra grega X (chi), e Proclo diz que um X foi colocado no coração de cada indivíduo como uma imagem da alma-do-mundo. Este X tem uma forma muito especial, pois representa a maneira como a alma-do-mundo traz as Ideias à manifestação no espaço e no tempo no Reino Celestial. As duas linhas se encontram a 23,5 graus e representam o Círculo do Mesmo (ho Tautou Kyklos) e o Círculo do Outro (ho Thaterou Kyklos), que estão, respectivamente, sob a tutela de Apolo e Ártemis (como mencionado acima) e correspondem aos movimentos da mente e da alma vital.

O Círculo do Mesmo é horizontal e fora do outro; corresponde ao Equador Celeste e roda para a direita, de Este para Oeste, como os movimentos diários dos céus através das Casas do Zodíaco e em torno do Fuso da Necessidade (*Anankês Atraktos*). É a chamada Esfera Inerrática⁴⁴ (*Aplanês*, Não Errante, Fixa, Infalível), que por sua alternância de Dia e Noite, segundo Platão, nos ensina "a lição do Um e do Dois". Ou seja, esse movimento é regular e é governado pelos processos do pensamento puro. Este Círculo é o Cinto (*Zôstêr*, Zona).

O Círculo do Outro é diagonal e dentro do outro; representa a eclíptica (o círculo zodiacal) e gira para a esquerda, de Oeste para Leste, como os movimentos lentos dos planetas através dos signos do Zodíaco. O movimento é irregular (na verdade, dividido em sete movimentos errantes) e está sujeito a julgamentos, crenças e sentimentos não racionais, especialmente aqueles associados ao corpo (pois o Reino Etéreo é o Veículo corporal da alma-do-mundo). Estas são chamadas de Esferas Erráticas (*Planêtai*, Errantes, Instáveis), embora seu movimento seja natural. No entanto, entre todos os planetas, o Círculo do Outro é o mais intimamente conectado com o Sol⁴⁵, pois é o movimento do Sol que determina os ciclos anuais de crescimento e decadência que caracterizam a Vida mortal. (A Lua, é claro, também exibe mudança cíclica, mas os ciclos mensais não estão tão intimamente ligados à Vida.) Este Círculo é o Cinturão de Espadas (*Telamôn*, *Balteus*).

Quando combinados, os dois movimentos criam a Hélice, que é um símbolo de Aiôn (Eternidade)⁴⁶, a Unidade precedendo os opostos, Igualdade e Alteridade. As estrelas espiralam pelos céus como uma Cobra, a Serpente de Hekate, que representa a alma-domundo e é simbolizada por seu Cinto envolvente.

⁴⁴ Aqui o autor refere-se à esfera dos astros fixos, que seguem movimentos regulares e bem definidos – ao contrário das chamadas "Errantes", que são os planetas irregulares que não seguem a mesma direção das estrelas fixas.

⁴⁵ Sol é considerado, na astrologia, como um planeta.

⁴⁶ Pois combina a dualidade entre o movimento do Leste ao Oeste das estrelas fixas e o movimento do Oeste ao Leste das errantes.

Nossa semelhança com a alma-do-mundo, simbolizada pelo X colocado em nossos corações, pode ser representada pelo Sinal da Cruz Platônica (a *Crux Platonica* ou *Littera X Platonica*): Em uma forma, a mão é passada diagonalmente da direita para a esquerda e então horizontalmente da esquerda para a direita. Uma diagonal descendente corresponde a estar voltado para Libra, de modo que o Portão da Lua, no signo do norte de Câncer, através do qual as almas descem para a encarnação, está à sua direita, e o Portão do Sol, no signo meridional de Capricórnio, através do qual as almas ascendem ao céu, está à sua esquerda; esta é a passagem do nascimento à morte. Esta é a posição normal do Cinturão de Espadas Grego (*Telamôn*). Uma diagonal para cima corresponde a ficar na direção oposta, em direção a Áries; esta é a passagem da morte para o renascimento. Esta é frequentemente a posição do Cinturão de Espadas Romano (*Balteus*), que era, entretanto, às vezes usado como o Grego.

Aqui está outra forma de X: coloque o braço direito diagonalmente sobre o peito, com os dedos abertos acima do coração. Este é o Caminho da Inclinação e coloca o Portal da Lua em seu Coração, pois ambos estão associados à alma. Os dedos abertos representam a divisão do Círculo do Outro nas sete faixas planetárias. (Se você está incomodado pelo fato de não ter sete dedos, pode fazer o antigo sinal do dedo para sete: dobre o dedo mínimo em dois e mantenha os outros dedos e polegar estendidos.) Ao cruzar o peito, diga: "Pelo Sol e pela Lua." Agora coloque o braço esquerdo horizontalmente ao longo do diafragma, cruzando o braço direito, com o punho no braço direito. Este é o Caminho do Lado e posiciona seu punho, representando o movimento diário das Estrelas Fixas, próximo ao Portão do Sol. Ao fazer a linha externa da cruz, diga "Da noite para o dia".

O X ou *Crux Decussata* (Cruz Dividida) é rico em simbolismo. Representa qualquer Mediador criando um casamento de opostos, incluindo Céu e Terra, Igualdade e Alteridade, etc., unidos em Equilíbrio e Harmonia perfeitos⁴⁷. É a letra inicial de *Khronos* {XRONOS} e *Khthoniê* {XQONIH}, o Pai e Mãe Primordial, e assim os une. O X corta e também une. Os romanos marcavam os limites com X, e por isso também marca o limite (Membrana de Fogo de Hekate, separando e unindo os reinos Mental e material). O hieróglifo X (*sesh*) significa dividir ou multiplicar e, portanto, também simboliza a união (pela polaridade dos significados típicos dos símbolos).

Também podemos comparar o X ao *Tyet* (Nó de Ísis) no Cinturão de Ísis, que representa a Vida e a Imortalidade. É colocado no pescoço do falecido e protege o corpo de Osíris. Amarrado, o Nó representa a união do corpo e da alma na vida mortal. Desamarrado, ele representa a imortalidade alcançada ao libertar a alma imortal da alma e do corpo mortal. O nó não pode ser cortado (como Alexandre cortou o nó górdio), ou a imortalidade será perdida, mas deve ser cuidadosamente desamarrada (como em certas práticas tântricas). Assim, o Livro dos Mortos egípcio nos exorta: "Desamarrem os nós de Néftis!"

[32]

⁴⁷ O X é, então, símbolo da Harmonia entre opostos e, assim, símbolo do Uno.

Outras Deusas

Uma breve menção deve ser suficiente para as outras deusas do pitagorismo. Se alguém supõe que Cronos e Reia não se tornaram Zeus e Hera, mas os deram à luz, então podemos nos perguntar o que aconteceu com os regentes dos Titãs. Uma resposta é sugerida pela declaração de Plethon de que o Tártaro, onde os Titãs moram, é governado por Cronos e Afrodite (ela mesma uma deusa-mãe titânica). Como eles habitam as profundezas da matéria, são responsáveis (junto com os outros titãs) por produzir criaturas mortais, como os humanos. Cronos é o tempo (Khronos) e Afrodite traz a Eternidade para o mundo mortal por meio da perpetuação das Formas (Espécies) em uma sucessão de corpos (*corpora*).

Nesta criação, os Titãs cooperam com "os Jovens Deuses", os Seres Celestiais (que também são materiais, como se deve lembrar), sob a liderança do Sol; dos Celestiais herdamos as influências planetárias e astrais, pois eles ligam nossas almas aos nossos corpos. O Sol dá às criaturas mortais sua Forma, a Lua lhes dá Matéria. Os Titãs governam as partes mortais de nossa natureza, ou seja, o corpo (sôma) e a alma vital (psychê), mas os Celestiais governam a parte imortal, a mente (nôus). (eles são igualmente responsáveis pela animação dos Daimones Terrestres.)

No contexto da ciência moderna, pode parecer ingênuo ou supersticioso tratar os corpos celestes como seres vivos, portanto, vale a pena explorar essa noção. De acordo com a doutrina pitagórica, qualquer coisa que se mova por si mesma é viva e tem alma, entre as quais os antigos incluíam os corpos celestes. Nós, entretanto, explicamos seus movimentos pelas leis de movimento e gravitação de Newton. Para nós, os planetas e as estrelas não são seres superiores, mas inferiores, apenas pedaços de rocha ou gás quente movendo-se de acordo com as leis mecânicas.

No entanto, essa visão deriva da compreensão limitada da realidade pela ciência moderna e, para apreciar a visão pitagórica, devemos ver os corpos celestes como entidades simbólicas. Certamente, os Celestiais têm corpos físicos (assim como nós) obedecendo às leis da física, mas eles também têm uma existência no mundo das Ideias (como nós), onde são numinosos e divinos, pois são símbolos da perfeição divina e providência. Eles exibem, para nosso espanto e admiração, a perfeição dos espíritos luminosos, cada um seguindo seu próprio caminho, mas todos fazendo parte de um único movimento divino, como uma dança bem orquestrada.

Portanto, os pitagóricos dizem que cada uma de nossas almas tem uma estrela correspondente, um celestial de que cada alma é a imagem e de cuja procissão pertence, uma estrela para a qual o *Nous* (alma imortal) retorna entre as encarnações⁴⁸. Quando você nasce, seu *Nous* se

⁴⁸ O autor aqui refere-se a uma estrela fixa, ou seja, além dos sete planetas errantes. Afinal, o mundo sublunar é análogo ao corpo, os planetas errantes são análogos à alma vital e as estrelas fixas são análogas ao nous (alma intelectiva). Portanto, cada nous individual pertence a uma estrela.

afasta de sua estrela e adquire personagens de cada um dos planetas conforme desce através de suas esferas; na morte, esses personagens são devolvidos aos planetas conforme seu *Nous* retorna à sua estrela. Além de Hera, outras deusas no Olimpo são, de acordo com Plethon, Ártemis, Athena, Dione, Héstia e Tethys. Como Deusas Tartarianas, ele lista Afrodite, Deméter e Korê (Perséfone). Em geral, as Deusas fornecem Matéria para complementar a Forma que vem dos Deuses, e estão especialmente associadas à fase mediata da Procissão (Poder, Vida, Mãe) em cada Tríade de Emanação (permanência, progressão, reversão).

« Capitulo II2 »
Peuses

Enigmas do Uno

Começo com um enigma. A teogonia pitagórica apresentada na Parte I diz que o Primordial, o Aiôn bissexual (Eternidade), engendra a Dualidade Primária, a Mônada e a Díade Indefinida, o Macho e a Fêmea arquetípicos. Esses dois representam todas as dualidades, incluindo Igualdade/Diferença e Ser/Não-Ser, mas principalmente Unidade e Pluralidade. O Um, ao contrário, transcende e une todas essas dualidades, unindo os opostos. No entanto, ao uni-los, deve, em certo sentido, ser uma Unidade. E se o Um é uma unidade, ele deve se opor a um Muitos, e estamos de volta à dualidade da Unidade e da Pluralidade. ⁴⁹ Podemos resolver o paradoxo observando que o Um une o Ser e o Não-ser, de modo que ele pode ser uma unidade e não ser uma unidade simultaneamente ⁵⁰. No entanto, podemos ficar em dúvida sobre como o Um (*Para Hen*), a Mônada (*Monas*), Ser (*Para On*) e Substância (*Ousia*) se relacionam um com o outro, e todos estes com o Bem (*T' Agathon*). Pitagóricos e platônicos diferem entre si sobre esses mais elevados reinos da Realidade. Isso não é surpreendente, uma vez que não podemos conhecê-los diretamente, e mesmo o conhecimento que podemos ter deles está além da expressão verbal.

Neste breve Resumo da Teologia Pitagórica, vou ignorar a maioria dessas questões. Nesta parte começaremos com a Mônada, identificada com o Primeiro Deus Cronos, Pai dos Deuses, e então prosseguiremos para os outros Deuses. A Díade Indefinida, identificada com Reia, a Mãe dos Deuses, já foi tratada, é claro, na Parte II. A Parte IV considerará o Um, também chamado de Todo (para Pan).

⁴⁹ Em outras palavras, se o Uno é o contrário de um Muitos, ele, em si mesmo, está posto em uma dualidade (Uno x Muitos).

⁵⁰ Disso se conclui que o Primeiro Uno (Aiôn) é chamado Uno não por ser uma Unidade contraposta a uma Multiplicidade, mas por ser a "Harmonia", por assim dizer, que unifica a Unidade e a Multiplicidade em um Todo – por essa razão, também é chamado de "Todo" (*To Pan*).

Poder-se-ia dizer que o Primeiro Uno é a "Unidade da unidade e da multiplicidade", apesar dessa definição também acarretar no mesmo paradoxo. Enfim, essa difícil compreensão do Uno para o entendimento não é surpresa pra ninguém, pois o entendimento opera cindindo e separando (separando entre este e aquele, entre sujeito e objeto), enquanto o Uno é Unidade total, a síntese de todos os contraditórios.

A Mônada e a Diade

Indefinida

Muitos dos contrastes entre a Mônada e a Díade Indefinida foram apresentados nas partes anteriores ("Teogonia" e "A Díade Indefinida") e não serão repetidos aqui. No entanto, podemos acrescentar que a antiga doutrina pitagórica (talvez proveniente de Zoroastro) associa a Mônada com a Luz, Calor, o Seco, Leveza, o Denso, o Veloz e o Masculino; a Díade Indefinida com as qualidades opostas (Escuridão, Frieza, Umidez, o Peso, o Denso e o Feminino). Como o fogo é quente e seco, veremos que a Mônada e sua descendência estão especialmente associadas ao fogo e ao sol.

Como mencionado na Parte I ("Teogonia"), Aiôn (Eternidade) é tempo Infinito e Indefinido. O tempo como o conhecemos, o tempo Determinado é criado pela Mônada e a Díade Indefinida, pois Reia induz o Cronos imutável e autolimitado a sair de Si mesmo e se tornar *Khronos* (tempo). Conforme explicado na Parte II ("A Mãe dos Deuses"), Reia cria o Ritmo e, da alternância cíclica dos opostos (Luz/Escuridão, etc.), nasce o tempo Determinado.

Criação do Demiurgo

De acordo com a doutrina pitagórica, a Essência de Cronos é permanecer (ou permanência), mas Reia tem o poder de fazer com que ele prossiga além de si mesmo. No entanto, ele deve eventualmente voltar à sua essência para preservar sua identidade. (Ver Parte I sobre "Estrutura triádica".)

Desse modo, o poder determinante e comunicador da forma da Mônada emana para fora para informar a matéria, mas preserva sua forma olhando para trás em direção à sua origem. Pois caso esta progressão continuasse sem limites, todas as formas se perderiam no abismo escuro da matéria caótica indefinida.

A essência de Cronos é permanecer ele mesmo, mas Reia tem o poder de criar Outro, e assim Zeus nasce. Assim, as três fases, permanência, progressão, reversão, criam os Tridínamos, o Poder Tríplice da Divindade Triuna⁵¹ – Cronos, Reia e Zeus – e lemos nos Oráculos Caldeus (frag. 26):

"O Mundo, que viu a Ti, Tríplice Mônada, Te adorou."

Isso significa que a Mônada contém a Tríade de Pai, Mãe e Filho.

As Ideias (Formas) existem em unidade na mente de Cronos, pois ele é a Mônada, mas Reia tem o poder de multiplicá-las, pois ela é a Díade Indefinida. Portanto, na mente de seu filho Zeus, as Ideias são claramente articuladas e se tornam o Logos⁵² pelo qual ele cria o mundo. As Formas ou Ideias têm sua origem em Cronos, o Pai; eles se multiplicam sem limites pelo poder de Reia, a Mãe; e as Ideias tornam-se ativas na Mente de Zeus⁵³, o Filho.

Assim, os Deuses dos Tridínamos governam os três níveis: Ser (On), Vida (Zôê) e Mente (Nous). Referindo-se à Mônada, os Oráculos Caldeus (frag. 4) dizem:

"Pois com ele está o poder, mas dele é o Nous."

(A Díade Indefinida também é chamada de "Poder"; consulte "Díade Indefinida" na Parte II.)

⁵¹ Aqui se conclui o Reino Noético (Intelectual), com o Pai, a Mãe e o Filho. Nos termos de Proclo, Ser, Vida e Intelecto, sendo a Vida o intermédio entre o Ser (essência das Formas) e o Intelecto (a Mente que dá múltiplas formas à essência do Ser). Por essa razão que, como já foi dito, Vida é Intelecção (Zôê Noêsis), pois ela é a mediação entre o objeto do pensamento (Ser) e o sujeito pensante (Intelecto).

⁵² Nesse sentido, os modelos perfeitos a partir dos quais ele (Zeus; Demiurgo) cria o mundo material.

⁵³ Zeus é, por isso, Rei dos Deuses do Olimpo, pois os Deuses são as Ideias ativas na mente de Zeus. Em outras palavras, o Olimpo é o Intelecto de Zeus, e os Deuses do Olimpo são as Ideias no Intelecto de Zeus.

Criação de Hera

Zeus é o primeiro da geração olímpica nascido dos regentes dos Titãs, Cronos e Reia; a segunda é Hera, sua irmã e esposa. Conforme explicado na Parte II ("Ísis e Osíris", e seguintes), ela é a alma-do-mundo, que incorpora na matéria as Ideias articuladas de Zeus.

Os pitagóricos divergem sobre o nascimento de Hera, mas podemos dizer que os Deuses dão à luz criando imagens de si mesmos, por um processo de emanação contínua. Ferécides (fl. 544 AC), um dos professores de Pitágoras, implica que quando Cronos e Reia se casaram, eles se transformam em Zas e Khthoniê (aqui equivalente a Hera; ver também "Casamento" no Pt. II). Proclo (c.411-485 DC), no entanto, diz que Zas, o Criador, faz a alma-do-mundo (Khthoniê)⁵⁴, como será discutido mais tarde ("Artesão"). Nesse caso, ela pode ser vista como uma imagem de Zeus em termos de posição e de Reia em termos de característica.

Em qualquer caso, temos duas categorias, Titãs e Olímpicos, com um Deus e uma Deusa em cada uma. O Imperador Juliano (Caes. 307CD) teve uma visão na qual os viu sentados em Tronos: Cronos era de ébano negro de "um brilho tão intenso e divino que ninguém suportava olhar para ele"; de fato, sua intensidade era mais intensa do que o Sol (sobre o qual, veja abaixo); esta é a escuridão cegante do Abismo Paterno (veja "Nous Auto-contemplado" abaixo). O trono de Zeus era de *electrum* brilhante, uma união de ouro e prata. (*Êlektron*, que pode se referir tanto ao âmbar quanto à liga de ouro-prata, tem a mesma raiz de *Êlektôr*, que é um nome para o Sol, no qual veja abaixo.) Em frente a eles em tronos de ouro estava Reia mais próximo de Cronos, e Hera mais próxima de Zeus.

⁵⁴ Pois Zas tece o Manto Variegado contendo as Ideias e envolve-o em Khthoniê, "criando" a alma-do-mundo, que logo após dá vida a Gaia, o mundo multiformado.

Criação dos Outros Deuses

Cronos e Reia dão à luz os outros deuses por uma multiplicação da unidade. Ou seja, a Mãe, a Díade Indefinida, como princípio da multiplicidade, cria uma pluralidade de imagens da Mônada, o Pai. Ela causa separação e proliferação ilimitada, mas ele mantém sua definição impondo Limite em suas identidades. (Veja também "Teogonia" na Parte I.) O resultado é uma pluralidade de unidades, que são chamadas Hênadas (Unidades) e correspondem aos Deuses. Na mente de Cronos, eles são individuais, mas interpenetrantes, como o espectro de cores na luz branca. Como diz Proclo, "Todas as Hênadas estão em todas, mas cada uma separadamente". No Reino Noético de Zeus, entretanto, eles se articulam como Divindades distintas.

Ferécides explica como os vários deuses passaram a ter seus personagens. Ele diz que o Sêmen de Cronos é quente, vivificante e úmido, que são as qualidades dos três elementos mais sutis, pois o Fogo é quente, o Ar é acelerador (uma vez que Ar, Pneuma, corresponde ao Espírito) e a água é úmida. Estes correspondem aos componentes da alma tripartida: (1) a alma superior, sede da mente intuitiva (nous), (2) a alma racional (logistikon), sede da razão discursiva (dianoia), e (3) a alma não-racional (alogia), responsável pelos sentidos, apetites e movimento.

Para criar os Deuses, este Sêmen deve ser nutrido no Ventre Negro da Mãe Terra, que corresponde ao elemento Terra e ao corpo, casa da alma. O Sêmen é colocado em cinco Crateras (Tigelas de Mistura ou Crateras vulcânicas) ou Mukhoi (Locais Escondidos) na Terra, cada uma correspondendo a uma Mistura diferente (Crasia) de Mente e Matéria. (Veja "A Árvore Cósmica" na Parte II.) Cada uma dessas misturas corresponde a um dos cinco elementos, governado por um Deus. No lugar mais alto, o Círculo de Luz, temos Cronos, regendo o Quinto elemento, a Quintessência ou Aithêr. O lugar mais profundo, a Terra Escura, é governado pela Mãe, que pode ser chamada de Reia, Demeter ou Gaia. Entre eles está a Tríplice Soberania repartida entre Zeus (Fogo), Hades (Ar) e Poseidon (Água). Todos os três são considerados criadores (Dêmiourgoi) operando em nome do Rei, Cronos. (As razões para a associação platônica tradicional de Hades com Ar são discutidas abaixo, "O Zeus inferior".)

De acordo com Proclo, alguns dos Deuses adquirem seu caráter da natureza triuna do Único. As três relações de permanência, progressão e reversão correspondem a três aspectos do Um: *Peras* (Limite), *Apeiria* (o Ilimitado) e *Pronoia* (Conhecimento prévio, Providência); eles revelam a Essência, o Poder e a atividade da Divindade, respectivamente. Cada um tem uma classe correspondente de deuses, que manifestam seu caráter.

Limite leva aos Deuses Pais, que manifestam limite, delimitação, definição, forma e lei. No Nível Noético (o de Zeus, o Demiurgo) e abaixo deles, eles costumam ser algum tipo de Criador, pois criam dando forma à matéria pré-existente. Notável entre elas é a Série Solar (discutida mais tarde).

O Ilimitado leva às Deusas-mães, que manifestam os poderes ilimitados, indefinidos, infinitos, multiplicadores, produtivos e generativos. No nível noético e abaixo deles são chamados de doadores de vida. (Veja a Parte II, "Deusas", para mais informações sobre elas.)

Pronoia leva aos Deuses Aperfeiçoadores (*Teleiôtikoi*, *Telesiourgoi*), que manifestam o Conhecimento e a Providência auxiliando na reintegração da alma e sua elevação aos Deuses. No Nível Noético e abaixo, alguns deles são chamados de Guardiões (*Phrourêtikoi*), porque nesses níveis inferiores é necessário proteger a essência dos seres preservando a distinção de suas formas. Outros são chamados de Purificadores (*Kathartikoi*) ou Libertadores porque liberam e elevam a parte divina da alma. ⁵⁵

_

⁵⁵ Os Deuses aperfeiçoadores (guardiões e purificadores) referem-se ao movimento de retorno (reversão), pois eles atuam mantendo a identidade na pluralidade (reversão) ou elevando as almas aos deuses (reversão). Essa divisão de deuses será usada por Salústio em sua teologia, que divide os deuses em quatro classes: criadores, animadores, harmonizadores e guardiões. (Veja a parte sobre "Outros Deuses", para mais informações).

Nôus Auto-contemplado

O conceito de *Noêsis* (pensamento intuitivo) foi abordado na Parte II ("A Mãe dos Deuses"), mas devemos considerá-lo com mais detalhes, pois tanto Cronos quanto Zeus têm o caráter de uma Mente Intuidora (*Nous*)⁵⁶. Embora *Noêsis* às vezes seja traduzido como "Intelecção", não se refere a um processo de raciocínio discursivo; em vez disso, *Noêsis* é uma apreensão direta e intuitiva da essência das coisas. Ao contrário do raciocínio, que ocorre sequencialmente no tempo e lida com particulares localizados no espaço, a *Noêsis* não é limitada pelo espaço ou pelo tempo (o que ocorre apenas ao nível da alma-do-mundo e abaixo, pois o raciocínio é uma atividade da alma).

Nous é atemporal em Essência, Poder e atividade; A alma (*Psychê*), entretanto, apesar de ser atemporal em Essência (pois ela é eterna), é temporal em atividade, pois seu Poder traz os Arquétipos no tempo. Assim como os Deuses têm Nous, também Daimones, humanos e animais têm Nous, que é a parte divina de suas almas. Isto é, como existe um Nous do mundo, também cada uma de nossas almas individuais tem um Nous⁵⁷, a parte divina imortal interna, que entende o significado por meio de uma compreensão direta das Ideias eternas. (Pitágoras é creditado com a descoberta do Nous individual.)

Nous tem conhecimento direto das Formas ou Ideias eternas, porque é da mesma natureza que elas, mas não pode conhecer os indivíduos transitórios e mutantes que participam dessas Formas, ou qualquer coisa que seja sem forma. Ou seja, podemos dizer que o Nous é a Mente Arquetípica (nos termos de Jung, o Inconsciente Coletivo), que tem conhecimento direto dos Arquétipos. (Portanto, também, os Deuses, que residem no Reino Noético, não podem nos tratar como indivíduos, mas empregam os Daimones como intermediários; ver "Espíritos Mediadores" no Pt. V.)

Tanto Cronos, a Mônada, quanto Zeus, o Demiurgo, podem ser caracterizados como Mentes Cósmicas (Noi), mas de diferentes tipos. Cronos é um Nous de auto-contemplação, isto é, uma Mente dirigida para dentro, eternamente em repouso, para a qual o pensador e o pensamento são um. Ele é totalmente simples, porque ele transcende as Formas, das quais ele é a Fonte. Ele é o nível do Ser Puro e, portanto, ele é o único que tem o Ser Puro como seu único objeto de pensamento. Assim, Platão (Crat. 396b) sugere que o nome de Cronos significa Mente Pura (Koros Nous, de korein, "limpar"). Ele é chamado de Nous Não Misto, o Nous Primeiro ou Primordial e o Nous Paterno. O Demiurgo, em contraste, é um Nous voltado para fora, que contempla a Mônada, como será discutido com mais detalhes posteriormente ("Nous Demiúrgico"). Ele [Demiurgo] é chamado de Nous Demiúrgico, o Segundo Nous e Nous Próprio, pois sua Noêsis ativa é mais parecida com a nossa. O Demiurgo

⁵⁶ Cronos é o Primeiro Nous e Zeus é o Segundo Nous. Cronos contempla a si próprio sem um Outro e Zeus contempla Cronos.

⁵⁷ "Assim em cima, como embaixo".

é frequentemente confundido com o Pai, pois sua obra é mais manifesta, como dizem os Oráculos (frag. 7).

"O Pai terminou tudo e entregou tudo ao Segundo Nous, a quem você, a tribo dos homens, chama de Primeiro."

Aqui, "terminou" significa "perfeito", pois o Pai pensa o Modelo perfeitamente.

Cronos, como o Nous Primordial, pensa as Ideias, mas elas existem em uma unidade indiferenciada, pois ele é a Mônada. Portanto, essas Ideias unificadas são chamadas de *Kurioi* (Própria, Suprema). Os Senhores (*Kurioi*), ou seja, os Deuses (as Hênadas), também estão ocultos neste nível e podem ser comparados aos Arquétipos, que estão ocultos até que escolham se manifestar na consciência.

Reia, a Díade Indefinida, tem o poder de separar as Ideias e fazer com que prossigam para fora da Fonte. Portanto, seu filho Zeus pensa as Ideias Articuladas, isto é, o Logos. A Totalidade Monádica, a Ideia de Ideias⁵⁸ (Eidos Eidôn), fornece o Paradeigma (Paradigma, Modelo) do Universo, que o Demiurgo contempla em sua articulação das Ideias e sua criação do mundo de acordo com o Logos (ver "Nous Demiúrgico" e as seções seguintes, abaixo).

O nome "Kronos" foi associado à palavra *Krainô*, que significa realizar, cumprir ou fazer acontecer, mas também reinar ou governar. Esta etimologia mostra que ele é a causa final e governador do universo. *Krainô* vem da raiz indo-europeia *Ker*, que significa "crescer". Dele também obtemos as palavras latinas *Cerus* (Criador), Criar (gerar, produzir) e Criador (Artesão). Curiosamente, outra raiz indo-europeia *Ker* significa Calor ou Fogo. Assim, entendemos ainda mais Kronos como o Criador e Causa Final Ígneo do universo.

O Reino de Kronos é a Ordem Cósmica Primária (*Prôtos Diakosmos*), o nível do Ser Essencial ou Real (*To Ontôs On*) e, portanto, da Verdade última. No entanto, porque Kronos é idêntico à unidade absoluta de suas Ideias (C.O. fr. 3),

"... o Pai se arrebatou,

e não fechou seu Fogo em Poder Noérico."

Isto é, as Ideias Supremas (*Kurioi*) não podem ser conhecidas por nossas mentes sem ajuda, pois mesmo nosso Nous pode compreender as Ideias apenas como essências distintas e separadas⁵⁹. Portanto, a Mônada transcendente é chamada de Indescritível, Inominável,

⁵⁸ Essência de todas as Ideias.

⁵⁹ Pois nosso Nous pensa as Ideias já articuladas, tal como o Segundo Nous (Zeus). Apenas o Primeiro Nous (Cronos) é capaz de pensar as Ideias em sua união absoluta (Ser Puro; "Ideia de Ideias"), pois o Primeiro Nous é o Uno-Ser, o Segundo Uno, a Mônada, a Unidade contraposta aos Muitos. Mas se Zeus contempla as Ideias articulas de Cronos, isso significa que em Cronos as Ideias já são pré-existentes, mesmo que potencialmente e pré-diferenciadas.

Inefável, Invisível, Oculta e o Abismo Paterno⁶⁰ (ver "Teogonia" na Parte I sobre o Abismo Materno), pois nos níveis de Vida (Reia) e Ser (Cronos) todas as possibilidades ocorrem simultaneamente. No entanto, por meio da Iluminação (*Ellampsis*) dos Deuses,

"Que vêem e conhecem o Abismo Paterno, Hipercósmico"

(C.O. fr. 18), podemos apreender a Mônada por meio de nosso espírito residente divino, a "Flor do Nous", como será explicado na Parte V deste resumo.

em Cronos essencialmente (em Ser Puro, como essência), enquanto que em Zeus intelectualmente (como Ideias articuladas, proporções numéricas, arquétipos).

Proclo afirma em seu elementos da Teologia: "Todas as coisas estão em todas as coisas, mas em cada uma de acordo com sua natureza adequada: pois no Ser existe vida e intelecto; na Vida, ser e intelecto; no Intelecto, ser e vida; mas, em uma (no Intelecto) existe intelectualmente, em outra (na Vida), vitalmente, e na terceira (no Ser), essencialmente".

Isso significa afirmar que as Ideias pensadas por Zeus (Intelecto) já existem em Cronos (Ser), mas elas existem em Cronos essencialmente (em Ser Puro, como essência), enquento que em Zeus intelectualmente (como Ideias

Assim, o próprio Intelecto (Zeus) já existe em Cronos, mas de maneira pré-diferenciada, ou seja, um Intelecto que não difere do Inteligido. Logo o Intelecto (Zeus) nada mais é do que o próprio Ser (Cronos) ganhando consciência-de-si, contemplando a si mesmo separadamente.

⁶⁰ É a "Maior Altura", enquanto a matéria é a "Maior Profundidade". No Primeiro Uno, além do Ser e do não-Ser, a "Maior Altura" se une à "Maior Profundidade".



(1) Bem

De acordo com os pitagóricos, a Mônada é idêntica ao Bem (T'Agathon)⁶¹, como confirmado nos Oráculos Caldeus (frag. 11):

"O Bem apreende, onde está a Mônada Paterna."

O Bem é o valor mais alto, a meta de todos os esforços, porque o Bem salva todas as coisas preservando sua Unidade, e a Unidade é em si mesma Bem. O Bem tende para a Unidade, e a Natureza se esforça para o Bem. Portanto, podemos identificar o Bem com a Providência (*Pronoia*) e dizer que o Cosmos, o universo ordenado, depende do Bem. Como consequência, o Primeiro Deus é chamado de Bom, Abençoado, Conferencista de Bem-aventurança, Excelente e muitos nomes semelhantes.

⁶¹ Aqui ainda há uma certa confusão, pois a Mônada é o segundo Uno, i.e. Cronos. De acordo com os platônicos, no entanto, o Bem é o primeiro Uno, além do Ser e do não-Ser. Para resolver isso, basta compreender que a Mônada (Cronos) nada mais é que o Uno a nível de Ser (Uno-Ser), logo a Mônada é a manifestação do Bem dentro do Ser.

Fogo Primordial

Já vimos que a Mônada está associada à Luz, ao Quente e ao Fogo. Da mesma forma, os zoroastristas dizem que o Pai existe na Luz Sem Princípio enquanto a Mãe mora na Escuridão Sem Fim⁶². Portanto, veremos que o Sol é o símbolo preeminente dos Deuses centrais da teologia pitagórica⁶³. Primeiro, Kronos é o Senhor do tempo (*Khronos*), assim como o Sol, que define o tempo pela alternância da noite e do dia e que governa a Natureza através do ciclo das estações. Portanto, os Oráculos Caldeus chamam o Primeiro Deus de Fogo Transcendente⁶⁴. E de acordo com Juliano (331-363 d.C), o Primeiro Princípio é *Hyperiôn* (Aquele Acima de Tudo), o Pai mitológico de Hélios (Sol) e Selene (Lua).

Os Raios do Fogo Primordial emanam por todo o universo, descendo através de seus níveis, conectando-o em um Todo e harmonizando suas partes. Como dizem os oráculos (frag. 81),

"Todos cedem à tempestade de relâmpagos noéricos do Fogo Noérico e servir à vontade convincente do Pai."

A "Tempestade de Relâmpagos" (*Prêstêr*) representa as Ideias ou Conectores (veja abaixo), os Raios que integram e coordenam o universo.

Cada nível tem um Sol em seu centro, que unifica aquele nível e banha os níveis inferiores de luz⁶⁵. Além disso, cada nível é removido da Fonte de Luz original (a Luz das Luzes) e mais misturado com a Escuridão⁶⁶; portanto, cada nível participa menos da Unidade e mais da Diversidade, e há uma Hierarquia de Luzes⁶⁷. No entanto, é um erro pensar que os níveis superiores são melhores do que os inferiores, pois a Luz e a Escuridão são polos complementares necessários do Todo⁶⁸. Do Um à Matéria Primária, o universo é uma Imagem da Divindade. Na Parte I ("Estrutura Triádica"), mencionei os Seirai, os acordes ou cadeias multiníveis que emanam da Mônada e unem os níveis⁶⁹. A mais importante delas é a Série Solar (*Héliou Seira*), o Eixo Central da Luz, que compreende a Mônada (Cronos), o Demiurgo (Zeus), o Sol Transmundano (Apolo) e o Sol Mundano (Hélios).

⁶² Novamente, os "semelhantes diferentes", a Maior Altura e a Menor Profundidade.

⁶³ Pois o Sol emana seus raios de Luz, tal como a Mônada, casando-se com a Díade Indefinida, emana Zeus. No entanto, mesmo emanando, o Sol sempre permanece o mesmo.

⁶⁴ Ou, "Fogo Primordial".

⁶⁵ progressão.

⁶⁶ Ou seja, conforme se distancia da Mônada, mais múltiplo se torna, tal como, na aritmética, os números tornam-se maiores (mais múltiplos) conforme distanciam-se do número 1.

⁶⁷ Semelhante ao sufismo iluminacionista de Suhrawardi.

⁶⁸ o Todo é o Uno e, portanto, o Bem. Logo, do Um à Matéria, tudo é Bem.

⁶⁹ Os continuum que unem a Mônada à Matéria Primordial.

Nous Demiúrgico

Vimos que Zeus, o Demiurgo, é o terceiro membro dos Tridínamos⁷⁰, e que ele é a atividade e atualização nascida de Cronos em permanência e Reia em progressão. Sua atividade é *Noêsis*, o pensamento intuitivo das Ideias articuladas como seu Logos. Zeus é o Nous Próprio, isto é, o Nous como Mente ativa e intuitiva⁷¹. A Díade Indefinida (Reia) corresponde à *Noêsis*⁷², o processo vivo de compreensão intuitiva, pelo qual Nous, o sujeito, é direcionado para seu objeto, o *Noêton*, a Mônada eterna do Ser (Kronos).

O Nous Demiúrgico, como todas as coisas, tem um Caráter Triádico: permanência, progressão e reversão. Ele permanece em si mesmo, preservando a integridade das Ideias. Mas quando ele prossegue para fora, ele cria o mundo, tornando-se assim o Demiurgo⁷³. Ele fornece os Arquétipos para o mundo material e, portanto, ocupa o lugar mais baixo no Reino Noético⁷⁴. Porém, sua progressão, sua criação, é delimitada e contida pelas Ideias, que ele contempla em sua reversão⁷⁵. Da mesma forma, o Nous em cada um de nós é contemplativo e criativo.

⁷⁰ Ser, Vida e Intelecto; Cronos, Reia, Zeus; Mônada, Díade Indefinida, Díade.

⁷¹ O Primeiro Nous (Cronos) é Intelecto pré-reflexivo, enquanto o Segundo Nous (Zeus) é Intelecto reflexivo,

⁷² Pois como já vimos, ela intercede entre Cronos e Zeus.

⁷³ O Artesão do mundo, que cria o mundo de acordo com as Ideias articuladas.

⁷⁴ Ou seja, Zeus em permanência preserva a integridade e essência das Ideias articuladas, enquanto Zeus em progressão é a demiurgia *per se*.

⁷⁵ Pois usando as Ideias como modelo para criação do mundo, ele as contempla revertendo-se rumo a Cronos (Mônada).



Logos

Logos tem uma ampla gama de significados no grego antigo, que incluem palavra, explicação, argumento, relato racional de qualquer tipo, tabulação e proporção; podemos resumi-los dizendo que Logos é pensamento articulado. O Demiurgo é chamado de Logos porque ele articula o pensamento holístico na mente de Cronos⁷⁶. Pelo poder separador da Díade Indefinida, ele é capaz de discriminar as Ideias e defini-las pela essência unificadora da Mônada⁷⁷. As Ideias são individualmente simples e distintas; juntas, elas são o modelo (*Paradeigma*) para tudo o que pode existir.

Demiourgos grego antigo vem de duas raízes indo-europeias, Da e Werg. Da significa dividir e, portanto, também repartir e prover (de onde também obtemos Daimôn, pois os Daimones provêem para nós). Werg significa fazer e também se refere a qualquer trabalhador. (De Werg também obtemos Orgia, os ritos secretos.) Assim, o Demiurgo é quem faz o trabalho de divisão.

As Ideias são transcendentes e imanentes⁷⁸. Elas são transcendentes na medida em que residem hipercosmicamente no Nous Demiúrgico⁷⁹ e, além disso, como Ideias Supremas ou Hênadas na Mônada⁸⁰. No entanto, eles também são imanentes à matéria como logoi organizadores do mundo⁸¹. Plutarco (c.46 d.C - c.125) compara as Ideias Imanentes e Transcendentes ao corpo e à alma de Osíris (ver também "Ísis e Osíris" na Parte II). Assim como o corpo de Osíris é repetidamente dilacerado por Tífon e restaurado por Ísis⁸² para que Osíris seja continuamente renovado, também o mundo material, ordenado pelas Ideias Imanentes, sofre dissolução contínua pelo poder da Díade Indefinida e rejuvenescimento pela alma-do-mundo⁸³. Em contraste, a alma de Osíris é eterna e indestrutível, como as Ideias Transcendentes no Nous Divino.

⁷⁶ No "neoplatonismo" cristão, por exemplo, Jesus é o Logos, pois ele é o Filho, tal como Zeus é o Filho. Pseudo-Dioniso identifica Logos com o Verbo, e os logoi (Ideias articuladas, proporções aritméticas na Mente de Zeus) com verbos.

⁷⁷ Na Mônada, as Ideias são "interpenetrantes", como o espectro de cores na cor branca. No Logos, as Ideias são articuladas e ganham individualidade.

⁷⁸ Lembre-se da alma e do corpo de Osíris. A alma é imortal e simboliza as Ideias transcendentes no Logos, mas o corpo é continuamente dilacerado e simboliza o constante devir das Formas imanentes na matéria.

⁷⁹ Nous Ativo (Zeus; Logos).

⁸⁰ Nous Primordial (Cronos; Ser Puro).

⁸¹ Ou seja, na matéria, as múltiplas Ideias articuladas são imanentes e organizam e ordenam o mundo sob proporções harmônicas.

⁸² A alma-do-mundo que sempre renova as Formas imanentes na matéria.

⁸³ A matéria tende à dissolução por ser a Díade Indefinida, mas a alma-do-mundo sempre implanta as Formas (Ideias) na matéria e sempre a rejuvenesce. Isso gera uma constante dissolução e renovação das Formas imanentes (corpo de Osiris).

Em seu aspecto transcendente, o Logos é eterno e independente do tempo; é como as relações harmônicas atemporais (*Logoi*). Porém, em seu aspecto imanente, o Logos procede no tempo por pensamento sequencial, como uma melodia sequencial. Assim, o Logos é tanto um princípio eterno quanto uma narrativa sequencial. Desta forma, o Demiurgo cria o tempo no modelo da Eternidade (Aiôn) e por meio da medida cíclica do tempo, que é criada pela dança da Mônada e da Díade Indefinida, e que se manifesta pelos movimentos dos Seres Celestiais (estrelas e planetas)⁸⁵.

O Nous é uma atividade na Eternidade (ou seja, fora do tempo)⁸⁶, pois ele contempla a Mônada Eterna, enquanto a alma (Psychê) é uma atividade no tempo⁸⁷, pois ela anima o mundo material. Visto que o Demiurgo atua fora do tempo, sua criação não é um evento histórico, mas uma emanação eterna.⁸⁸

⁸⁴ O Logos sequencial é a alma (tanto a alma-do-mundo, quanto as almas individuais).

⁸⁵ Ver. Cruz Platônica. As estrelas fixas representam o Imutável, os planetas errantes representam a Díade Indefinida.

⁸⁶ Fora do tempo e, consequentemente, do espaço. Isso implica que, por mais que as Ideias sejam articuladas no Logos e mantenham sua individualidade, elas ainda estão juntas em um mesmo ponto unidimensional.

⁸⁷ A alma é o Logos imanente e sequencial, pois ela leva os logoi até a matéria.

⁸⁸ O Demiurgo, portanto, está sempre emanando o mundo, tal como o Sol está sempre emanando sua luz.



Providência, Pestino e Livre-

Arbitrio

O pensamento sequencial do Nous Demiúrgico é sua projeção sequencial das Ideias e Formas na matéria. Assim, o Logos é a Lei Divina que governa o mundo material e cria o Kosmos (Ordem Mundial). Enquanto a Mônada é a fonte da *Pronoia* (Providência, Presciência), o Demiurgo é a fonte do Destino (*Heimarmenê*), que é mais manifesto e mais intimamente ligado a uma natureza física mutante do que a Presciência.

Contemplando as Ideias Monádicas, que ele articula, Zeus guia a Harmonia do Mundo, dirigindo-a por meio das Formas (o Logos). No entanto, ele é incapaz de ordenar completamente a Matéria (que está sujeita à Díade Indefinida sempre fluente), e então a Providência Divina deixa espaço para o acaso.

No entanto, nem a Providência Divina nem o Destino implicam em determinismo absoluto. Em vez disso, do mesmo modo que a Providência define o contexto no qual o Destino é livre para poder agir, o Destino delimita e influencia, mas não determina o acaso e o livre arbítrio, que operam dentro do destino. Podemos dizer que a Providência engloba o Destino e o Destino engloba o Livre Arbítrio.

De fato, de acordo com Apuleio (nascido em 125 DC), há uma hierarquia de Providências⁸⁹. Além disso, como em toda hierarquia, cada uma das providências governa as inferiores, bem como as partes superiores de nossas almas governam as inferiores.

A primeira providência, que corresponde à Providência Divina em si e que tem sua origem na Mônada⁹⁰, é o Modelo da *Noêsis* e da Vontade (*Boulêsis*) do Demiurgo (Logos) que governa o Reino Noético e os Deuses Principais que habitam no *Empyrium*⁹¹. Nossas almas superiores são guiadas por esta Providência por meio do Demiurgo.⁹²

⁸⁹ E, como em toda hierarquia, há uma tríade, onde dois extremos são conectados por um termo médio.

⁹⁰ O Bem a nível de Ser; Uno-Ser; Bem-Ser.

⁹¹ Em suma, se o Logos (Demiurgo) e os logoi (Ideias articuladas) nascem da Mônada, então eles só podem ser dentro dos limites da essência da Mônada. Portanto, a Mônada governa o Logos e os *logoi* através da Providência Divina

⁹² Nossas almas superiores são imagens do Intelecto do Demiurgo. Por conseguinte, da mesma maneira que o Demiurgo é governado pela Providência Divina, também nosso nous individual é governado pela Providência Divina.

A Segunda Providência, que corresponde ao Destino, é governada pelos Deuses Secundários (ou Jovens), que correspondem aos Planetas e ocupam o Reino Etéreo⁹³. Durante a descida de nossas almas aos corpos, eles adquirem dos Deuses Planetários os personagens e os poderes necessários para a sobrevivência de nossa espécie. Ou seja, nossas almas Inferiores vêm das Esferas Celestiais e, portanto, estão sujeitas às influências do Destino e do Astral.

A Terceira Providência, sujeita ao Destino, é governada pelos Daimones, estacionados no Reino Terrestre (Material) e delegados pelos Deuses Planetários como Supervisores da atividade humana⁹⁴.

-

⁹³ Sobre isso, podemos começar dizendo que os *logoi* definem o destino do mundo, pois são eles que dão forma à matéria e, portanto, dão vida ao mundo material através da alma do mundo. Segue-se que a alma do mundo governa o destino, pois ela carrega os logoi e através de uma narrativa sequencial dá vida ao organismo em constante mutação do mundo material. Por outro lado, se o interno é um reflexo do externo (e vice-versa), então há um reflexo da alma do mundo dentro do mundo, e este reflexo é o reino dos sete planetas errantes, que na cosmologia tradicional ptolomaica existem entre as estrelas fixas (reflexo dos logoi no Nous) e o mundo sublunar (reflexo da matéria indeterminada). Logo, os planetas regem nosso destino.

⁹⁴ A terceira providência, então, são nossos desejos mais carnais e materiais, que governam nosso corpo, como a fome, a libido, etc.

Dessa forma, por fim, nosso nous individual é governado pela Providência Divina, nossa alma vital é governada pelos Planetas e pela alma do mundo e, finalmente, nosso corpo é governado pelos daimones estacionados no reino material.



(1) Artesão

Zeus é chamado de Demiurgo (Dêmiourgos), Criador (Poiêtês) e Artesão (Technitês). Seu ofício é descrito nos Oráculos Caldeus (frag. 5):

"...Pois não é para a matéria
[que] o Primeiro Fogo Transcendente seu próprio Poder
veste
por meio de ações, mas para o Nous; pois o Nous do Nous⁹⁵
é o Artesão do Cosmos ígneo..."

Ou seja, o Primeiro Nous (o Fogo Transcendente) não veste diretamente suas Ideias (Poder) na Matéria, mas isso é realizado pelo Segundo Nous (Nous nascido do Nous, o Artesão), que cria o Mundo Empíreo (o Cosmos de Fogo). Para conseguir isso, ele olha para o Padrão ou Modelo (*Paradeigma*)⁹⁶ para guiar sua criação do Mundo. Em particular, o Primeiro Nous é o Modelo no qual ele molda as almas humanas. Como dizem os oráculos (frag. 25),

"Essas coisas o Pai pensou; em um mortal foi posto alma."

Isso se refere a *Noêsis*, o pensamento intuitivo, do Nous Paterno, a fonte última de todas as almas.

Por meio do Poder de separação da Díade Indefinida, o Demiurgo articula as Ideias, criando o Logos e iniciando o processo de multiplicação e geração pelo qual o Cosmos nasce da almado-mundo. Como um prisma, que separa as cores da luz branca dobrando os raios de cada cor, da mesma maneira, mas diferentemente das demais cores, o Demiurgo separa as Ideias projetando-as de acordo com suas essências. (Este é, de acordo com Empédocles (c.495-435), o poder da Guerra, que diferencia por associar cada um com sua espécie e à parte de outros tipos; Guerra é o poder de separação da Díade Indefinida. O Amor, em contraste, atrai todas as coisas juntas, independentemente do tipo; é o poder unificador da Mônada.)

O processo de emanação é descrito no fragmento mais longo sobrevivente dos Oráculos Caldeus (frag. 37):

"Em pensamento com vigorosa Vontade⁹⁷, o Nous Pai dispara as Ideias Multiformes, e de uma Fonte, todas pulam para fora⁹⁸; pois do Pai vêm a Vontade⁹⁹ e o Fim.

^{95 &}quot;Nous do Nous" é o Intelecto do Intelecto, i.e. Zeus, o Filho de Cronos.

Cronos é o primeiro Intelecto; Zeus o segundo Intelecto.

⁹⁶ O modelo são as Ideias divinas articuladas que possuem origem em Cronos.

⁹⁷ Dynamis. É a Díade Indefinida manifestando a Vontade do Pai de multiplicar-se.

⁹⁸ São articuladas pela sua Vontade, i.e. a Díade Indefinida.

⁹⁹ Díade Indefinida.

elas foram divididas pelo Fogo Noérico¹⁰⁰ e compartilhadas com mais Noéricos 101; pois antes do Cosmos Multiformado, o governante colocou o vigoroso Padrão Noérico 102, onde por uma trilha cósmica apareceu com forma o mundo impetuoso 103, gravado com Ideias múltiplas¹⁰⁴; sua fonte é uma, de onde brotaram outros que quebram sobre os corpos do Mundo 105, e ao redor os ventres nascem como enxames de abelhas¹⁰⁶, de um jeito, depois de outro, brilham 107, e são pensamentos noéricos da fonte paterna 108, que frequentemente do pico do "tempo sem sono" 109 arrancam a Flor do Fogo. 110

A primeira e auto-aperfeiçoada Fonte do Pai jorra diante dessas Ideias Primordiais..."

Este parece ser o significado: As Ideias precipitam-se com um som sibilante (associado à Música das Esferas) do Primeiro Deus (Nous Paternal) por meio de seu Pensamento e Vontade, que estão associados ao Filho e à sua Mãe, pois o pensamento está intimamente relacionado com Nous, e a Vontade está intimamente relacionada com Dynamis (Poder, Potencial). A Fonte é o Pai, e a Vontade do Pai também é o Fim (a Realização ou Perfeição).

As Ideias devem ser divididas para serem articuladas; isso é realizado pelo Segundo Nous (o Fogo Noérico). Essas Ideias são compartilhadas com os "outros Noéricos", as Ideias que informam o mundo material. O Padrão Noérico (typon) é o Paradeigma, a unidade holística de Ideias no Nous Paterno. As Formas ígneas se imprimem na Matéria Primordial e se aglomeram ao redor dos ventres da alma-do-mundo (sobre a qual, veja a Parte II). Neste oráculo, "tempo" parece referir-se a um Teletarca (talvez Aiôn), ao invés de Kronos/Khronos, mas não está claro (veja abaixo sobre os Teletarcas). Os seguintes estágios na criação (ou Emanação) foram identificados por Proclo. Primeiro, o Demiurgo produz de Si mesmo o "Nous do Todo" (Nous Tou Pantos) ou Mente do Mundo, que contém todos os Seres Noéticos, as Ideias ou Formas. Em seguida, com a Cratera, ele cria a alma-do-mundo (e assim, neste

¹⁰⁰ O Fim, o Segundo Nous, Zeus, o Filho, o Logos transcendente.

¹⁰¹ As Ideias, quando articuladas pela Díade Indefinida, tornam-se vivas e, portanto, intelectos na mente do

¹⁰² O governante (Nous-Pai) colocou sua essência noérica nas Ideias que são dividas pela Díade Indefinida.

¹⁰³ O Cosmos Ígneo, o Mundo de Fogo (Nosso mundo; nosso universo).

¹⁰⁴ Pois nosso mundo é formado com a implantação (gravação) das múltiplas Ideias na matéria.

¹⁰⁵ Pois as Formas imanentes na matéria são constantemente dissolvidas pelo poder da Díade Indefinida.

¹⁰⁶ Os ventres da alma do mundo que, logo após as Formas imanentes serem dilaceradas, dão à luz outras Formas.

¹⁰⁷ Implantação de novas Formas imanentes na matéria.

¹⁰⁸ A fonte das Ideias imanentes é o Nous-Pai.

¹¹⁰ Particularmente, acredito que este verso esteja fazendo referência ao fato de que todas as coisas estão no Uno (para Hen) e no Todo (para Pan); ou melhor, estão no Uno-Todo (Aiôn). Dessa forma, até mesmo as Ideias 'interpenetrantes' (hênadas) do Nous-Pai são arrancadas do pico do "tempo sem sono" (Aiôn; Eternidade; Uno-Todo).

relato, Hera é criada por Zeus em vez de por Cronos e Reia; veja acima). Desta forma, ele cria o ventre do qual o mundo nasce (para mais informações sobre o ventre, ver "Mãe dos Deuses" e "Hekate" na Parte II). Da mesma maneira, ele cria todas as outras almas (Celestiais, Daimônicas e Sublunares) junto com seus veículos; elas são governadas pelas Leis do Destino.

Finalmente, em conjunto com a Natureza Inteira (*Holê Physis*), ele cria as coisas corpóreas, e em conjunto com a Necessidade (*Anangkê*), ele cria o Corpo do Mundo (*Sôma tou Pantos*). Assim, dele emanam gradualmente a Mente do Mundo, a Alma do Mundo e o Corpo do Mundo. No entanto, de acordo com as Escrituras Órficas e outros relatos antigos, o Artesão Divino abre o Ovo Cósmico e as metades de sua casca tornam-se o céu e a terra¹¹¹. (Para mais informações sobre o Ovo, consulte "A Deusa na Árvore Cósmica" na Parte II). E segundo Ferécides, Zas, o Artesão, tece o Manto Variegado¹¹², adornado com a criação, como um presente de revelação para sua noiva, Khthoniê¹¹³ (ver "O Casamento "na Parte II). Em muitas tradições antigas, o Artesão, que pode ser idêntico ao Sol, tece o Cosmos por sua atividade cíclica, ligando-o ao Fio de Pneuma (Ar ou Espírito). Por seu trabalho eterno e repetitivo das Formas nos Acordes (*Seirai*)¹¹⁴, a Harmonia do Mundo é criada.

O grego antigo *Technitês* (Artesão) vem da raiz indo-européia *tek*, que significa "tecer" e, mais geralmente, "fabricar" (daí vem arquiteto, de *tektôn* = "construtor"). Da mesma raiz vem o latim *Tela* (teia, rede, urdidura de tecido) e *subtilis* (finamente tecido, sutil), que se refere ao Fio passando sob a teia (*subtilis*). O "toil" inglês também vem dessa raiz. O artesão trabalha tecendo o mundo com seu fio sutil¹¹⁵.

¹¹¹ Nesse caso, Zeus (Demiurgo) abre o Ovo Cósmico (Mônada) e dele cria o céu e a terra; ou seja, o mundo.

¹¹² Contendo as Ideias.

¹¹³ Alma-do-mundo.

¹¹⁴ Os fios que unem a matéria à Mônada, permitindo o continuum.

¹¹⁵ Através dos Seirai.



A Miade Mediadora

Zeus, o Demiurgo, é chamado de Díade, mas não deve ser confundido com a Díade Indefinida¹¹⁶, que é sua mãe, Reia. (Podemos chamá-lo de Díade Definida). Ele é chamado de Díade por dois motivos. A primeira é porque ele é o Filho de Cronos, a Mônada; eles são chamados de Primeiro e Segundo Deus, o Primeiro e o Segundo Nous, o Primeiro e o Segundo Fogo, o Um e o Dois transcendentes (Primeiro e Segundo), e assim por diante.

Em segundo lugar, ele é chamado de Díade porque é um mediador entre o mundo empíreo (noético) e o material. Por um lado, ele contempla as Ideias; por outro lado, ele lança seus relâmpagos formadores nos Ventres da Natureza. Essa interpretação é confirmada pelos Oráculos Caldeus (frag. 8), que dizem:

"...ao lado deste, uma Díade se senta.
Pois ele tem ambos: permanece Noético em seu Nous,
para trazer sensação para os Mundos..."

Ou seja, ele traz Sensação ou Percepção dos Sentidos para o mundo, plantando as Ideias na Matéria.

Em outros termos, podemos dizer que a alma do Demiurgo possui duas faculdades. Sua Faculdade Crítica (*Kritikon*) é dirigida para cima, em direção à Mônada do Ser, que seu Nous pode compreender, embora o nosso não. Sua Faculdade Impulsiva (*Hormêtikon*) resulta de sua Luxúria (*Orexis*) pela Matéria. Portanto, ele envia seu Logos de Fogo ao Ventre da alma-domundo para impregná-la com suas Ideias.

¹¹⁶ A Díade Indefinida é a força impulsionadora que multiplica a Mônada, enquanto a Díade em si (Zeus) é o dois enquanto já multiplicado. Podemos dizer que a Díade Indefinida é a operação de multiplicação, e a Díade é o resultado da multiplicação. Nesse caso, a multiplicação é por dois, pois Zeus é o segundo Intelecto, o Segundo Nous, filho de Cronos.

Zeus pode ser chamado de Díade pois também opera em uma dualidade: a de sujeito pensante (o Segundo Nous, Zeus próprio) e objeto pensado (Ideias articuladas mediadas por Reia). É por essa razão que Plotino chama o Intelecto de Díade.

Hélio e Fros, os Mediadores

Por causa de seu papel como uma Díade mediadora, o Logos Demiúrgico está associado a muitos deuses mediadores, que são considerados idênticos ou intimamente relacionados a ele. Entre eles estão Hélios, Mitra, Átis e Asclépio, todos os quais podem ser referidos como Médio (Mesê) e Mediador (Mesitês).

Como vimos ("Fogo Primordial"), cada um dos Níveis do Ser tem uma espécie de Sol em seu centro¹¹⁷, que o governa e harmoniza, enquanto emana o próximo nível inferior; esta é a Série Solar. Portanto, várias dessas Deidades Centrais são chamadas de "Hélios" (Sol).

Primeiro, Hélios pode se referir ao Sol Mundano, que está no meio dos planetas, onde ele causa e governa seus movimentos. Esta é a sua posição na ordem caldeia ou metafísica das esferas planetárias: Lua, Mercúrio, Vênus – Sol – Marte, Júpiter, Saturno. Assim, ele fica no meio do caminho entre a Lua, representando a alma-do-mundo, e Saturno, representando Cronos, a Mônada (também chamada de Sol Negro; lembre-se de seu trono de ébano).

O Sol também é central na visão moderna do sistema solar, que chamamos de "Copernicano" (mas que Copérnico chamou de "Pitagórico"). Portanto, Hélios é chamado de "Meio-termo entre os Deuses do Meio" (isto é, entre os celestiais). Uma vez que todas as coisas na Terra florescem e declinam à medida que o Sol se aproxima e se retira, ele governa nosso mundo do devir.

Em segundo lugar, como o Sol Mundano governa os Planetas e outros Celestiais no Reino Etéreo, Hélios, como o Sol Transmundano, governa as Ideias no Reino Empíreo; assim, ele é chamado de Noérico Hélios. ("Empíreo", deve-se notar, vem de *Pyr*, Fogo.) Aqui, o Sol Transmundano é o Demiurgo Zeus (chamado de Deus Noérico), que faz a mediação entre o Mundo Mundano abaixo e a Mônada Transcendente (o Fogo Primordial) acima, que é a terceira e mais alta hipóstase do Sol. 118

Hesíodo diz que Hélios é filho de *Theia* e *Hyperiôn* ("Ele Acima de Tudo"), que já vimos ser o Primeiro Princípio. "*Theia*", claro, significa "mulher divina", mas também é uma palavra para tia e babá; é sinônimo de *Têthis*, que está ligado a *Têthys* (Deusa do Fluxo Abissal), outro nome para a noiva de *Hyperiôn*. Ambos os nomes são derivados de uma raiz que significa "ordenhar ou amamentar". *Theia* é obviamente a Grande Mãe *Reia*. *Hyperion* e *Theia* deram à luz uma Tríade: o Sol (Hélios), a Lua (Selene) e o Amanhecer (Eôs), que vem entre os outros dois. Hélios é a Mente do Mundo e Selene é a alma-do-mundo (veja "Lua" na Parte II); Eôs marca o lugar onde eles se encontram.

¹¹⁷ Um Sol como núcleo que se mantém em si mesmo ao mesmo tempo que emana suas influências.

¹¹⁸ Dessa forma, o Sol mundano governa os seres do reino etéreo/celestial e o Sol transmundano governa os seres noéricos do reino empíreo (Ideias; deuses vivos).

Às vezes, o Demiurgo é distinto do Sol Transmundano, caso em que o último pode ser identificado com Apolo, que então faz a mediação entre Zeus e Hélios. Plutarco explica o nome de Apolo (*Apollôn*) como significando "Não-muitos" (*A-pollon*), o que mostra sua descendência da Mônada.

O pitagorismo foi influenciado pelas doutrinas dos Magos, que remontavam a Zoroastro, segundo o qual Hélios era idêntico a Mitras, o Deus Salvador do Mitraísmo. Portanto, Juliano teve pouca dificuldade em reconciliar suas crenças pitagóricas e mitraicas.

Com base na doutrina mitraica, podemos dizer que Hélios-Mítra medeia em três domínios:

Cosmicamente, ele faz a mediação entre seus pais, Cronos e Reia, ou seja, entre a Mônada, o princípio da unidade, e a Díade Indefinida, o princípio da pluralidade, pois seu Logos compreende as Ideias articuladas, uma pluralidade de unidades.¹¹⁹

Teologicamente, ele está entre os Deuses, que residem no reino do Ser eterno, e os humanos, que residem no reino do perpétuo devir. 120

Moralmente, ele é o Salvador por meio do qual os humanos podem esperar ascender ao Bem. Pois Hélios-Mítra é o Psicopompo, que mostra à alma do místico o caminho para os Deuses, e que conduz as almas desencarnadas dos mortos pelas sete esferas planetárias. 121

Hélios-Mítra é o Deus da Verdade e é chamado de Juiz (*Kritês*), porque o Sol, além de ver todas as coisas (lembre-se: Hélios foi o único Deus a testemunhar o rapto de Perséfone), também julga cada alma após a morte e decide se ela deve ser reencarnada ou entrar em comunhão com os deuses.¹²²

Outro Deus Mediador intimamente relacionado ao Demiurgo é Eros (Amor), e Ferécides diz que quando Zeus pretendia criar (*demiourgein*), ele se transformou em Eros. Os Oráculos dizem que Eros foi o primeiro a saltar do Nous Paterno (que, como devemos lembrar, é identificado com o Amor em oposição à Guerra). Todos os deuses nascem por meio da agência do Amor.

Eros é chamado de Arquétipo Noético do Sol (o que o torna um Sol Transmundano) e, portanto, ele governa o Reino Noético das Ideias. Como o Arquétipo Noético do Sol, ele também corresponde ao Bem, que é a meta que todas as coisas desejam. Ele é a força cósmica que atrai todos juntos na Unidade. Nas palavras dos Oráculos Caldeus (frag. 39):

"Pois, pensando em atos, o Nous Paternal autoproduzido em todas as coisas espalhou o vínculo de amor pesado de fogo, para que todas as coisas permaneçam no amor através do tempo ilimitado,

¹¹⁹ Zeus-Helios, ou, como chamado por Juliano, Helios-Mitra, é o Demiurgo, o Logos articulador. Através dele as Ideias que residem em unidade na Mônada (Ser puro) podem ser implantadas pluralmente na Díade Indefinida (Matéria).

¹²⁰ Zeus-Helios está entre os deuses que residem em unidade na Mônada (hênadas) e os humanos que residem no reino material.

¹²¹ Se Zeus-Helios está entre o Ser eterno e o reino material, então é somente através dele que os homens que habitam o reino material podem ascender rumo ao Ser eterno.

¹²² Afinal, Zeus-Helios é o psicopompo.

nem caem as Teias tecidas da Luz Noérica do Pai. Através do Amor, os elementos Cósmicos permanecem no curso."

O *Hyphasmena* (Teias Tecidas) também pode ser *Robes* ¹²³, lembrando a tecelagem do Artesão do Manto Variegado (veja "O Casamento" na Parte II e "Artesão" acima).

Além disso (como explicado no Simpósio de Platão), Eros captura almas e, sendo intermediário (*Metaxu*), dirige-as para a Beleza da Mônada e as conduz para cima em direção a ela. (Em contraste, o Sol Mundano, ao iluminar coisas sensíveis, pode nos levar mais fundo no mundo material e nos ligar a ele, a menos que, é claro, entendamos o Sol Mundano como um símbolo visível para o Sol Transmundano.)

Helios-Mithras é considerado um aliado da humanidade. Ele cria e ordena o mundo material e nos ensinou a vida civilizada, incluindo religião, política e cultura. Portanto, sua mediação é chamada de Amigável e Harmoniosa. Tal Logos Mediador é necessário para a Salvação, pois a Mônada está além do alcance de nossas mentes desarmadas e, portanto, um poder mediador é necessário para unir a mente individual com o Primeiro Nous.

Portanto, devemos buscar a ajuda de Deuses como Helios-Mithras e Eros, que podem ajudar a elevar nossas mentes ao Ápice do Ser. O Demiurgo é capaz de apreender a Mônada e, ao podermos fundir nossa própria mente com o Divino Nous, também podemos nos aproximar da Mônada. Esta união mística é efetuada através da Flor de Nous (*Anthos Nou*), a parte mais elevada da alma (veja a Parte V sobre Teurgia, para mais informações).

[58]

¹²³ As teias também podem fazer alusão aos divinos *Seirai*, os acordes que mantém os níveis mais inferiores da realidade unidos em um *continuum* com os níveis mais superiores. Afinal, Zeus molda o mundo material enviando suas Ideias articuladas através desses fios.



Junges, Teletarcas e

Conectores

Vários outros Espíritos Mediadores ocupam a Díade Média (*Hê Mesê Duas*) e são auxiliares essenciais nos ritos teúrgicos. Como eles serão discutidos na Parte V deste resumo, aqui será suficiente dizer que eles participam do governo do universo, mantendo os canais de influência e os laços de harmonia que emanam do Nous.¹²⁴

Em primeiro lugar (e mais importantes na Teurgia) estão os Teletarcas (Mestres da Iniciação), o principal dos quais é Eros¹²⁵, que liga as Ideias como Crateras da Fonte Paterna. Nas palavras dos Oráculos (frag. 42), as Ideias são criadas

"Por um Laço do maravilhoso Eros, que do Nous saltou primeiro, com roupas ígneas de Fogo Unificador, para misturar as Crateras de origem, oferecendo a Flor de seu Fogo."

Isto é, antes mesmo de as Ideias serem criadas, Eros saltou do Nous Paterno e misturou as Ideias, as Crateras (ou Tigelas de Mistura) da Fonte, por meio de seu Fogo Unificador revestido de Fogo Noético. ("Unificação" aqui se refere ao encantamento de um Feitiço de Vinculação ou Feitiço de Amor.)

Sem seu poder de vinculação, as Ideias não poderiam ter sido consolidadas no Logos¹²⁶ (ver também fragmento 39, citado acima). (Sobre as crateras, veja também "Criação de Outros Deuses" acima e "Árvore Cósmica" na Parte II.)

¹²⁴ Os canais de influência e os laços de harmonia que emanam do Nous são os divinos *Seirai*, as teias e fios que unem o Ser eterno à Díade Indefinida.

¹²⁵ Pois, como já dito, Eros mantém unidos os reinos através dos divinos Seirai.

¹²⁶ Pois embora as Ideias tenham sido articuladas e multiplicadas pela Díade Indefinida (Reia), elas todas são vinculadas entre si e passam a existir na Mente de Zeus. Eros é esse poder unificador que vincula as Ideias e as permite que coexistam em conjunto na Mente de Zeus.

É por isso que é dito que Eros existia originalmente no Pai e, após a influência da Díade Indefinida, saltou para fora do "Nous Paterno" (Pai). Pois o Pai é a Mônada, o princípio de Unidade, e se Eros é a força que vincula e unifica a multiplicidade em um Todo, então Eros é naturalmente derivado do princípio de Unidade.

Isso explica, por exemplo, o porquê de Hesíodo colocar Eros como um deus primordial. Afinal, nesse sentido, ele é condição necessária da vinculação dos deuses na Mente de Zeus.

Três outros Teletarcas são os *Kosmagoi* ou Governantes dos Três Mundos (Empíreo, Etéreo, Material): Aiôn (não o Deus inefável de mesmo nome), Hélios e Selene. Em seguida estão os *Iunges*, que capacitam as Ideias Simbólicas, Sinais e "Senhas" usados nos Ritos Teúrgicos. Finalmente, existem os Conectores (*Synokheis*). Isso deve bastar para eles por enquanto.

Demiurgo e a

Alma-do-mundo

O Demiurgo e a alma-do-mundo (Zeus e Hera, Osíris e Ísis) são chamados de Segundo e Terceiro Deus, após a Mônada (Cronos), o Primeiro Deus.

Cada nível do Ser é ativo com respeito aos que estão abaixo e passivo com respeito aos que estão acima; portanto, o Demiurgo e a alma-do-mundo são relativamente ativos e passivos, respectivamente.

O Demiurgo desperta a alma-do-mundo de seu sono semelhante a um transe (*karos*), de modo que ela deseja reproduzir sua Forma em sua Matriz (Ventre)¹²⁷. Ela anseia pela conclusão de seu Logos, e deseja e busca o Bem por meio de seu Amor.

De acordo com Plethon, o Sêmen do Demiurgo é a fonte da Forma de tudo no Mundo. Ele cria projetando suas formas no ventre de Hera¹²⁸, cujo fluido menstrual fornece a matéria e o alimento para a existência material. (Veja a Parte II, "Deusas", para mais informações sobre a alma-do-mundo.)

¹²⁷ A alma-do-mundo deseja reproduzir no seu ventre as Ideias de Zeus e, através disso, dar à luz o mundo material.

¹²⁸ Alma-do-mundo.

Zeus Inferior

Assim como a alma e o corpo de Osíris são distintos, os pitagóricos distinguem um Zeus Superior (*Hypatos*) e um Zeus Inferior (*Neatos*), que podem ser dois aspectos de um único Deus. Em qualquer caso, é o Zeus Inferior, ou corpo de Osíris, que está mais envolvido com a Matéria, imprimindo as Formas de maneira que sejam imanentes nela.

Como observado anteriormente, o Demiurgo tem Luxúria (*Orexis*) pela Matéria, o que o motiva a despertar a alma-do-mundo de seu torpor¹²⁹, mas no calor de sua paixão, ele esquece sua identidade e, prosseguindo com muito Poder, abandona sua Essência. Portanto, ele está dilacerado.

Alternativamente, considere esta analogia: o Selo imperecível (a Forma transcendente) pode ser impresso em cera (Matéria) e deixar seu Signo (Forma imanente)¹³⁰, uma cópia imperfeita do original. Mas a cera é mole e logo a imagem vai se deteriorar. Portanto, a cera deve ser derretida e alisada (reduzida à *Prima Materia*) para que o Selo possa ser impresso novamente e sua Imagem restaurada.¹³¹

Podemos comparar isso com o desmembramento periódico de Osíris pelo caótico Poder da Matéria (*Tífon*, aqui equivalente à Díade Indefinida), e com seu rejuvenescimento por Ísis, Ama e Senhora da Magia. Da mesma forma, de acordo com as Escrituras Órficas, Dioniso (o Filho de Zeus) foi dilacerado pelos Titãs, mas posteriormente restaurado por Atenas¹³².

O Deus desmembrado¹³³ tornou-se o Patrono da Matéria Dividida¹³⁴, isto é, dos distintos objetos materiais que ocupam o mundo sensível, e assim a morte do Deus¹³⁵ foi chamada de "drama da individualização".

Naturalmente, esta não é uma obra do mal, mas a maneira da Divina Providência de criar o mundo material. Da mesma forma, Mitra, ao matar o Touro, pode ser visto como o Patrono

¹²⁹ Em outras palavras, Zeus anseia unir-se à matéria, mas, para isso, ele precisa proceder à matéria. A alma-domundo é o termo médio dessa emanação. Une as Ideias do Alto com a matéria.

¹³⁰ Sumbola.

¹³¹ A alma-do-mundo é o que, fazendo a mediação entre Zeus e matéria, reimprime as Formas imanentes (sinais e signos de Zeus) na matéria. As Formas imanentes são o Zeus Inferior que é constantemente dilacerado pelo poder da matéria. As Formas imanentes são inferiores, segundo Jâmblico, não porque a matéria é metafisicamente má, mas sim pois a matéria não é capaz de armazenar a total perfeição das Formas transcendentes, da mesma maneira que Zeus armazena em sua mente apenas as Ideias articuladas pela Díade Indefinida.

¹³² Neste acontecimento mítico das escrituras órficas, Dioniso assume o papel de Forma imanente, os Titãs assumem o papel do poder de dissolução da Díade Indefinida e Atenas assume o papel de alma-do-mundo.

¹³³ Zeus Inferior, corpo de Osíris, Dioniso.

¹³⁴ Torna-se o patrono pois é o Sinal do Criador na matéria dividida, portanto, o Rei na matéria dividida.

¹³⁵ A dissolução da Forma imanente pela força da matéria.

da Matéria Dividida. Portanto, todos esses três deuses são muito próximos dos mortais e, consequentemente, dos salvadores que atuam em nosso favor. (Já vimos Mitra como mediador.)

Nos mitos de Osíris e Dioniso¹³⁶, o Falo de Deus é cortado; assim também no mito de Átis (jovem consorte da Grande Mãe) e em muitos mitos semelhantes.

Essa emasculação simboliza o fim da geração caótica impulsionada pelo poder multiplicativo da Díade Indefinida e uma reversão ao limite imposto pela Mônada.

Dioniso é o Filho de Zeus e, em muitos aspectos, seu alter-ego; na verdade, ele pode ser identificado com o Zeus inferior. Essa identificação é reforçada por textos órficos, nos quais Dioniso está intimamente ligado a Hades, que é chamado Zeus Katakhthonios (Abaixo da Terra).

De fato, de acordo com a doutrina pitagórica, como (o Superior) Zeus é o Demiurgo que governa o Reino Noético, então o Zeus Inferior é o Demiurgo que governa o Reino Sublunar, especificamente, o Ar entre a Terra¹³⁷ e o Céu¹³⁸.

Da mesma forma, podemos nos surpreender ao encontrar Hades nomeado como o governante do Ar, mas seu nome Aidês foi explicado pela natureza sem forma (aeidês) do Ar. (Assim, os Daimones Aéreos, que ocupam a Natureza, são governados por Hades.)

Portanto, temos quatro Divindades governando os elementos, como mencionado acima. A Terra é governada por Deméter, e os Três Irmãos Zeus, Poseidon e Hades - todos Filhos de Cronos - governam os elementos sutis, Fogo, Água e Ar, respectivamente.

Os Três Irmãos correspondem às funções de permanência, progressão e reversão em cada reino do universo. Por exemplo, Zeus é o Pai, que cria as almas antes da geração; Poseidon os traz à geração, pois a água simboliza o fluxo da existência material (ver "A Mãe dos Deuses" na Parte II); Hades liberta as almas da geração, mostrando-lhes sua origem¹³⁹. Portanto, lemos nos Oráculos (frag. 27):

Logo, o Ar é a Forma imanente, o Rei imanente, o Rei da matéria dividida.

¹³⁶ Osíris é identificado, aqui, com Dioniso. Ambos representam a Forma imanente, o sinal do Criador na matéria.

Sobre isso, vale relembrar que as estrelas fixas representam e imitam a imutabilidade da Inteligência Criadora, e por isso Osíris também era representado com um manto estrelado, simbolizando o Céu estrelado. Afinal, Osíris é a Forma imanente, análogo às estrelas fixas.

¹³⁷ Agui simbolizando a matéria.

¹³⁸ Aqui simbolizando a Inteligência e as Formas transcendentes.

¹³⁹ Por isso Hades e Dioniso assemelham-se como patronos da matéria dividida, pois Hades é o processo de reversão rumo às Ideias transcendentes, da mesma maneira que as Ideias imanentes (Dioniso) revertem-se às transcendentes visando imitá-las. Dioniso e Hades representam o mesmo movimento rumo ao Zeus superior.

"Em cada mundo brilha uma tríade governada pela Mônada 140."

Em particular, no Reino Etéreo, Zeus governa a Esfera de Estrelas Fixas, Poseidon governa as Esferas Planetárias e Hades governa a Esfera Sublunar. A Terra é central para todos eles.

De acordo com o mito órfico, quando os titãs desmembraram Dioniso, eles cozinharam e comeram os pedaços. Zeus incinerou os Titãs com seu raio, e das cinzas (contendo tanto substância titânica quanto substância divina¹⁴¹) ele fez a humanidade; portanto, somos parte Deus, parte mortais¹⁴². Como consequência de nossa natureza titânica, devemos passar algum tempo revestidos de matéria, na terra, no reino do Zeus Inferior, antes de retornarmos aos Deuses. Este é o nosso Dever de Guarda (*Phroura*), sob o comando de Dioniso / Hades, e por isso devemos executá-lo bem.

¹⁴⁰ Filhos de Cronos (Zeus, Poseidon e Hades) simbolizando as três fases da tríade de emanação: permanência, progressão e reversão.

¹⁴¹ Dos membros de Dioniso, os quais os Titãs comeram.

¹⁴² A parte divina é o Espírito, a parte mortal é o corpo. A alma é a mediadora entre o Espírito e o corpo.

Outros Deuses

Mencionarei brevemente os outros deuses do Olimpo conforme descritos por Salústio (fl. 363 d.C) em *Sobre os Deuses e o Cosmos* (Bk. VI); estes são os Deuses Cósmicos diretamente responsáveis pelo Cosmos. Estão em quatro Ordens (*Taxeis*), cada uma responsável por uma Operação (*Pragma*), com início, meio e fim (correspondendo às fases triádicas: permanência, progressão, reversão); portanto, há doze deuses com doze poderes correspondentes (*Dynameis*).

Os Criadores (*Poiountes*) são Zeus, Poseidon e Hefesto¹⁴³; os Animadores (*Psychountes*), que animam o mundo, são Deméter, Hera e Ártemis¹⁴⁴; os Harmonizadores (*Harmozontes*), que unem o mundo em uma Harmonia, são Apolo, Afrodite e Hermes¹⁴⁵; e os Guardiões (*Phrourountes*), que preservam a Harmonia resultante, são Héstia, Atenas e Ares¹⁴⁶. Um pouco de contemplação mostrará a adequação de cada uma dessas funções.

Salústio também nos diz as Deidades responsáveis pelas esferas elementais e celestiais: Héstia (Terra), Poseidon (Água), Hera (Ar), Hefesto (Fogo), Ártemis (Lua), Hermes (Mercúrio), Afrodite (Vênus), Apolo (Sol), Ares (Marte), Zeus (Júpiter), Deméter (Saturno), Atenas (Aithêr); a Esfera de Estrelas Fixas é comum a todos eles.

Podemos esperar que Cronos segure a Esfera de Saturno, mas como ele é o Primeiro Deus, a Esfera Saturnina é atribuída à sua esposa Deméter (aqui igualada a Reia, uma identificação feita já no século V a.C). Além disso, aqui encontramos Zeus como o governante da esfera de Júpiter, em vez de Cronos entre os deuses hipercósmicos. Finalmente, Atenas governa o Aithêr porque é a casa de nosso Nous e ela é a Deusa da Sabedoria.

¹⁴³ Os deuses criadores atuam na esfera do limite e criam dando forma à matéria disforme. Em razão de estarem relacionados ao limite, são divindades masculinas.

¹⁴⁴ As deusas animadoras atuam na esfera do ilimitado e dão movimento e animação à matéria formada, Em razão de estarem relacionadas ao ilimitado, são divindades femininas.

¹⁴⁵ Os deuses harmonizadores atuam na esfera do retorno (mistura) e harmonizam o mundo mantendo a pluralidade vinculada a uma unidade. Em razão de estarem relacionados à mistura, são divindades tanto masculinas (Apolo, Hermes) quanto femininas (Afrodite).

¹⁴⁶ Os deuses guardiões atuam preservando por toda a eternidade a obra resultante dos deuses criadores, animadores e harmonizadores.

«Capitulo I4» Sohre o Uno

Aiôn, o Peus Primordial

Na tradição pitagórica, os muitos deuses individuais, como Zeus e Hera, Apolo e Ártemis, são considerados descendentes do Pai e da Mãe dos deuses, comumente conhecidos como Cronos e Reia (ver Parte I, Teogonia). Esses dois governam todas as principais dualidades do universo, incluindo luz e escuridão, forma e substância, mente e matéria, ser e devir, identidade e diversidade. Essas dualidades são todas manifestações da Unidade (a Mônada) e da Pluralidade (a Díade Indefinida).

No entanto, além do Pai e da Mãe dos Deuses, a maioria dos pitagóricos reconhece uma Divindade Primordial que abrange todas as Divindades e, na verdade, todas as coisas no universo. Esta Deidade transcendente é às vezes chamada Aiôn ("Eternidade" ou "tempo Ilimitado"), mas também o Todo (*To Pan*), A Totalidade (*Para Holon*) e o Um (*Para Hen*). Na verdade, Proclo (c.411-485 CE) diz: "o Um é Deus" (*Para Hen Theos*). (Usarei todos esses nomes, conforme apropriado.)

Segundo os mitos, Aiôn é bissexual¹⁴⁷ e por autofecundação dá à luz o Pai e a Mãe dos Deuses¹⁴⁸. Mas, uma vez que Cronos e Reia juntos criam tempo e espaço ordinários (determinados), a criação deles por Aiôn está fora do tempo, uma eterna Emanação. Essa divindade pode parecer realmente remota de nossa vida cotidiana, mas tentarei explicar por que, para os pitagóricos, a união com o Um é a essência de uma vida espiritual.

 ¹⁴⁷ Bissexual no sentido de conter os dois sexos. Esse termo pode ser substituído por hermafrodita ou andrógino.
 148 Acredita-se que essa concepção de Deidade Primordial que abrange toda dualidade tenha tido inspiração no Zurvanismo, uma espécie de "heresia" zoroastriana que colocava um Deus Primordial acima da Dualidade

Hno é Inefável

Heráclito (fl. C. 500 aC) diz: "Deus é dia, noite, verão, inverno, guerra, paz, abundância e fome (todos os opostos, esse é o significado)" (frag. 67). Ou seja, o Todo transcende a dualidade. O Todo, por definição, inclui tudo; portanto, deve incluir todos os opostos. O Um, por definição, deve unificar tudo; portanto, deve unificar todos os opostos. Consequentemente, o Um é paradoxal e contraditório, e os antigos o chamavam de Inefável, Invisível, Indizível, Inominável e Desconhecido.

o Todo é simultaneamente mente e matéria, um e muitos, estabilidade e mudança. Na verdade, é e não é, pois unifica os opostos Ser e Não-ser (ver "Enigmas do Um" no Cap. III). Abrange não apenas o que realmente é, mas também todas as potencialidades, todas as possibilidades¹⁴⁹. Este é o fundamento da Providência Divina (*Pronoia*), pois o Todo compreende tudo o que pode ser, e dessa totalidade se manifesta o que é. Além disso, porque o Um é a fonte e origem da ordem e da beleza do Cosmos, e porque é o objetivo pelo qual tudo se esforça (o fim de todo devir¹⁵⁰), muitos pitagóricos identificam o Um com o Bem (*T'Agathon*).

¹⁴⁹ Ou seja, o Todo abrange não apenas o ato de ser (Cronos), mas também a potência de ser (Reia).

¹⁵⁰ Pois, sendo o Todo, todo devir se dá nele, e todo devir, portanto, tem origem e destino nele.

A Matéria é Má?

No entanto, só porque o Um é chamado de "Bem" e "Altíssimo" (*Para Anôtatô*), não se deve supor que ele está acima de qualquer outra coisa (por exemplo, a matéria ou o mundo físico), que é mau e degradado. Em primeiro lugar, isso é impossível, pois o Um é o Todo e, portanto, não há "outra coisa" além do Bem. Além disso, os pitagóricos reconhecem que as Ideias transcendentes emanam das coisas das quais são a Essência; por exemplo, a Vida permeia todas as coisas vivas. Portanto, a Ideia mais elevada, o Um, emana sua Unidade e Bondade em todas as coisas (existindo ou não).

Aquilo que todas as coisas têm em comum, o substrato sem características de tudo (existente ou não), é a Matéria Primária (*Prima Materia*, *Hylê*), que é o Potencial Universal, o princípio último da Receptividade (como o Vivo é o princípio da atividade). Mas tenha cuidado: a matéria não é algo diferente do Um, pois o Um é Tudo; A matéria é apenas o Um de uma perspectiva diferente.

A matéria é boa porque o Um é bom, pois eles são o mesmo. Cada um desses dois opostos aparentes é chamado de "Extremo" (*Para Akron*) e "Simples" (*Para Haploun*). (Veja "A Mãe dos Deuses" e "A Deusa da Árvore Cósmica" na Parte II para mais informações sobre a Matéria.)



(1) "Fu" Superior

Em particular, vemos que mente e matéria não são duas categorias mutuamente exclusivas; em vez disso, o Todo é Mente e Matéria simultaneamente. O mundo físico é familiar (mais ou menos), mas o outro lado do Todo é o mundo psíquico, a Mente do Todo, da qual nossas mentes individuais são partes.

Somos enganados ao pensar que nossas mentes individuais são separadas e independentes, mas isso é porque nos identificamos com nossa consciência do ego. No entanto, a consciência do ego é apenas a camada mais concreta e material da mente, desenvolvida para facilitar nosso funcionamento no mundo físico do espaço e do tempo. Mais profundo ou mais alto (escolha sua metáfora) do que a mente consciente está o inconsciente, o Eu Superior. (Embora esteja além da consciência, podemos aprender sobre isso indiretamente.) Nos confins de nossa mente inconsciente, alcançamos o inconsciente coletivo¹⁵¹, que todos nós compartilhamos.

Ou seja, nosso Eu Superior individual são apenas órgãos do único Eu Superior, a Mente de Tudo. Como diz Empédocles (c.495-435 AC), o Divino Tudo (*Para Theion Pan*)

"é a mente, sagrada e inefável, [que está] através de todo o Cosmos disparando com pensamentos rápidos." (frag. 134)

Novamente, a Mente Divina não está separada do universo físico, pois é o universo físico. Seu pensamento constitui a Providência Divina.

A maneira mais sábia de viver então, de acordo com os pitagóricos, é em harmonia com a Providência; somos partes dela e, portanto, viver de outra forma é lutar contra nós mesmos. A sabedoria é o meio pelo qual nos sintonizamos com a Providência, o Todo. Ou seja, "Sabedoria é uma coisa: conhecer o Pensamento, como todas as coisas são dirigidas por todas as coisas" (Heráclito, frag. 41). É um processo vitalício de Individuação (Holôsis – fazer-se inteiro), incluindo a Unificação com a Divindade (Henôsis – tornar-se um), que culmina na Deificação (Theôsis).

¹⁵¹ Nos termos de Jung. Mas aqui refere-se à Mente do Todo, da qual as mentes individuais são partes.

(1) Caminho Triplice

Como podemos chegar a conhecer o Um, que é por definição inefável, indizível, paradoxal e contraditório? De acordo com a tradição pitagórica, existe um Caminho Tríplice (Triodos). A primeira forma é Analogia (Analogia): não podemos dizer o que é o Um, mas podemos dizer como ele é. Por exemplo, podemos dizer que o Um é como o Sol iluminando todas as coisas sem diminuir, e que o Um ilumina cada nível do ser à sua maneira, pois cada coisa reflete ou absorve os raios do Sol à sua maneira. O segundo caminho para o Um é por meio da Negação (Apofasis). Visto que o Um está "além do ser" 152, não podemos dizer o que ele é; portanto, devemos nos resignar a dizer o que não é. Este é um Exercício Espiritual (Askêsis) que considera cada afirmação que podemos fazer do Um e então a rejeita. Eventualmente, chegase a um estado de Silêncio (Sigê), pasmo e mudo diante do Indizível (Para Arrhêton). A terceira via é a Ascensão (Anagogê), pela qual ascendemos à união com o Todo. As outras duas maneiras são intelectuais e, portanto, devem, no final das contas, falhar em alcançar a compreensão e a iluminação plenas. É um princípio da filosofia pitagórica que a única maneira de realmente conhecer algo é tornar-se esse algo: semelhante conhece semelhante. Portanto, a única maneira de conhecer a Deus é se tornar Deus 153. Isso pode soar presuncoso, pelo menos! Mas lembre-se de que o Todo é Deus, portanto já fazemos parte da Divindade e, portanto, somos divinos. O que estamos procurando então é nos tornarmos conscientes intuitivamente, não intelectualmente¹⁵⁴ - de nós mesmos como aspectos da Divindade, e viver de acordo, como órgãos da Providência divina. Um antigo pitagórico disse: "As pessoas são semelhantes aos deuses... Portanto, também Deus exerce a Providência sobre nós" (Diógenes Laércio, VIII.27). (Veja a Parte V na Subida.) Para conhecer o Um, você deve se tornar Um e, portanto, deve unificar os opostos em você mesmo¹⁵⁵. Em parte, isso é conseguido tornando-nos mais conscientes dos símbolos, pois eles podem ter significados múltiplos e contraditórios e são a linguagem do inconsciente coletivo 156, por meio da qual podemos nos comunicar com os Deuses.

¹⁵² Além do ser apenas no sentido de que o Uno não é estritamente o Ser Puro, apesar do Ser Puro ainda existir dentro do Uno, do Todo.

¹⁵³ Da mesma forma que as palavras falham em traduzir genuinamente um sentimento, também a razão e a lógica falham em traduzir Deus, pois Deus é contradição. A única forma de conhecer genuinamente Deus é, portanto, sentindo-o em seu coração, em você mesmo – é sentir e conhecer a sua parte divina.

¹⁵⁴ Não basta sabermos discursivamente e intelectualmente que somos Deus, mas sentir intuitivamente que somos Deus.

¹⁵⁵ Consciente e inconsciente; Espírito e Alma.

¹⁵⁶ A Mente do Todo.



Monoteismo Pagão?

A descrição anterior do Um pode parecer beirar o monoteísmo pagão; na verdade, o cristianismo místico, o judaísmo e o islamismo foram generosamente emprestados do ramo neoplatônico da tradição pitagórica. No entanto, existem diferenças significativas, que é importante observar.

Primeiro, conforme discutido nas partes anteriores deste Resumo, os pitagóricos reconhecem muitos deuses; além de Aiôn (O Único), existem Cronos e Reia (a Mônada e a Díade Indefinida), Zeus e Hera (o Demiurgo e a alma-do-mundo) e todos os outros Olimpianos, bem como uma série de Divindades, Espíritos e Heróis (ancestrais deificados). Todos esses deuses são aspectos do Único, é claro, que às vezes são chamados simplesmente de "Deus", mas, por esse mesmo raciocínio, nós, mortais, também somos aspectos de Deus, como tudo o mais no mundo.

O que isso mostra é que existe uma falsa dicotomia entre monoteísmo e politeísmo. Assim como todos nós somos partes do Todo, mas ainda assim indivíduos separados, também todos os Deuses são Divindades realmente distintas e individuais, mas também partes do Divino Um. Como nossos dedos, eles são separados, mas partes de um todo. O Todo é Um (*Hen to Pan*). Finalmente, vale a pena fazer algumas observações sobre a antiga palavra grega *Theos* (Deus). Primeiro, no estrato mais antigo da língua, *Theos* pode se referir a um Deus ou a uma Deusa (a palavra separada *Thea* para "Deusa" foi uma inovação posterior). Em segundo lugar, a palavra é usada quase como um adjetivo que significa Divindade e, portanto, quando algo é chamado de *Theos*, significa que tem a propriedade de ser divino.

Isso ajuda a explicar por que um antigo pagão pode se referir a *Theoi* ("Deuses") em uma linha e a *Theos* ("Deus") na seguinte (como na citação de Diógenes Laércio acima); o que ele realmente quer dizer é "Seres Divinos" (*Theoi*) e Divindade (*Theos*)¹⁵⁷. A diferença está entre focar nos aspectos individuais da Divindade ou na Divindade como um todo. (Também pode ser importante mencionar que o grego antigo não fazia distinção entre letras maiúsculas e minúsculas, então "deus" e "Deus" são o mesmo.)

Concluindo, observarei que a doutrina pitagórica do Todo revela o significado completo da bênção familiar:

Tu és Deus! (Theos ei!)

¹⁵⁷ De certa forma, a essência de ser Divino (*Theos*) e os seres que compartilham dessa essência (*Theoi*).

« Capitulo U5 »

Teurgia

Sucessão Pitagórica

Nos tempos antigos, as tradições místicas e mágicas eram transmitidas oralmente de professor para aluno. Frequentemente, isso envolvia o professor adotando ritualmente o aluno para que se tornassem Pais e Filhos Espirituais. Assim, em textos antigos, o professor às vezes é chamado de "Pai" ou "Mãe", e o aluno de "Filho" ou "Filha". Tal tradição era chamada de Sucessão (*Diadokhê*, "o que foi recebido de outro"), e era comumente atribuída a um Ancestral Divino, um Deus que primeiro divulgou os ensinamentos secretos a um mortal (frequentemente seu filho). Posteriormente, a Sucessão ficou sob a tutela daquele Deus, e todos os seus membros foram considerados em uma *Seira* divina (Acorde, Série, Linhagem, Fio) originada do Deus. (Veja a Parte I, "Estrutura triádica" para os *Seirai*.)

Uma das tradições mais famosas desse tipo é a sucessão pitagórica (*Pythagoreios Diadokhê*), que remonta seus ensinamentos a Pitágoras (572-497 a.C), que se dizia ser filho de Apolo: seu nome refere-se a Apolo Pítio e sua mãe ficou grávida depois de uma visita a Delfos, onde a Pitonisa previu que ela teria um grande sábio (ver no Cap. II). No entanto, Pitágoras tinha seus próprios professores; ele estudou com Ferécides e, de acordo com seus biógrafos, foi iniciado nos mistérios dos caldeus, egípcios, brâmanes, fenícios e zoroastristas.

Conforme discutido na Parte I (História), a Sucessão Pitagórica inclui muitos dos mais famosos Sábios e Filósofos da antiguidade, incluindo Empédocles (c.495-435), Platão (427-347), Apolônio de Tiana (primeiro século d.C), Plutarco (c.46-c.125), Plotino (205-270), o imperador Juliano (331-363) e Hipátia (365-415).

Quando as escolas pagãs foram fechadas por Justiniano em 529 d.C, Sete Filósofos Errantes fugiram de Atenas para a Pérsia; eles permaneceram lá por um tempo e alguns se estabeleceram no Leste. Em qualquer caso, depois de mais de mil anos, a Sucessão desapareceu no subsolo e é difícil rastreá-la depois disso, embora apareça de vez em quando.

Philosophia Antiga

Pitágoras cunhou o termo *Philosophos*, que significa Amante da Sabedoria. Uma nova palavra foi necessária porque, enquanto muitas pessoas se autodenominam "sábias" (sophos), a pessoa verdadeiramente sábia sabe que a Sabedoria (sophia), como o estado de Buda, é um ideal que poucos alcançam, e somente depois de muitas vidas. Desejo e busca de Sabedoria é o máximo que devemos reivindicar.

A filosofia moderna muitas vezes parece uma disciplina acadêmica árida residindo no sótão mais alto da torre de marfim, mas a Filosofia antiga era muito diferente; era uma disciplina prática destinada a ensinar a viver bem. Este também é o objetivo dos modernos professores de Filosofia. (Melhor viver através da Iluminação!)

Em alguns aspectos, a filosofia é mais parecida com a medicina do que com uma matéria teórica. Seu objetivo é *Therapeia* (cuidado, terapia, cura) e *Hugieia* (saúde, saúde mental e corporal). Ou seja, visa aliviar os problemas e aflições das pessoas e mostrar-lhes uma maneira melhor de viver.

Como cada aluno de uma escola de Filosofia está em uma situação diferente, cada aluno recebe práticas adequadas à sua condição. Avaliar a condição espiritual e o progresso do aluno é tarefa do professor, que pode ser denominado *Kathêgemôn* (Líder, Guia) ou *Didaskalos* (Professor, Mestre).

O Mestre costuma fazer uso da Terapia da Palavra, que inclui feitiços e encantamentos, mas também discurso teológico e filosófico. O último pode ser verdadeiro ou falso em vários graus ou em diferentes níveis, mas sua verdade literal não era tão importante quanto seu efeito na mente do aluno.

Assim como o médico pode administrar diferentes ervas em momentos diferentes, dependendo de sua condição, o Guia também administra diferentes doutrinas (terapias verbais) apropriadas para seu estado espiritual¹⁵⁸. O objetivo não é construir sistemas filosóficos, mas curar e cuidar das almas.

Como disse Epicuro (c.55-c.135), "Vazias são as palavras dos filósofos que não curam o sofrimento humano."

O professor pode prescrever outros exercícios espirituais (Askêseis), incluindo meditação, contemplação, afirmações, visualização, redação de um diário e exame individual e em grupo do progresso espiritual e dos problemas. Estudantes mais avançados podem ser convidados a

¹⁵⁸ Jâmblico, inclusive, afirmou que não é a teoria que une os sacerdotes, mas a prática constante de contato com os deuses.

receber treinamento em Magia Espiritual (Teurgia) e outras práticas místicas que requerem maior dedicação.

O Guia Espiritual é supérfluo no mundo moderno? Por um lado, os fios da antiga Sucessão são difíceis de encontrar (embora os autoproclamados gurus estejam em toda parte). Por outro lado, muito do ensino antigo pode ser encontrado em livros e não precisa vir do ensino oral. Portanto, a prática solitária muitas vezes é a melhor opção hoje em dia.

No entanto, um Guia ainda é útil para poder avaliar a condição do aluno e prescrever práticas adequadas. Além disso, um Guia é útil quando o aluno fica travado ou encontra problemas especiais (especialmente nas práticas mais avançadas). Finalmente, se um aluno está psicologicamente "em risco", um Guia espiritual pode afastá-lo de práticas potencialmente perigosas e ajudá-lo na cura (talvez encaminhando-o para cuidados profissionais). Em resumo, embora um Guia não seja de forma alguma necessário, seu progresso pode ser mais fácil se você encontrar um Professor competente e honesto.

Espíritos Mediadores

No grego antigo, Daimôn (DYE-gem) pode se referir a qualquer divindade dos Altos Deuses em diante, mas os pitagóricos tendem a restringi-la aos Espíritos Mediadores entre os Deuses e nós. Alguns pitagóricos chamam as ordens superiores dos Daimones de Angeloi (Mensageiros), devido ao seu papel especial como mensageiros dos Deuses; as classes mais baixas são os Daimones propriamente ditos e os Heróis. Uma quarta classe compreende os Akhrantoi (os Imaculados), que são Seres Perfeitos (incluindo certos Sábios), que escolhem reencarnar para que possam ajudar a humanidade. Todos juntos, os pitagóricos referem-se aos Daimones como nossos "Melhoradores" (Kreittones).

Daimones têm uma natureza intermediária entre humanos e Deuses. Todas as três classes de seres são animadas e possuem razão. No entanto, os Daimones são como os Deuses por serem imortais e como os humanos por terem emoções. Em contraste, os deuses são impassíveis e os humanos são mortais. A maioria dos Daimones reside no Ar, que, em termos cosmológicos, é a região intermediária entre a terra, onde vivemos, e os céus, onde residem os Deuses. A Lua é o limite entre o domínio aéreo e os céus etéreos, e é aí que sua Governante, Hekate, tem seu domínio (ver "Hekate" no Cap. II). (Lembre-se também de que Hades governa os Daimones Aéreos.)

Como consequência de sua natureza intermediária, os Daimones servem como Mediadores entre os Deuses e nós, e eles transmitem a Providência divina (*Pronoia*) para o reino sublunar. Em particular, eles interpretam os desejos dos Deuses para nós e são os agentes de adivinhação, oráculos e rituais. Eles são espíritos ministradores que cuidam das pessoas e costumam ser chamados de Salvador (*Sôtêr*). (Lembre-se de que daimôn é do indo-europeu da, fornecer.) Muitos rituais são direcionados aos Daimones (que têm sentimentos e podem ser influenciados), e eles são, portanto, convencidos a mediar com os Deuses em nosso nome.

De acordo com a doutrina pitagórica, os Deuses residem no Reino Noético, o mundo das Ideias Platônicas, portanto, eles não podem se relacionar conosco como indivíduos, mas apenas como representantes da Ideia da humanidade. Os Daimones, entretanto, sendo intermediários, participam tanto do mundo Ideal quanto do mundo material e, assim, interagem conosco como indivíduos. Eles conhecem nossa história pessoal e familiar, nossa personalidade e, muitas vezes, nossos pensamentos.

Cada Daimôn é filho de um Deus, que é seu Arkhêgos (Líder, Progenitor, Originador) e, portanto, um Daimôn combina a natureza de um Deus com suas próprias características individuais. Portanto, a Seira (corda, linhagem) de um Deus inclui seus Daimones, bem como as Sucessões de Sábios já mencionadas. (No entanto, todos os Daimones estão sob o domínio

¹⁵⁹ Anjos.

de Hekate, porque sua estação na Porta da Lua é acima de todos os Daimones¹⁶⁰; ela é *Daimoniarkhês*, Governante dos Daimones.) Uma *Seira* de Deus também inclui várias plantas, animais, materiais, palavras, etc. que estão simbolicamente ou simpaticamente ligados a Deus; estes são usados em operações mágicas sagradas dirigidas a Deus.

¹⁶⁰ Da mesma forma, Hades também tem domínio sobre os Daimones Aéreos, pois é governante do Ar.

Daimon Pessoal

Além dos muitos Daimones, com seus vários cargos, cada um de nós tem um Guardião ou Daimôn Pessoal (*Idios Daimôn*), que conhece nossos pensamentos mais íntimos e nos acompanha pela vida e pela morte entre as vidas. Nosso Eu mais elevado, que os pitagóricos chamam de "flor mais alta da alma" é nosso Daimôn Interior; alguns pensam que é o mesmo que o Daimôn Guardião, mas outros, inclusive eu, acreditam que eles são diferentes.

Também temos conosco um Espírito das Sombras, o Outro Daimôn ou Daimôn Mau (*Kakos Daimôn*), que é criado a partir de todas as crenças, comportamentos, atitudes e assim por diante que rejeitamos como errados. O Daimôn Mau não pode ser banido, e se imaginamos que o fizemos, apenas nos enganamos, o que geralmente leva à Kakodaimônia: infortúnio, miséria e até loucura. É melhor conhecer seu Outro Daimôn, para que você possa satisfazer suas necessidades sem comprometer suas convicções morais; para esse fim, a Teurgia é muito valiosa. (seu Daimôn Guardião e Outro Daimôn têm o mesmo sexo que você, na maioria dos casos.)

Temos outros Daimones que estão particularmente preocupados conosco como indivíduos, como Musas, que nos trazem inspiração, e Guias de almas (*Psychopompoi*, muitas vezes do sexo oposto a nós), mas também existem outros Daimones que podem nos possuir de maneiras contraproducentes; é melhor conhecê-los todos, um objetivo importante da Teurgia.

¹⁶¹ Também chamada "Flor do Intelecto"

Interação com Paimôns

Claro, daimôn é a origem da palavra inglesa demônio, mas Daimones não são bons nem maus por natureza. Eles desempenham vários ofícios para seu Deus Governante, o que pode ou não ser para nosso benefício. Como as forças da natureza, eles são o que são. No entanto, devido à sua natureza intermediária, eles estão sujeitos a emoções, sentimentos e paixões, e nisso eles são diferentes dos deuses. Portanto, eles podem ser mais caprichosos e imprevisíveis.

Como mencionado, os Daimones podem possuir a nós, outras pessoas e até coisas não humanas. Isso não é necessariamente ruim, pois os Daimones são fontes de Poder Divino para nós; quando os poetas invocam suas Musas, eles estão convidando a possessão por eles. No entanto, a Posse inconsciente ou descontrolada pode ser indesejável, por isso é importante estar ciente dos Daimones. (Aqui, certamente, é um lugar onde um Guia humano experiente pode ajudar.) Os Daimones podem nos erguer ou nos arrastar para baixo.

Existem várias formas de entrar em comunicação com um Daimôn, sendo a mais simples criar o Espaço Sagrado, convidar a sua presença e começar a falar com eles. Posteriormente, exploraremos os métodos mais poderosos de Teurgia. Embora os Daimones mereçam respeito, não se esqueça de que nós, mortais, também temos uma Centelha de Divindade em nós e, portanto, você nunca deve abandonar sua autonomia moral.

Guias Divinos

Com um Daimôn como Mediador, podemos entrar em conversa com o Deus que é seu Líder (Arkhêgos); o Daimôn pode manifestar o Deus ou conduzi-lo a nossa presença. Como já foi observado, os Deuses estão distantes do mundo mundano, portanto, frequentemente é melhor lidarmos com os Daimones que são seus Ministros, mas para alguns propósitos o Deus deve ser contatado.

Uma razão para ter uma Sustasis (Reunião, Compacto) com um Deus é aprender sobre o Reino Divino. O objetivo não deve ser a curiosidade ociosa, mas buscar Conhecimento que pode ajudar nossa cooperação e promoção da Divina Providência. Em particular, podemos indagar dos próprios Deuses as técnicas da Magia Sagrada e da Teurgia.

Por exemplo, em vez de tentar adivinhar a melhor forma de invocar uma Divindade, ou aprender de fontes possivelmente não confiáveis, podemos perguntar a Deus como eles desejam ser invocados. (Claro, eles podem não nos dizer, se eles pensarem que somos indignos; na verdade, os oráculos caldeus nos avisam que se uma pessoa impura buscar esse conhecimento oculto, os deuses vão punir sua presunção com respostas enganosas). Foram encontros divinos que nos inspiraram textos como os Oráculos Caldeus, que nos ensinam essas artes.

Uma das coisas mais valiosas que um Deus pode ensinar a um mago são os sinais e símbolos (*Sunthêmata*, *Sumbola*) pelos quais a divindade pode ser invocada. São animais, plantas, pedras, cores, tempos, e principalmente personagens e palavras secretas, que pertencem à *Seira* de Deus e sintonizam a alma do mago com Deus.

Uma vez que Hekate é *Daimoniarkhês* (Governante dos Daimones) e é a Portadora da Chave (*Kleidoukhos*) e a Porteira (*Propulaia*) na fronteira dos Reinos Divinos, ela é a deusa mais intimamente ligado aos Ritos Teúrgicos, e assim é geralmente dela que buscamos instruções nessas artes. (Na verdade, é principalmente dela que temos os Oráculos Caldeus). Ela controla os Daimones, que podem nos ajudar ou impedir nosso progresso.

No entanto, a Sucessão Pitagórica como um todo está na *Seira* de Apolo, pois ele é o Deus dos Oráculos e o Guardião da Verdade e da Iluminação; Os pitagóricos estão na Linhagem Solar (ver "Fogo Primordial" no Cap. III). Veja também a discussão anterior de Deuses Mediadores ("Helios, Eros e Outros Deuses Mediadores" no Cap. III).

Ascensão ao Uno

A Ascensão (Anagôgê) ao Um é a prática espiritual central na Tradição Pitagórica (veja também "O Caminho Tríplice" na "Parte IIII"). Baseia-se no princípio de que "semelhante conhece semelhante". Portanto, para conhecer o Único, você deve se tornar o Único. Para conhecer o Deus Supremo, você deve se unir e se tornar o Deus Supremo, um processo de Deificação (Theôsis). Além disso, uma vez que o Um é o princípio a partir do qual todas as coisas têm sua existência, ao retornar ao Um nós redescobrimos e preservamos nossa Essência eterna, e assim a Ascensão é o principal meio de Salvação (Sôtêria) na Tradição Pitagórica. Por meio da União com o Divino, passamos a ver além de nossa individualidade e a compreender nossos próprios papéis como órgãos e instrumentos (organa) da Providência Divina. Em um sentido que ficará claro, a Ascensão alcança a Imortalização. Existem três Caminhos de Ascensão na Tradição Pitagórica, cada um correlacionado com um dos três principais Atributos do Um: sua Beleza, Sabedoria e Bondade, e as propriedades de conexão correspondentes, Amor, Verdade e Confiança, que são as Virtudes dos Caldeus. Esta tabela resume suas semelhanças e diferenças:

Atributos do Uno	Beleza	Sabedoria	Bondade
Propriedades de	Amor (Eros)	Verdade (Alêtheia)	Confiança (Pistis)
Conexão			
Veículo de	Loucura Erótica	Filosofia Divina	Poder Teúrgico
Salvação			
Caminho Divino	Afrodite	Atena	Hekate
	Eros	Hermes	Helios
Estágios da	Desejo por:	Contemplação da:	Operação por:
Ascensão:		-Sensibilidade	
-Material	-Corpo	-Razão	-Ritos materiais
-Etéreo	-Alma	-Intuição	-Ritos mentais
-Empíreo	-Espírito		-Ritos unitivos

Os pitagóricos divergem sobre qual caminho é melhor; abordagens diferentes parecem ser adequadas para almas com personalidades e talentos diferentes. Vou discuti-los em ordem:

1º Ascensão Erótica; 2º Ascensão Contemplativa; 3º Ascensão Teúrgica. ****************

Ascensão Erótica

Podemos começar com a Ascensão Erótica (*Erôtikê Anagôgê*), em que a força do Amor e do Desejo (*Erôs*), voltada para a Beleza, eleva a alma em direção à Beleza do Uno. Naturalmente, os guias nesse caminho são Afrodite e Eros (ambos já discutidos). A Loucura Erótica é o Veículo de Salvação e aproxima o Amante e o Amado, com o objetivo final de união. Sua descrição mais conhecida está no Simpósio de Platão (209E-212C), onde é colocado na boca da Sacerdotisa Diotima (via Sócrates); outras versões são fornecidas por muitos filósofos posteriores (por exemplo, Ficino).

A Ascensão prossegue por três estágios, correspondendo aos Reinos Material, Etéreo e Empíreo (veja "Teogonia" na Parte I). No nível material, o desejo é despertado pela beleza do corpo, que é experimentada por meio dos sentidos. Isso começa com o amor pela beleza de um indivíduo, mas se expande para o amor pela beleza física em geral.

O segundo estágio ascende ao desejo pela beleza da alma, que se manifesta nas excelências morais (i.e., Justiça, Fortitude, Moderação) e nas excelências intelectuais (Prudência, Conhecimento, Sabedoria). Essa beleza superior é percebida pela mente racional, e não pelos sentidos.

No terceiro estágio, chega-se a conhecer a Beleza Absoluta da única maneira possível: unindo-se a ela, essa união transcende a dualidade de sujeito e objeto – de Amante e Amado – pois o Amante funde-se com o Amado.

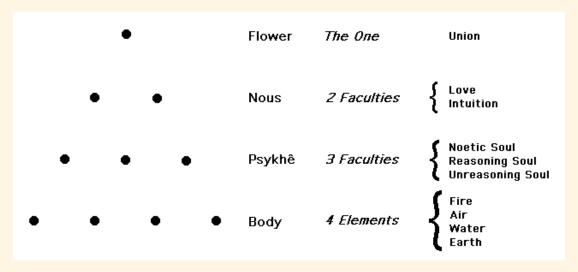
Imagens de fogo são comuns neste estágio: como a mariposa é atraída pela vela e é consumida por ela, a alma deseja e é consumida pela própria beleza. A alma se dá como combustível ao Um. Assim como o fogo refina o ouro, o Fogo Sagrado da Beleza Divina refina a alma, queimando seus elementos mais grosseiros e sublimando-o. Assim como a fumaça dos fogos sacrificiais sobe aos Deuses, a alma espiritualizada ascende para a união com o Divino. O Amante e o Amado estão unidos em Bem-aventurança.

Infelizmente, essa união é imperfeita e impermanente, pois não pode ser sustentada enquanto a alma ainda estiver ligada ao corpo. No entanto, embora o devoto do Amor deva retornar à vida comum, a transformação da alma é permanente. Muito mais poderia ser dito sobre a Ascensão Erótica, mas não neste Resumo.

Ascensão Contemplativa

O segundo caminho para o Um é a Ascensão Contemplativa (*Theôrêtikê Anagôgê*), em que o poder da Verdade (*Alêtheia*) conduz a alma à Sabedoria do Um. Os guias neste caminho são Atenas, deusa da sabedoria, e Hermes, o guia das almas, mensageiro entre Deuses e mortais e patrono dos cruzadores de fronteiras. (Assim, também pode ser chamada de Ascensão Hermética, embora "Hermetismo" seja mais teúrgico em sua operação).

Neste caminho, o Veículo de Salvação é a Filosofia Divina, que deve ser entendida da maneira tradicional, como já foi discutido (ver "*Philosophia* Antiga"). Este Caminho é descrito por Plotino. Os estágios desta ascensão podem ser entendidos por referência aos *Tetractys* Pythagoeanos como mostrado neste diagrama:



O *Tetractys* explica, é claro, as fases da Emanação descritas na Parte I "Teogonia". No entanto, também mostra os estágios da Ascensão de volta ao Uno. Como de costume, a Ascensão começa no reino material com a contemplação do divino nos objetos dos sentidos; este é o despertar.

Um outro pré-requisito para a Ascensão, que deve ser cumprido antes que o progresso possa ser feito, é a prática das Quatro Excelências Cardeais (também chamadas de Virtudes Cívicas ou Sociais), conforme ensinado pela Filosofia: Moderação, Fortitude, Prudência e Justiça, correspondendo a Terra, Água, Ar, Fogo.

O segundo estágio é a Purificação (*Katharsis*), que traz ordem às Três Faculdades da alma (Irracional, Racional e Intelectual). Isso é realizado cultivando as Excelências *Katárticas*, pelas quais a alma é voltada para dentro e para cima em direção ao Uno. O objetivo é acalmar as partes inferiores da alma, que estão mais intimamente ligadas ao corpo, para que as partes superiores possam ascender. Além disso, com base no princípio de "semelhante sabe semelhante", tentamos alcançar a tranquilidade dos Deuses e a unidade interna do Um.

Em primeiro lugar, devemos acalmar a alma que não raciocina, que compartilhamos com os animais e as plantas, e que é a sede de nossos apetites e das faculdades de crescimento e nutrição. Como o prazer e as dores excessivas podem¹⁶² perturbar a tranquilidade desejada, o filósofo se esforça para viver de maneira saudável, com dieta, sono e exercícios adequados. (O ascetismo extremo não é, de nenhuma maneira, recomendado). A alma racional também deve aprender que os distúrbios surgem em grande parte de julgamentos mentais sobre as sensações, e não das próprias sensações. Portanto, controlando como pensamos sobre essas coisas, podemos diminuir os efeitos perturbadores dos prazeres e dores excessivos.

Quando a alma não-racional se acalma, você volta sua atenção para a alma racional, alcançando a tranquilidade ao aquietar o discurso interior. O pensamento do Nous divino não é discursivo nem sequencial no tempo (ver Parte III, "O Nous Auto-contemplado"), portanto, para nos tornarmos mais semelhantes a ele, devemos aquietar nosso próprio pensamento discursivo e sequencial.

Quando a parte racional de sua alma se aquieta, tudo o que resta é a parte noética, que é semelhante ao Nous divino, em sua compreensão intuitiva e direta das Ideias, mas, claro, à sua maneira, pois sua mente ainda age no tempo, pois faz parte da alma individual. No entanto, se por uma rendição voluntária você permitir que sua mente se contraia internamente e seja puxada para cima, ela será despertada para sua verdadeira natureza e origem, o divino Nous.

Isso nos leva ao terceiro estágio, denominado Iluminação, que ascende acima da alma ao Nous Divino. Aqui, a parte divina da alma (o Nous individual) toma seu lugar na comunidade divina, pois os Deuses são Ideias vivas e conscientes em um estado de contemplação mútua e intuitiva. Eles são separados, mas um, como feixes de luz interpenetrantes, ou as cores individuais misturadas na luz branca¹⁶⁵ (veja também a Parte IIII, "Monoteísmo Pagão?"). Da mesma forma, sua mente individual se sente separada, mas movendo-se na dança divina do Todo.

Para alcançar essa experiência de ser parte integrante do Todo no eterno agora, você deve deixar de lado o Não-Ser que o torna um indivíduo, pois é o Não-Ser que separa uma coisa da outra (lembre-se da discussão sobre a Díade Indefinida no Cap. II). Desse modo, sua mente abandona o individual, particular e finito, e ascende ao Universal e ao eterno.

Para chegar a este nível, você não deve pensar nas Formas, ou mesmo contemplá-las como Outras, mas deve tornar-se elas e experimentar sua contemplação mútua orgânica e fluente. Nesse fluxo intuitivo, você fica inconsciente e perde sua consciência separada (como em nossa experiência cotidiana de atividade competente e completamente absorvida).

Para alcançar a unificação final com o Um, o Nous deve transcender até mesmo o Nous Divino, pois ele ainda tem a característica da Multiplicidade, pois contém todas as Ideias

_

¹⁶² "Podem", não que vão.

¹⁶³ Também como espelhos que refletem uns aos outros.

(mesmo que se interpenetrem mutuamente). O Nous contempla a si mesmo por meio de suas ideias e, portanto, ainda há um elemento de dualidade nele.

O Um emanou para fora de si em direção ao Nous, mas agora o Nous deve voltar para o Um (lembre-se da Parte I, "Estrutura Triádica"). Neste movimento, o Nous é motivado por seu Amor pela Verdade e pelo Bem (e assim vemos a convergência dos três caminhos). Deve elevar-se acima da Forma e da Ideia através do êxtase do Amor. Assim, você está perdido na experiência direta da Verdade. Na união contemplativa com a Verdade eterna e imutável, você alcança a imortalidade e a deificação, um estado que persiste mesmo após o retorno inevitável à vida comum (pois o estado contemplativo não-dual não pode ser mantido por muito tempo).

Ascensão Teúrgica

O terceiro caminho para o Um é a Ascensão Teúrgica (*Theourgikê Anagôgê*), em que o Poder Teúrgico de *Pistis* (Confiança, Fé) é o Veículo de Ascensão, que conduz a alma à Bondade do Uno. Os guias neste caminho são Hekate e Helios, ambos os quais vimos como Mediadores (ver Cap. III, "Helios e Eros, os Mediadores"; Cap. II, "Hekate"; Cap. V, "Espíritos Mediadores" e "Guias Divinos"). Consequentemente, este caminho também pode ser chamado de Ascensão *Heliacal*. A Ascensão Teúrgica é apresentada especialmente nos Oráculos Caldeus e no livro de Jâmblico *Sobre os Mistérios dos Egípcios*.

Veremos que a Ascensão Teúrgica tem muito em comum com as Subidas Eróticas e Contemplativas, sendo a principal diferença o uso de rituais envolvendo objetos materiais com significado simbólico (estátuas, pedras, ervas, incenso, etc.). Por fazer uso dessas ajudas materiais, a teurgia às vezes é reivindicada como mais fácil ou mais acessível do que os caminhos mais interiores através do Amor e da Verdade. Certamente, como será visto, os graus mais elevados da teurgia são menos materiais em sua orientação e, portanto, a teurgia pode ser vista como um grau inferior das práticas contemplativas e eróticas.

No entanto, pode-se argumentar também que a teurgia alcança níveis mais altos do que essas práticas. Os argumentos dependem parcialmente de disputas teológicas sobre a alma (ou seja, se ela "desce completamente" ou não na encarnação). Pessoalmente, não acho que nenhuma dessas opiniões seja totalmente correta e acho melhor escolher um caminho que se adapte à sua personalidade, inclinações e talentos. No final das contas, você fará mais progresso seguindo seu próprio destino do que o de outra pessoa.

Como os Caminhos do Amor e da Sabedoria, a teurgia busca a salvação da alma por meio da União com o Uno. No entanto, por sua ênfase na necessidade de ritos materiais, concentrase em nossa incorporação e nosso papel no sistema do universo. Pois a encarnação é parte da necessária progressão do Um e da Manifestação do Amor no universo. Afinal, o Amor é uma relação entre Amante e Amado e, assim, deve haver um Outro para que haja Amor. A criação da Díade Indefinida e sua separação da Mônada foram necessárias antes que o Amor (Eros), Primogênito do Nous Paterno, pudesse aparecer no universo¹⁶⁴ (ver Parte II, "A Díade Indefinida" e Parte III, "Hélios e Eros, o Mediadores").

Este Amor procede da Mente Única e é direcionado à Matéria Primordial. Como parte dessa progressão, nossas almas estão incorporadas em corpos humanos, mas a conclusão do "Circuito Erótico", que une o universo em um, exige que nos voltemos para nossa fonte essencial, o Um¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Ou seja, Deus quer se amar, e pra isso cria o Universo.

¹⁶⁵ Por isso a Morte é uma espécie de retorno ao Uno e também uma forma de Amor. A morte é a dissolução do finito no infinito e o estágio final do "Circuito Erótico".

Assim, a teurgia usa objetos materiais, que participam das Formas Eternas, e reorienta nossas almas, nas quais as Ideias desceram, para voltar a criação material ao Um, que é sua origem 166. Desta forma, os teurgistas completam a obra de criação iniciada pelo Demiurgo; eles participam do trabalho criativo eterno dos Deuses e, por meio dessa participação, tornam-se imortais e se divinizam. Finalmente, os teurgistas participam da Evolução Providencial do universo; assim fazendo, eles ganham a Salvação.

¹⁶⁶ Pois a criação material é como um reflexo do Uno. Logo, para o jogo de amor e o Circuito Erótico se completar, a criação material precisa retornar ao Uno - o Amado (Díade Indefinida) precisa retornar ao Amante (Mônada); da união de ambos, alcança-se a Unidade Primordial (a união de amante e amado).

Princípios Básicos da

Teurgia

Os Deuses, que existem como Hênadas na Mônada (ver Parte III), procedem externamente à manifestação, tornando-se assim Ideias Vivas no Nous do Demiurgo e dando origem a uma linhagem de Daimones e almas humanas mortais (ver "Sucessão Pitagórica" acima). Essas Ideias descem por meio da alma-do-mundo, que as gera 167 no tempo e no espaço para informar o mundo material. Assim, ao nosso redor e em nossas almas, encontramos as Formas e as Ideias pertencentes aos Seirai (acordes) dos Deuses; eles são o material e os meios da teurgia e nosso próximo tópico.

¹⁶⁷ Imanentemente; as Formas imanentes, Zeus inferior.

Sumbola e Sunthêmata

Quando coisas que são enformadas pelas Ideias divinas, sejam elas encontradas externamente na realidade física ou internamente na realidade psíquica, são usadas na teurgia, elas são chamadas de *sumbola* ou *sunthêmata*. Essas palavras são frequentemente traduzidas como "símbolos" e "senhas" ou "sinais", mas compreenderemos melhor seu papel na teurgia se começarmos examinando seus significados no grego antigo.

Um sunthêma é algo montado ou planejado (suntithêmi), um sinal combinado, senha, passaporte, na verdade qualquer sinal. De maneira mais geral, sunthêma pode se referir a uma promessa, convênio ou acordo, ou aos símbolos dessas relações. Além disso, pode se referir a uma comunhão ou conexão entre duas partes. Assim, no contexto da teurgia, um sunthêma é uma senha ou sinal dado a nós pelos Deuses como símbolo e para facilitar nossa comunhão com eles. Releia a definição anterior e tente compreender o significado completo de sunthêma, pois ela o ajudará a entender o papel dos sunthêmata na teurgia.

Um *sumbola* reúne (*sumballein*) duas coisas. Podemos começar com o significado mais concreto: nos tempos antigos, as partes de um acordo podiam quebrar um *astragalos* (pequeno osso), *ostrakon* (fragmento de cerâmica) ou moeda em duas partes; as duas partes, cada uma retida por uma das partes, se encaixam como uma fechadura e uma chave. Da mesma forma, uma impressão de selo em cera ou argila, como a feita por um anel de sinete, é um *sumbola*, uma boa metáfora (frequentemente repetida na antiguidade) para a impressão das Formas na matéria¹⁶⁸. A Forma Material ou Ideia corporificada é a assinatura ou símbolo refletindo a sanção de Deus.

O sumbola é um sinal de boa vontade e, portanto, na teurgia, da boa vontade de um Deus. O anel de sinete e o sumbola são as provas de identidade, as senhas e os sinais secretos que permitem proceder e, em contexto teúrgico, aproximar-se e contactar os Deuses. Essa senha pode assumir a forma de signum e responsum e, portanto, também na teurgia há uma troca de sinais. O Deus ensina os sinais; se o teurgo responder apropriadamente, eles são admitidos. Da mesma forma, o sumbola se torna um símbolo do acordo, tratado ou contrato entre as partes; aqui, entre o Deus e o teurgo.

Em particular, o *sumbola* como signo secreto leva ao seu significado como alegoria, presságio, signo oculto, e nesses significados chegamos à palavra portuguesa "símbolo". Mais uma vez,

¹⁶⁸Sumbola, portanto, é o sinal deixado pelos deuses na matéria. Os sumbola são as Formas imanentes (Demiurgo Inferior, Zeus Inferior, Dioniso, corpo de Osíris, etc.).

Basicamente, os deuses nos dão símbolos na matéria (sumbola) e devemos responder apropriadamente dandolhes sinais (sunthêmata), indicando que entendemos corretamente os símbolos.

você deve tentar compreender a gama completa de significado de *sumbola* para compreender o papel de *sumbola* na teurgia.

A sumbola e a sunthêmata estão nos Seirai dos Deuses; eles participam das Formas ou Ideias divinas; eles estão nos deuses como os deuses estão neles. Eles são encontrados em toda parte, como os Oráculos Caldeus (frag. 108) atestam:

"[o] Nous paterno semeia Sumbola em todo o mundo; ele pensa os pensamentos, chamados de belezas inexprimíveis."

Literalmente, o Nous intui (noei) as Ideias (Noêta). Doravante, no contexto da teurgia, usarei os termos sumbola e sunthêma como sinônimos.

Exemplos de Sumbola e Sunthêmata

Uma vez que você entenda os princípios gerais de sumbola e sunthêmata, você pode ver que eles assumem muitas formas diferentes: qualquer coisa na Seira de Deus, qualquer coisa participando da Ideia divina. Um sumbola pode ser material. Por exemplo, objetos de cor dourada e amarelo-alaranjada (por exemplo, a pedra citrina) estão na Seira do Sol. Assim também os animais, como o galo, que acolhe o Sol, e as plantas, como o heliotrópio, que se volta para o Sol. Especiarias quentes, como a canela, são sumbola do Sol, e podem ser usadas como comidas de rituais, oferendas ou incensos. Obviamente imagens do Sol ou do deus Hélios participam da Forma do Sol e podem ser usadas como sumbola. De forma mais abstrata, podem ser usados vários kharaktêres - gestos secretos, figuras e formas geométricas que participam da Forma divina. Tais figuras podem ser escritas, desenhadas ou gravadas, ou podem ser pronunciadas ou de outra forma promulgadas a tempo.

Sunthêmata não precisa ser tão material. Por exemplo, um poema ou hino ao Sol pode servir como sunthêma, assim como várias composições musicais, melodias ou vocalizações ("palavras mágicas") que têm simpatias ocultas com o Sol. De fato, os sunthêmata não precisam ser externos, mas podem ser construídos ou imaginados na alma do teurgo, e contemplados e oferecidos aos deuses naquele altar mais sagrado. Além disso, como os Deuses Celestiais são importantes mediadores pelos quais as Ideias avançam para o mundo sublunar e pelos quais retornamos aos Deuses, também as correspondências astrológicas são sumbolas importantes, e as considerações astrológicas entram no tempo dos ritos teúrgicos.

Como se aprende a sumbola e o sunthêmata de um Deus? Às vezes, eles foram transmitidos pela tradição e podem ser aprendidos da mitologia antiga, bem como de textos mágicos mais recentes (como os Três Livros de Filosofia Oculta de Cornelius Agrippa), que tabulam correspondências. Tais fontes, no entanto, não podem ser aceitas cegamente: só porque são antigas não significa que sejam corretas! O trabalho mais recente de psicólogos profundos, como Jung, também pode ser útil, assim como os dicionários de simbolismo.

Nenhuma dessas fontes pode ser aceita acriticamente. No mínimo, eles devem ser testados por sua própria intuição, pois seu nous individual participa dessas mesmas Ideias (Os Deuses colocam o sumbola em nossas almas assim como no mundo material). Em última análise, devemos aprender os sunthêmata dos próprios Deuses: eles nos ensinam o 'signa' e a 'responsa' apropriados.

Como aprendemos com os deuses? Uma das principais formas é pela teurgia, que é, portanto, tanto o meio quanto o fim. Pela teurgia aprendemos os ritos e sunthêmata para a teurgia mais avançada. Como exemplo prático, os Oráculos Caldeus são o resultado de Juliano, o Teurgo (2º ou 3º século d.C) aprendendo a técnica teúrgica da própria Hécate.

Invocação Teúrgica

É necessário dizer algumas palavras sobre a invocação teúrgica, pois quando invocamos os Deuses não os ordenamos em nenhum sentido que venham até nós 169. No entanto, as ações do teúrgo, incluindo as invocações, são instrumentais na chegada do Deus. Isso pode ser explicado por analogia. Não podemos ordenar que o Sol brilhe, mas descobrindo e limpando nossas janelas podemos permitir que a luz do sol entre. Assim também, você não pode ordenar que um Deus venha, mas pela limpeza teúrgica adequada de sua alma, você pode torná-la um Receptáculo adequado (*Dokhê*) para a presenca de Deus.

Para mudar um pouco a analogia, a luz segue sua própria lei e a luz do sol contém todas as cores. Você não pode ordenar que uma determinada cor desça do Sol, mas pode colocar um filtro colorido sobre uma janela para admitir apenas uma cor, banhando tudo nessa tonalidade. Ou você pode pintar um objeto ou fazê-lo com um material que reflita apenas uma cor; por exemplo, um objeto dourado manifesta a luz amarela nos raios do Sol. Ou seja, você pode, por meios habilidosos apropriados, criar um Receptor (*Dokhê*) que é "sintonizado" em uma determinada cor, como um receptor de rádio é sintonizado em uma frequência de rádio.

Assim também na teurgia. Embora todos os Deuses estejam em toda parte, como as cores da luz do sol, podemos arranjar receptores ou receptáculos adequados que estejam sintonizados com um Deus em particular. Essa afinação é feita por meio dos sumbolas de Deus. Como metade de um sunthêma, eles combinam e envolvem a energia de Deus, fazendo com que ela ressoe e reflita, iluminando o mundo e nossas almas com essa energia.

Como todas as analogias, estas são imperfeitas e não devem ser tomadas ao pé da letra. No entanto, é surpreendente quanta teurgia pode ser aprendida com elas, e o aluno será recompensado por contemplá-las cuidadosamente.

¹⁶⁹ Aqui é, certamente, uma referência a um episódio da vida de Plotino onde o mesmo afirmou que são os deuses e os templos que deveriam ir até ele.

Invocação Teúrgica

A seguir estão as principais operações teúrgicas (praxeis):

Telestikê, ou Animação de Estátuas; *Desmos kai Eklusis*, ou Ligação e Liberação; *Sustase*, ou Conjunção; *Anagôgê*, ou Ascensão.

São de dificuldade crescente.

Telestikė - Animação

A primeira operação teúrgica (*práxis*) que discutirei chama-se, em grego antigo, *Telestikê*, termo vago que significa "místico" ou "iniciatório"; neste caso, refere-se a uma determinada arte mística (*tekhnê*) ou ciência (*epistêmê*). Em inglês, o procedimento é frequentemente chamado de "animar uma estátua", o que pode sugerir estátuas dançando, a menos que você se lembre de que *anima* é uma palavra latina para *alma* e, portanto, animação é literalmente dar uma alma a algo.

Em grego esse processo é chamado *empsúkhôsis*, pois coloca uma alma (*psukhê*, *psyche*) em algo. Normalmente a *empsukhôsis* (animação) é usada para fazer com que uma alma divina ou daimônica passe a residir em uma imagem divina (*agalma*); assim, a alma recebe um veículo material através do qual pode operar. Portanto, nesta, como em todas as operações teúrgicas, o teurgo participa da atividade criadora do Demiurgo¹⁷⁰, especificamente, da alma-do-mundo material. Tal operação pode ser usada para consagrar uma estátua (por exemplo, para ser a principal imagem divina em um templo), ou para fornecer um meio de comunicação com um Deus ou Daimôn, ou para purificar a alma do teurgo servindo como um médium a partir do qual a alma individual pode participar na imagem divina.

Desnecessário dizer que um Deus não é ordenado ou compelido a residir na imagem. Em vez disso, o teurgo prepara a imagem como um dokhê – receptáculo ou receptor adequado – para o poder divino (dúnamis), para que possa atualizar sua energia (enérgeia) no mundo material. É como preparar um objeto para refletir uma certa cor de luz, mas a luz já deve estar presente para que a reflexão ocorra. Isso é realizado usando o sumbola e os sunthêmata do Deus na preparação da imagem divina. Quanto mais sumbolas forem usadas, melhor o agalma refletirá a energia divina.

Primeiro podemos considerar a forma do *agalma*: pode ser uma estátua ou outra imagem de Deus (por exemplo, uma coruja para Atena), ou o instrumento de Deus (por exemplo, uma lira para Apolo). O *agalma* pode ser gravado ou marcado com o nome (especialmente os Nomes Secretos) ou epítetos do Deus. Sinais esotéricos ou outros *kharaktêres* também podem ser usados.

Muitas vezes uma estátua tem um receptáculo em suas costas ou base no qual os *sunthêmata* do Deus podem ser colocados¹⁷¹. Estes incluem pedras preciosas, metais, ervas, plantas e animais. Este também é um bom lugar para colocar fichas marcadas com nomes ou sinais secretos, se a imagem for visível ao público. (Se a imagem for um quadro, ela pode ser montada ou colocada sobre uma caixa na qual os *sunthêmata* são colocados.) O *agalma* pode ser fumigado com incenso apropriado ao Deus e ungido com óleos ou perfumes apropriados. O

¹⁷⁰ Ideia fundamental da Teurgia.

¹⁷¹ i.e. a resposta indicando que entendemos o sinal.

teurgo pode dirigir invocações, orações, cânticos, poesia ou outros textos ao Deus, cantar hinos ou tocar música nos modos apropriados (*harmoniai*) para o Deus.

Finalmente, o agalma será um melhor receptor se for construído ou consagrado em um momento astrologicamente auspicioso para atrair o poder de Deus. O princípio geral deve ser claro: quanto mais sumbola e sunthêmata puderem ser combinados na imagem, melhor será o receptor. O agalma se tornará numinoso quando estiver na energeia do Deus ou Daimôn. Fenômenos de luz podem aparecer ao seu redor: aparições luminosas ou luciformes (puraugê ou phôtoeidê phasmata). Quando isso ocorre, a energeia do Deus será atualizada na alma do teurgo, e a imagem pode induzir sonhos proféticos, manifestar presságios ou entregar revelações (theoparádota), muitas vezes em resposta à petição do teurgo. Em particular, esta é uma oportunidade para o teurgo obter informações e instruções para operações teúrgicas.

Aesmos kai Fklusis - Ligação e Liberação

Através das operações de *Desmós kai Éklusis* (Ligar e Liberar) um Deus ou Daimôn é chamado para tomar posse temporária de uma pessoa. A terminologia é da magia tradicional, mas na teurgia devemos interpretar "ligação" no sentido já discutido ("Invocação Teúrgica"): preparar um receptor adequado para a energia divina. Na verdade, o mais fácil é entender que *Desmos* é como *Telestikê* em que um receptor humano substitui um *agalma* (imagem divina).

Mas primeiro alguma terminologia. O teurgo, que invoca o Deus ou Daimôn, é referido como o Klêtôr (CLAY-tor, Chamador) ou Theagôgós (Deus-evocador), enquanto o sujeito é referido como o Dókheus (Recipiente), Theatês (Vidente), ou Kátokhos (o "Reprimido"). Eles podem ser a mesma pessoa (ou seja, o teurgo pode chamar a divindade para se apoderar), mas essa operação mais avançada será descrita mais adiante ("Autodesmos") e por enquanto vamos tratálos como pessoas diferentes.

Em Desmos, *sumbola* e *sunthêmata* são usados da mesma forma que em *Telestikê* (com adaptações óbvias, algumas das quais são descritas mais adiante). O objetivo novamente é "sintonizar" tanto o Chamador quanto o Receptor para que sejam receptivos ao poder divino (*dunamis*) e atualizem a energia divina (*energeia*). Isso permite que a energia desperte e brilhe, nas almas de quem chama e de quem recebe, bem como no ambiente material.

A vantagem do Desmos sobre o Telestikê é que o Receptor é um ser humano e, portanto, pode falar com a voz da divindade. Por outro lado, a desvantagem de um Receptor humano é que sua alma pode (consciente ou inconscientemente) contaminar a revelação de Deus. Menos obviamente, existe o perigo de que os daimones pessoais do Receptor (veja "Daimones Pessoais" acima) possam capturá-los, em vez de serem possuídos pelo Deus ou Daimon que foi invocado. (Problemas semelhantes podem surgir em Telestikê, pois o teurgo também é humano, mas geralmente não contaminam diretamente a imagem receptora). Esta é a razão pela qual meninos ingênuos eram frequentemente usados como Destinatários nos tempos antigos: eles são menos prováveis de colocarem suas próprias ideias e personalidades no caminho, e seus daimones pessoais (especialmente daimones sexuais) são menos e mais fracos. Eles têm o que os teurgos chamam de epitêdiótês (adequação, aptidão). Em geral, podemos ver que o Vidente precisa ser capaz de entrar em um estado de transe em que sua mente consciente esteja quieta; seus daimones pessoais devem ser pacificados e dormentes durante a operação. Então o Vidente pode se tornar um Receptáculo puro e incontaminado para a energia divina. Para refletir claramente a luz divina, o espelho deve ser imaculado, limpo e polido.

Desnecessário dizer que, dependendo de seu estado psicológico e da atividade de seus daimones, os videntes podem ser mais capazes de suportar o Deus em alguns momentos do que em outros. Isso deve ser levado em consideração antes de tentar Desmos. No que pode ser um fragmento dos Oráculos Caldeus (frag. 211), um Deus reclama,

O coração miserável do Destinatário não me apoia.

Além disso, um Vidente inexperiente pode ter dificuldade em alcançar um estado receptivo adequado, mas com Videntes talentosos isso melhora com a prática. Dizemos que adquirem a *Hieratikê Dunamis* (Faculdade Hierática).

Nesmos (Ligação)

A operação Desmos começa com a limpeza e purificação tanto do chamador quanto do receptor. Eles tomam um banho ritualístico e se vestem com trajes cerimoniais: tipicamente uma túnica branca amarrada com um cinto com a sumbola do Deus a ser invocado; eles também podem usar guirlandas e outras sumbolas divinas conforme apropriado. Em seguida, o Chamador, o Receptor e a área do ritual são purificados, normalmente com água salgada e enxofre ardente (*Hólmê kai Theion*: Salmoura e Enxofre). A atmosfera pode ser preparada por Atmoi (Vapores), ou seja, incenso apropriado à divindade. Durante a operação, o Convocador pode ficar em *kharaktêres* (personagens e figuras esotéricas) que são sumbolas da divindade.

Em geral, como no *Telestikê*, quanto mais *sumbola* e *sunthêmata* forem usados, melhor o Destinatário estará preparado para a chegada da divindade. Para ajudar o Vidente a atingir um estado de transe, é útil fornecer um ponto de foco, como uma lamparina a óleo (tradicional), uma vela ou um *kharaktêr* ou outro sumbolon divino. O estado que desejamos alcançar é chamado *Theophoría* (portando um Deus), *Enthousiasmós* (ter um Deus dentro, entheos), *Epípnoia* (inspirado por um Deus).

Existem vários sinais que o Chamador experiente pode usar para dizer se o Destinatário atingiu um estado de teoforia. Estes incluem mudanças de voz e expressão facial. Além disso, pode haver movimento corporal incomum ou rigidez. Levitação já foi relatada! Muitas vezes há insensibilidade à dor. A teoforia é muitas vezes acompanhada de visões luminosas, que podem ser percebidas pelo Vidente (chamado autóptico) ou pelos Theagôgos (chamado epótico). Neste último caso, o Chamador pode descrever as visões ao Destinatário, para que ele possa experimentar o Entusiasmo mais plenamente. Ambos podem experimentar visões. Às vezes o Vidente é completamente apreendido pelo Deus, caso em que ficará inconsciente do que transpira, e os Theagôgos testemunharão manifestações epópticas do Deus; o Destinatário pode não ter memória da Teoforia. Outras vezes, o Vidente experimentará conscientemente o *Enthousiasmos*; eles podem sentir sua mente e corpo sendo apreendidos e carregando o Deus, ou podem experimentar o Deus externamente através de visões autópticas. Além disso, o Dokheus pode observar o foco da lâmpada para se transformar da "luz mortal" comum em uma "forte luz imortal" numinosa.

O Convocador experiente pode dizer pelas aparições luminosas que tipo de Deus ou Daimôn capturou o Vidente (algumas das regras podem ser encontradas em De Mysteriis de Jâmblico, Bk. II). Isto é importante porque algumas das classes mais baixas de Daimones (que são governadas mais pela emoção do que pela razão) não respondem honestamente quando perguntadas sobre sua identidade. De qualquer forma, você nunca deve aceitar acriticamente as declarações de um espírito divino nem abandonar sua autonomia intelectual e moral.

Geralmente, aparições luminosas sem forma são indicadores mais confiáveis da presença divina, pois são mais fiéis à forma de um Deus do que formas reconhecíveis (ver Jâmblico, loc. cit.). Além disso, os Oráculos Caldeus (fr. 148) afirmam:

Mas quando você vê o muito sagrado Fogo Disforme, que brilha aos trancos e barrancos nas profundezas do mundo inteiro, atender a Voz do Fogo....

Em qualquer caso, uma Divindade incorpórea adota uma forma corpórea para nosso benefício. Como a Deusa explica nos Oráculos (frag. 142),

... para você esses corpos foram amarrados em aparições autópticas...

Kklusis (Liberação)

A operação geralmente é encerrada quando o *Theagôgos* percebe que a divindade se afastou do Destinatário, mas pode ser encerrada também se o Destinatário ou o *Theagôgos* estiverem ficando cansados demais para sustentar a *Teoforia*. Neste momento, o Eklusis (Liberação) remove o fardo de carregar o Deus (Theophoria) do Katokhos (O Reprimido).

Os Theagôgos ordenam que a divindade parta (se necessário) e agradece a presença:

"Finalmente liberte o Senhor; não mais o mortal detém o Deus." (Oráculos caldeus, dub. fr. 225).

Novamente, na teurgia é reconhecido que um Deus não pode ser "banido". Em vez disso, essa dispensa inicia a "dessintonização" da alma do Destinatário do poder divino e de volta ao reino material, permitindo assim que a energia divina se dissipe.

Uma vez que o Receptor comece a retornar à consciência normal, ele deve acelerar o processo afastando-se da lâmpada focal e voltando sua atenção para assuntos mundanos. Concentrarse em seu corpo (o que provavelmente é desconfortável após a operação) é uma boa estratégia. Este processo, que pode acontecer acidentalmente se o Vidente perder o foco, é descrito nos Oráculos (frag. 141):

"O mortal lento, balançando a cabeça aqui e ali, é a Liberação de Deus."

Isto é, se o Receptor lento (ligado à matéria) "acena" ou se inclina para as coisas aqui (deste mundo), isso resultará na Liberação de Deus.

Os Theagôgos podem descer dos *kharaktêres* do Deus, se forem usados, e apagar o incenso e a lâmpada focal. Estes e outros *kharaktêres* e *sumbolas* do Deus podem ser cobertos. Por fim, os Theagôgos e Theatês retiram suas vestes cerimoniais e a sumbola do Deus. Isso encerra o rito.

Observe que o objetivo não é cortar todo contato com o Deus, mas simplesmente efetuar a Liberação (*Eklusis*) do Oprimido (*Katokhos*) do controle divino. Os Theagôgos devem estar atentos a qualquer sinal de que a Liberação não esteja completa e tomar medidas, se necessário, para restituir o Katokhos a si mesmo. Esta é, em suma, a operação de *Desmos kai Eklusis*.

Autodemos (Autoligação)

Conforme observado anteriormente, é possível que o Chamador e o Destinatário sejam a mesma pessoa, operação que podemos chamar de *Autodesmos*, mas a descrição anterior destaca algumas das dificuldades dessa operação mais avançada. Primeiro, uma vez que você está atuando em ambos os papéis, você deve ser ativo e passivo ao mesmo tempo: concentrando sua mente nas invocações e outros sumbolas, enquanto entrega seu corpo e alma à divindade. Na prática, a operação passa por etapas, desde a invocação mais ativa, até a contemplação mais passiva dos *kharaktêres* ou *logoi* divinos e, finalmente, a entrega. Obviamente, você não pode se render completamente, ou você não verá as visões (necessariamente autópticas) ou aqui as revelações.

Finalmente, há a questão da Liberação. Quando você perceber que o Deus partiu ou você se cansou demais para continuar, você deve reorientar sua atenção para o reino material, como no Eklusis comum. Retire seu manto e deixe a área do ritual.

Vale a pena notar que há pouco perigo de um teurgo treinado ficar preso em transe. A estrutura mortal não pode sustentar um espírito divino indefinidamente; eventualmente, ele se cansará e você adormecerá. Isso não é necessariamente ruim, pois nesse estado ainda inspirado você provavelmente terá sonhos reveladores ou proféticos. De qualquer forma, é importante saber que quando você acorda pode haver efeitos prolongados do *Enthousiasmos*, e por isso ainda é necessário tomar medidas definitivas para se reinstalar no mundo material. (Bater palmas, bater palmas, dançar, exercitar-se, fazer sexo, comer, etc.)

Lembre-se ("Objetivo da Ascensão Teúrgica") que na teurgia um retorno à encarnação é uma parte essencial do processo, pois esse é o nosso papel na criação do universo. A Teurgia efetua a *Epistrophê* (Voltar) em direção ao Uno e, assim, a plena atualização da Energia Divina.

Sustases - Conjunção

Sustasis geralmente é traduzido como "encontro" ou "conjunção", mas, novamente, obteremos mais informações sobre o objetivo da operação se observarmos o alcance do significado da palavra. Uma sustase (pl., sustáseis) é literalmente uma reunião (de sun-istêmi, montar ou colocar junto). Portanto, em seu sentido mais básico, uma sustase divina é um encontro que reúne um mortal e uma divindade (Daimôn ou Deus). Sustasis também significa uma introdução ou recomendação, pela qual um mortal e uma divindade podem se conhecer. Por extensão, "sustasis" pode se referir a uma amizade ou aliança, e essa relação cooperativa também é um objetivo da sustasis divina.

Portanto, podemos dizer que o propósito de uma sustase divina (ou hierática) é encontrar e formar uma aliança com uma divindade em prol da cooperação. Por meio de tal aliança, você pode se colocar sob a orientação e proteção de um Deus (tutela, no sentido antigo), ou pode obter a assistência de um Daimôn para promover propósitos divinos. Tal assistente é chamado de Paredros, que significa literalmente "aquele que se senta ao lado", e por extensão uma divindade assistente, um espírito familiar ou um conselheiro que fornece ajuda mágica.

Sustase com um Neus

Como discutido anteriormente ("Espíritos Mediadores"), os Deuses existem fora do espaço e do tempo, e nos conhecem individualmente apenas como representantes da humanidade. Portanto, geralmente é mais fácil, mais benéfico e mais comum ter um Sustasis com um Daimôn, pois eles existem no tempo e no espaço e nos conhecem como indivíduos. Uma vez que os Daimones são intermediários entre humanos e Deuses (lembre-se dos "Espíritos Mediadores" acima), eles são mediadores ideais e são especialmente adequados como mensageiros (angeloi, "anjos") entre nosso universo material e o Reino Noético dos Deuses. Podemos trazer nossos problemas individuais aos Daimones e solicitar sua orientação e ajuda em nossas vidas individuais.

Às vezes é apropriado formar um Sustasis com um Deus. Isso pode ser quando a questão ou objetivo é transpessoal (ou seja, lidar com a humanidade como um todo), ou quando você deseja participar da energia transcendente de Deus. (No último caso, tome cuidado, no entanto, uma vez que os Deuses Supremos, ao cumprir seus propósitos, podem ter pouca consideração pelas necessidades, desejos ou sensibilidades dos humanos individuais. Ser o instrumento da Vontade Divina pode não ser conveniente nem agradável). Praticamente, mesmo que seu objetivo seja a sustase com um Deus, você deve começar com um Daimôn. Os Deuses criaram seus Acordes ou Linhagens de Daimones como mediadores e mensageiros para nós. Portanto, um Deus é normalmente abordado através de seus Daimones.

Mesmo que um Deus seja invocado, um Daimôn pode aparecer em seu lugar, e você não deve se surpreender com isso. Além disso, se solicitado a Se identificarem, o Daimôn pode alegar ser um Deus. Isto pode não ser intencionalmente enganoso (embora os Daimones sejam capazes de tal engano). Em vez disso, o Daimôn pode ser delegado para esse propósito pelo Deus, pois somos mais capazes de nos relacionar com a personalidade individual de um Daimôn do que com o caráter transcendente de um Deus. Em segundo lugar, como vimos, os nomes podem ser duplicados em cada nível da hierarquia divina; assim, já que muitos Daimones não têm nomes, eles podem se chamar pelo nome do Deus que encabeça sua linhagem. Como observado anteriormente, existem meios teúrgicos para distinguir aparições divinas e daimônicas (veja em "Desmos" acima), mas provavelmente é mais seguro supor que você está se comunicando com um Daimôn.

O fato, e vale a pena repetir, é que você não pode simplesmente aceitar que um espírito é quem ele diz que é. Como, então, você pode confiar em qualquer coisa que eles dizem? Você não pode! Mesmo se você estiver confiante de que está se comunicando com um dos Altos Deuses, você não deve acreditar acriticamente no que eles dizem ou aceitar cegamente seus conselhos ou ordens. Embora seu ego – sua mente consciente individual – deva servir à Divina Providência, ela foi dada a você por uma razão. Use-a! Não abandone sua razão crítica ou sua autonomia moral. Elas são essenciais para o nosso papel, como humanos e magos, na Ordem Divina.

Sustase com Paimôn pessoal

Conforme discutido anteriormente ("Daimones Pessoais"), todos nós temos daimones pessoais que nos são atribuídos ao longo de nossas vidas e talvez além. Por exemplo, cada um de nós tem um Guardião ou Daimôn Pessoal (*Idios Daimôn*), que faz a mediação entre nós e o Deus que origina nossa linhagem. Em particular, seu Guardião Daimôn zela por você e se esforça para guiá-lo de acordo com seu destino; alguns dizem que este Guardião é seu defensor entre as vidas. De qualquer forma, sua cooperação com o seu Guardião será facilitada se você se familiarizar com ele e formar uma aliança com ele. Assim, uma Sustase com seu Daimôn Pessoal (*Sustasis Idiou Daimonos*) vale especialmente a pena; a vida será muito mais suave.

Outro daimôn pessoal é o Daimôn Mau (*Kakos Daimôn*), que nasce dos potenciais e energias rejeitados de sua alma. Ou seja, tudo o que você, consciente ou inconscientemente, seja por decisão consciente ou por osmose cultural e ambiental, considera ruim, todas essas qualidades serão as características do seu Daimôn Maligno.

Esse pode parecer ser o último tipo de Espírito que alguém pode esperar encontrar (pois é demoníaco no sentido coloquial), mas isso é incorreto. Pois se você ignorar a existência do Outro Daimôn, ele ou ela (pois seu sexo é o mesmo que o seu) agirá fora de sua consciência, possuindo você ou possuindo aqueles com quem você lida. Pois o Outro Daimôn quer viver e agir, e encontrará uma forma de fazê-lo.

Portanto, é muito melhor estabelecer um Sustasis com seu Daimôn Maligno (Sustasis Kakou Daimonos). Familiarize-se para que você O reconheça: seja agarrando você ou outra pessoa, ou simplesmente pairando no ar. Descubra as necessidades, desejos e problemas dos Kakos com você, para que você possa formar um acordo que satisfaça o Daimôn sem sacrificar suas necessidades pessoais e autonomia moral. Por esta aliança, seu Outro Daimôn, que foi criado a partir de partes rejeitadas de sua própria alma, pode ser recrutado para trabalhar para seu propósito mais elevado (divino). O Kakos Daimôn detém grande poder, e por uma aliança apropriada ("pacto"), você pode reivindicar esse poder para fins divinos. Ao recuperar as partes perdidas de sua alma, você se torna mais completo.

Por muitos séculos a cultura ocidental rejeitou e negou o Daimôn Mau, tanto individual quanto coletivo (pois a consciência coletiva de uma cultura, nação ou religião também cria seu Kakos Daimôn); esta é a razão pela qual esses poderes destrutivos estão se enfurecendo desgovernados em todo o nosso mundo. Eles não podem ser banidos; a única solução é uma aliança cooperativa em conformidade com a sociedade e a ética moderna.

Operação da Sustase

Tendo discutido longamente o significado e o propósito de Sustasis, podemos descrever brevemente a operação, pois ela se baseia nas técnicas já discutidas (*Telestikê*, *Desmos kai Eklusis*). Isso porque o primeiro passo é invocar a Divindade em sua presença. Isso pode ser realizado invocando-os em uma imagem divina (*agalma*) ou em outro foco preparado e consagrado (como em *Telestikê*), ou em um Receptor humano (como em Desmos). Para isso, todas as técnicas de *Telestikê* e *Desmos* são apropriadas, desde que você tenha adquirido experiência em ter visões através da prática dessas artes.

A principal diferença é que uma vez que o Espírito está presente, você se engaja em um diálogo direcionado ao estabelecimento de uma aliança. Isso pode incluir votos de sua parte em agradecimento pela ajuda divina e outros acordos sobre *Sunthêmata* (sinais, símbolos) pelos quais vocês podem se comunicar uns com os outros. Técnicas padrão de *Eklusis* (Liberação) são usadas para encerrar o Sustasis.

A chamada "Liturgia de Mitras" (Betz, PGM IV.475-289; Meyer, 211-21) é um bom exemplo de um antigo Rito de Sustase, embora não seja puramente pitagórico.

Theourgikê Anagôgê - Ascensão Teúrgica

Chegamos agora à última e mais avançada operação teúrgica, a *Theourgikê Anagôgê* ou Subida Teúrgica (também conhecida como Subida Hierática). Embora os procedimentos sejam semelhantes às operações já discutidas, em particular *Desmos kai Eklusis*, há uma diferença crucial entre Ascensão e todas as outras operações, pois nessas operações a Divindade é sempre experimentada como "outra", mas por meio do *Anagôgê* você ascende para que sua alma, na medida do possível para um mortal, se una a um Deus. Desta forma você experimenta a deificação (*theôsis*).

Assim, o objetivo da ascensão teúrgica é a união (henôsis) com um Deus. Este pode ser qualquer Deus, incluindo até mesmo o Demiurgo e o Inefável (uma operação especialmente difícil). Por meio dessa união, você pode experimentar sua própria divindade inerente e sua continuidade com o Um e, assim, por meio da união, entrar em melhor harmonia com a Providência. Experimentar conscientemente sua participação na Providência dá sentido à vida.

As etapas da Ascensão Teúrgica são essencialmente semelhantes às da Ascensão Contemplativa e Erótica, mas a Ascensão Teúrgica faz mais uso do ritual (substâncias materiais e ações). Portanto, pode ser eficaz quando as outras subidas, mais interiores, não o são.

Pelo princípio do "semelhante conhece semelhante", é a imagem do Uno em sua própria alma (chamada a Flor da alma Inteira, Anthos Pasês tês Psukhês) que é capaz de se unir ao Inefável. (Veja "Daimones Pessoais" acima sobre a Flor da alma.) Por meio desse "conhecimento através da identificação", seu Um individual passa a participar mais perfeitamente do Um em si. Este é o retorno ao Uno (a fonte última), conhecido como Epistrophê (Retorno; lembre-se da "Estrutura Triádica" na Parte I), pelo qual sua alma se torna a energeia que atualiza o poder (dunamis) do Uno. Este é o nosso destino.

Para realizar a ascensão, as partes de sua alma que são mais parecidas com o Uno devem ser separadas daquelas que são menos parecidas com ele. Essa separação é realizada por uma morte simbólica: "morrer antes de morrer". Antes de descrever o procedimento é necessário explicar que a subida é uma atividade cooperativa entre o Iniciado (masc. *Tetelesménos*, femn. *Tetelesménê*), que faz a subida, e um Iniciador (*Telesiourgós*) ou Teurgista (*Theourgós*), que geralmente tem (humanos) assistentes. (Quanto a autodesmos, é possível, mas difícil, para um Teurgo-Iniciado fazer a ascensão por conta própria).

Passo II - Purificação e Proteção

Preparatória para a ascensão é a Purificação (Kátharsis) da alma, do seu Veículo (ókhêma) e do corpo. O objetivo principal é facilitar a ascensão tornando o iniciado o mais semelhante possível aos Deuses. A purificação do corpo pode incluir um banho ritual (como em Desmos), abstinência sexual e restrições ou prescrições dietéticas, conforme apropriado para a Deidade. O banho corresponde à lavagem do cadáver, e depois disso o iniciado se veste com um khitôn termióeis (manto fúnebre), que é uma túnica folgada até o tornozelo, branca ou quase toda branca. Além disso, o iniciado é purificado por Enxofre ardente e é ungido com azeite de oliva e outros unguentos perfumados. Esses preparativos também facilitarão a purificação do veículo da alma, com o objetivo de torná-lo "redondo" (eútrokhon) para a ascensão. A purificação da alma é direcionada para aquietar as partes inferiores da alma, que não ascendem. Para este fim, as técnicas descritas em "Ascensão Contemplativa" são apropriadas.Claramente, essas habilidades não são desenvolvidas da noite para o dia; alguns deles requerem uma vida inteira de prática. Enquanto, por um lado, a purificação visa eliminar aquelas influências que podem impedir a subida, por outro, auxiliamos a subida por meio de sumbola e sunthêmata apropriados à Divindade que é nossa meta. Sunthêmata físico pode ser usado, ingerido ou colocado na área ritual. Sunthêmata não-físicos, como hinos, orações e cânticos, serão recitados em voz alta ou na mente do iniciado durante a subida. Intermediário entre as purificações e os súmbolas estão as apotrópaia, ou encantamentos de desvio, cuja finalidade é afastar os Daimones Materiais, conhecidos como os Cães de Hécate, pois ela é

"A condutora dos cães de água, terra e ar." (CO fr. 91)

(Para mais informações sobre Hekate, veja a Parte II, "Hekate" e "Espíritos Mediadores" acima.)

Os Daimones Materiais não são hostis, como às vezes se supõe, mas é sua função no Cosmos levar as Ideias à incorporação material. Assim, na subida nos opomos à sua atividade natural e, portanto, eles devem ser aplacados. Enquanto os Daimones Materiais são agentes da Procissão (*Próödos*), os Heróis são agentes do Retorno (*Epistrophé*). Portanto, os Heróis, especialmente Héracles, podem ser invocados para manter os Daimones Materiais afastados e facilitar a ascensão. Isso será mais eficaz se, por meio de um Sustasis anterior, você recrutou o Herói como um Paredros. Um *apotrópaion* pode ser um encanto físico pendurado ou amarrado no iniciado (chamado de *períapton*, "coisa amarrada"), ou pode ser menos material: uma oração apotropaica, canto ou hino. Os princípios de *sumbola* e *sunthêmata* se aplicam. Desta forma, o iniciado está "bem equipado" para a ascensão, "totalmente blindado" (*pánteukhos*) nos termos de Platão (Leis VII, 796C1). Usando a mesma palavra, a própria Hécate dá o exemplo nos Oráculos Caldeus (frag. 72):

"Por agora, equipado, todo blindado, eu me tornei Divino."

Passo UZ - Morte Simbólica e Pissolução

O próximo passo é um *Thánatos Authaíretos* simbólico (Morte Voluntária) seguido por um Funeral (*Kédeía*, *Kédos*) e um Enterro simbólico (*Entaphiasmós*). O procedimento deriva de uma interpretação esotérica do funeral de *Pátroclo* na Ilíada (XVIII.343-53). Os iniciadores (teurgista e assistentes) estenderão um pano de caixão (*strôma*) sobre o caixão com guirlanda (*klínê*) sobre o qual o iniciado será estendido. (O *klinê* é uma plataforma acolchoada na altura da cintura, mas uma cama comum ou esteiras no chão servem.) O klinê é orientado com os pés para a porta principal, se dentro de casa, ou para o Leste, se fora de casa, pois os mortos vão para o Outro mundo com os pés primeiro.

Para a Prótese (Deitada) o iniciado deita no esquife com a cabeça sobre um travesseiro. Os iniciadores espalham o kosmos, um manto fúnebre predominantemente branco, sobre o iniciado; o kosmos (ou pharos) representa a Mãe Terra, na qual o corpo do iniciado será enterrado (veja a Parte II, "O Casamento" no kosmos-pharos). Os iniciadores se posicionam ao redor do esquife, com o teurgo à frente do iniciado. Quando o iniciado se prepara para a morte voluntária, ele puxa o kosmos sobre o rosto. Os assistentes começam sua lamentação, mas o teurgo a interrompe, dizendo algo assim:

Euphêmeite! Mantenha o silêncio sagrado! "O que é esse grito estranho?" [Fedon 117D] "Que não haja tal lamentação, pois [Nome do Iniciado] escolheu morrer enquanto ainda estava em seu corpo". "O Fim [teleutê] deve ser em um silêncio sagrado" [Fedon 117D, um preceito pitagórico].

Segue-se a Anakaluptêria (Retirar o kosmos do rosto), em que o teurgo retira o kosmos do rosto do iniciado. A cabeça do iniciado é novamente é descoberta porque é a residência de seu nous imortal, que reside no crânio redondo, assim como o Nous Divino reside na Esfera Celestial. Após alguns ritos funerários adicionais, os iniciadores começam a cantar cânticos e hinos enquanto processam ao redor do esquife.

Para os *Entaphiasmós* (Sepultamento) os iniciadores voltam aos seus lugares ao redor do iniciado. O teurgo enterra simbolicamente o iniciado jogando três punhados de terra sobre ele; a terra impede o corpo do iniciado de poluir os Reinos Divinos e permite sua dissolução e separação da alma do iniciado.

Segue-se uma operação muito importante chamada Respirar e Impulsionar a alma (Anapnoê kai Psukhês Éxôsis). O teurgo agarra a cabeça do iniciado em ambos os lados e invoca os Ventos e Raios das Esferas para atiçar o fogo para separar a alma e o corpo do iniciado. Então o teurgo

aconselha o iniciado a se proteger com Luz Sonora e Força de Três Farpas¹⁷² em preparação para escalar os Raios. O teurgista pode dizer:

"Meu filho, quando tu tiveres vestido o Vigor completo de Luz Sonora, e equipaste tua mente e alma com Força de Três Farpas, então lance todo o Sinal da Tríade em teu peito, e assombre Canais empíreos, não dispersos, mas reunidos." (Oráculos Caldeus, fr. 2)

O teurgo começa a invocar a alma do iniciado, invocando a Força de Três Farpas, a Centelha da alma nascida do Pensamento do Pai, para extrair sua alma de seu corpo. Ele declara que o iniciado está vestido com Trajes Brilhantes, cingido pela Substância das Esferas, e ordena que eles concentrem seus nous sobre o *sumbola* e *sunthêmata*, e chama sua alma para sair para escalar os Raios de Fogo. O teurgo continua com várias fórmulas mágicas para evocar a alma, e os assistentes começam a entoar cânticos e hinos para ajudar na separação. Enquanto o teurgo invoca a alma, o iniciado se concentra em sua respiração e começa a respirar mais profunda e rapidamente, no ritmo do canto ou da música.

[110]

¹⁷² Centelha divina da alma.

Passo II - Ascensão Através das Esferas

Através dos estágios seguintes, os assistentes, sob a direção do teurgo, ajustam seu canto, hino ou outra música para ajudar na elevação da alma do iniciado. A partir de então, o iniciado pode respirar pela boca e entoar os cantos vocálicos, *Onoma Barbara* e *Voces Magicae* selecionados para auxiliar sua ascensão.

Depois de uma fase inicial de relaxamento, o iniciado pode experimentar a oposição dos Daimones Materiais. Pela atenção à Força de Três Farpas e outros *sunthêmata* do Um, e pelo apelo aos Heróis e *Kosmagoi* (Governantes dos Três Reinos) a ascensão através das esferas etéreas pode prosseguir. (Veja a Parte III, "Iunges, Teletarcas e Conectores", no *Kosmagoi*.) Em cada uma das esferas planetárias, o iniciado desiste (sacrifica) uma das camadas externas/inferiores de sua alma¹⁷³. Eventualmente, uma nova paz é alcançada, pois o iniciado repousa no Portão do Sol.

Uma vez que o iniciado tenha ascendido acima da esfera etérea, ele deve se concentrar em cantar o *sunthêmata* em sua mente e não em voz alta, pois está ascendendo através das esferas empíricas imateriais. Aqui o iniciado pode encontrar os Deuses, que podem auxiliar a ascensão. Visões dos Deuses são possíveis.

¹⁷³ O diálogo Poimândres, do Corpus Hermeticum, expõe com detalhes essa ascensão.

Passo II4 - Unificação (Henosis)

Em última análise, o iniciado pode ascender até o Inefável. Nesse pináculo transcendente eles estarão além da dualidade, além da linguagem e do pensamento conceitual; na verdade além de toda diferenciação e mudança. Neste reino eterno, além do próprio tempo, neste domínio de Aiôn, o iniciado experimenta a imortalidade e a deificação. (Lembre-se de nossas discussões sobre Aiôn na Parte I, "Teogonia", e na Parte III, "A Mônada e a Díade Indefinida"). A *henôsis* não pode ser descrita; pelo contrário, deve ser experimentada.

Passo II - Redescida

O Iniciado não pode permanecer no estado de unificação por muito tempo e, quando sentir sua dissipação, deve começar a descer e refazer as camadas de sua alma externa. O teurgo treinado perceberá que o iniciado está caindo do estado unitivo e auxiliará sua descida com fórmulas apropriadas, cânticos, canções, orações e hinos. Os métodos da Liberação Teúrgica (discutidos acima) podem ser usados para ajudar o iniciado a reanimar seu corpo.

Quando a descida está completa, o iniciado é "desenterrado" (ou seja, o Kosmos é removido) e eles sobem do esquife. Os iniciadores dão as boas-vindas ao iniciado renascido com alegres hinos de boas-vindas e louvor.

Como resultado da ascensão, o iniciado se transforma, renasce com uma nova alma. Embora tenham retornado ao mundo material, doravante sua alma mantém raízes plantadas no Uno. Com esta conexão permanente com a Fonte Transcendente da Divindade, o iniciado doravante encarna conscientemente a divindade na Terra.

A subida teúrgica é um rito difícil e, portanto, pouco frequente, para o qual podem ser necessários anos de preparação. Mas quando é bem sucedido, o iniciado é transformado em um *Theios Anêr* (Deus-Homem), um dos Seres Aperfeiçoados ou Imaculados (Akhrantoi), que por sua presença na terra trazem graça à humanidade e a toda a Natureza.

Isso completa nossa discussão sobre Teurgia e, portanto, nosso Resumo da Teologia Pitagórica. Vale!